



UNIVERSITÀ  
DEGLI STUDI  
DI PADOVA

## Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Magistrale in  
Lingue e Letterature Europee e Americane  
Classe LM-37

Tesi di Laurea

# *Longe do mar* de Paulo Moura: uma proposta de tradução para o italiano

Relatrice  
Prof. Sandra Bagno

Laureanda  
Alice Cosaro  
n° matr.1145714 / LMLLA

Anno Accademico 2018 / 2019



*Da minha língua vê-se o mar.*  
Vergílio Ferreira

*Quando penso no futuro, não esqueço o meu passado.*  
Paulo César Batista de Faria



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I.....</b>	<b>9</b>
1.1 O autor e a obra.....	9
1.2 A abordagem teórica à tradução .....	14
<b>Capítulo II: a proposta de tradução .....</b>	<b>18</b>
2.1 Profumo di mare .....	19
2.2 La strada.....	20
2.3 Vila Verde da Raia	
Mia madre e il contrabbando .....	22
2.4 Vila Pouca de Aguiar	
Il colore del granito.....	26
2.5 Tra Lamego e Bigorne	
Joaquina .....	30
2.6 Da Serra de Leomil a Viseu	
Ritorno nella terra del demonio .....	33
2.7 Viseu	
La ragazza che amò troppo .....	44
2.8 La fragilità.....	48
2.9 Abbandonati per strada .....	49
2.10 Deviazione per Serra da Estrela .....	51
Un vero pastore dorme in piedi	
2.11 I playboys di Tortosendo .....	54
2.12 Serra da Lousã	
La matta di Trevim.....	64
2.13 Da Sertã a Montargil.....	68
2.14 Per amore .....	69
2.15 Santiago do Escoural	
I tempi d'oro del Cinema Escouralense .....	76
2.16 Faro	
A ferro e libri .....	80
2.17 Iria.....	85
<b>Capítulo III: reflexões de natureza tradutória .....</b>	<b>105</b>
<b>Conclusões .....</b>	<b>111</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>114</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>119</b>



## Introdução

Em maio do ano passado, já no final do meu período de estudos ao abrigo do programa Erasmus na Universidade do Porto, participei ao evento “LeV Literatura em Viagem” organizado pela Câmara Municipal de Matosinhos. À saída, dei uma olhada à banca dos livros e, entre as inúmeras capas, uma chamou a minha atenção. Era quase totalmente em preto e branco, com apenas umas linhas amarelas alternadas a faixas brancas que mostram uma terra árida. A imagem fazia pensar num conjunto de faixas rodoviárias, como se fosse uma planície atravessada por muitas estradas paralelas, um mar de estradas cujos tamanhos vão se reduzindo até criar a impressão dum horizonte.

Antes que o próprio título, *Longe do mar* da autoria de Paulo Moura, era a capa que deixava pistas para adivinhar a essência do texto. E a apresentação, na contracapa, desvelou que se tratava de uma única estrada, a Estrada Nacional 2, que atravessa Portugal de Norte a Sul paralelamente ao oceano, mesmo permanecendo no interior do país. Trata-se, portanto, de uma estrada que corre longe do mar.

Este livro, da autoria do jornalista e escritor português Paulo Moura, conta a história duma viagem ao longo desta estrada afastada do mar, e de um interior do país em que outras estradas se cruzam, verdadeiras e imaginárias. Estradas das pessoas que têm vivido e continuam vivendo ao redor dela.

Esta perspetiva é o aspeto mais cativante do romance e o dado que logo despertou a minha curiosidade, pois coloca umas perguntas que dizem respeito à situação em que vivemos. Manter-se longe do mar se corresponde, por um lado, a escolher roteiros menos conhecidos, mas, por outro, impõe responder a algumas perguntas. Como, por exemplo, quem é e como vive a pessoa que prefere se manter, num país como Portugal, longe do mar; quer dizer, afastado daquela que, há séculos, representa a porta de entrada e de saída privilegiada de e para o mundo? Tratar-se-á apenas dum ponto de vista – o de quem põe-se a observar do interior do país? Ou tratar-se-á duma escolha, dum intencional afastamento do mar?

Foi, portanto, a curiosidade por uma viagem pelas zonas menos conhecidas de Portugal que me levou a escolher este livro e a avançar, na minha tese de mestrado, uma proposta de tradução para a língua italiana. Com a esperança de aproximar o potencial leitor italiano à realidade narrada, posto que o romance até agora ainda não foi traduzido.

Em relação à abordagem à tradução do ponto de vista teórico, a minha proposta assenta num conjunto de reflexões selecionadas com o objetivo de atender, por um lado, à tipologia do texto, e, pelo outro, às marcas culturais que o caracterizam. A uma análise de tipo funcionalista da obra juntei uma abordagem descritiva que valorizasse o contexto cultural em que a mesma foi produzida. Portanto, o presente trabalho foi realizado à luz, principalmente, da interpretação que Gideon Toury apresentou em *Descriptive translation studies and beyond*, nomeadamente um afastamento da aplicação de natureza prescritiva à tradução, em benefício duma abordagem que abranja a mesma enquanto produto, processo e função.

Porém, apesar disso, avancei com uma proposta de tradução que vai numa direção, de certa maneira, oposta àquela focalizada pelo linguista israelita. Uma vez que se trata duma proposta mais centrada no prototexto do que no metatexto, na tentativa de aproximar o mais possível o potencial leitor italiano à realidade narrada por Moura. Esta escolha foi ditada pelo próprio texto, pois ele se apresenta como uma reflexão sobre o passado do país e a relação deste com o seu presente, além de ser um repositório de experiências cuja memória há de ser preservada.

Este trabalho juntou, por um lado, as matérias que abordei ao longo do meu percurso académico, e por outro as experiências vividas no estrangeiro graças ao programa Erasmus. Neste contexto, tive a oportunidade de aprofundar, precisamente, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o estudo da literatura contemporânea em língua portuguesa e das teorias de tradução.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No capítulo 1 debruçei-me na apresentação da obra e do autor, em Itália de fato desconhecido, e das teorias escolhidas na abordagem à tradução. O capítulo 2 inclui a minha proposta de tradução para o italiano. No capítulo 3 apresentei os desafios que encontrei na hora de traduzir o texto escolhido e as estratégias adotadas para solucioná-los.



## Capítulo I

### 1.1 O autor e a obra

Ainda desconhecido em Itália, Paulo Moura é jornalista, escritor e professor de jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. Há mais de vinte anos colabora com o jornal *Público*, para o qual foi também correspondente permanente nos Estados Unidos, Canadá e México.



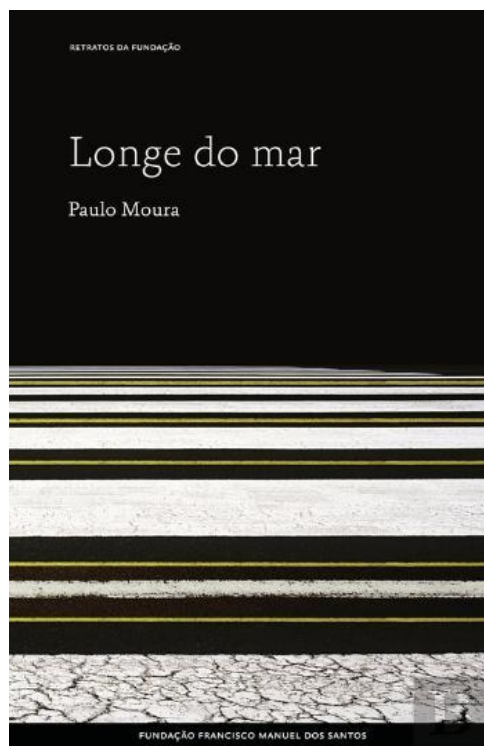
Ao longo da sua carreira realizou **Paulo Moura** reportagens em zonas de conflito como Kosovo, Afeganistão, Iraque, Tchetchénia, Argélia, Angola, Caxemira, Sudão, Líbia. Reportagens pelas quais foi galardoado com vários prémios de jornalismo nacionais – como o Prémio Gazeta de Jornalismo em 2011 – e internacionais – como o Prémio de jornalismo “O futuro da Europa” em 2001. Colaborou com revistas internacionais como a *Harper’s Magazine*, o *New York Times* e o *Courrier International*. Entre as obras publicadas destacam-se *Passaporte para o céu* (2006), uma reportagem sobre a imigração ilegal na Europa, *Depois do fim: crónicas dos primeiros 25 anos da guerra de civilizações* (2016), uma crónica que abrange os últimos trinta anos de história, desde a caída do muro de Berlim até a crise dos refugiados, e *Uma casa em Mossul* (2018), em que propõe uma tentativa de compreender as dinâmicas por trás da organização do Estado Islâmico. Entre os livros dedicados a Portugal encontra-se *Extremo ocidental: uma viagem de moto pela costa portuguesa de Caminha a Monte Gordo* (2016) que em 2018 venceu o Grande prémio de Literatura de viagens Maria Ondina Braga.

Publicado em 2013 pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, *Longe do mar* resulta duma série de contos de viagem que o autor foi publicando no site do jornal *Público* no verão de 2007, quando viajou de Norte a Sul de Portugal pela Estrada

Nacional 2. Portanto estamos perante uma obra que, em princípio, foi projetada para ser divulgada numa plataforma em linha, e que só num segundo momento subiu um

processo de reorganização para que resultasse numa obra unitária. Estas mudanças, entre a fase da primeira redação e a publicação em formato impresso, ocorrida cinco anos mais tarde, dificultam a classificação da mesma a nível de gêneros literários e colocam a própria obra entre o âmbito do jornalismo literário e a narrativa breve. Os 17 capítulos dividem-se entre os contos, que remontam à primeira redação e representam a maior parte da obra, e os capítulos acrescentados com vista à publicação. Refiro-me ao capítulo 1, breve apresentação autobiográfica da infância do autor passada numa vila longe do litoral português; ao capítulo 2, que inclui algumas informações sobre o itinerário, a viagem e o seu andamento, introduzindo também uma personagem central da obra; ao capítulo 8, uma rápida intromissão do autor no desenvolvimento da narração; e ao capítulo 17, o conclusivo.

O fio condutor da obra é a própria Estrada Nacional 2, a mais extensa do país com um comprimento de 738 km que unem Chaves a Faro. Resulta da união de troços já existentes antes da aprovação do Plano Rodoviário Nacional de 1945, que, para a EN2, previa um papel de promotora do desenvolvimento económico do interior do país, paralela e alternativa à rota do litoral. Infelizmente acabou por ser descartada, pois os fluxos de mercadorias e pessoas evoluíram no eixo Leste-Oeste: noutras palavras, em direção à costa ou a outros países europeus. Passado o tempo em que esta estrada podia traduzir-se no elo de união entre o Norte e o Sul do país, atualmente apenas restam os incómodos vestígios do projeto inicial, que lembram aos viajantes a condição de abandono desta zona e acabam por ser obscurecidos pelas rápidas e luzentes autoestradas. A EN2 sofreu um destino parecido ao das estradas da Beira Interior mencionadas no último capítulo, que ligam pequenas aldeias como Lazarim, Meijinhos



e Pretarouca e que, em vez de atrair as pessoas, serviram de via de fuga; projetada para afastar o país da pobreza, tornou-se num símbolo da mesma.



**Mapa das unidades territoriais de Portugal**



**Mapa da rota da Estrada Nacional 2**

Contudo, recentemente parece que haja uma alternativa ao abandono total da EN2. Mesmo não servindo de propulsor para o progresso económico e industrial, há alguns anos surgiram iniciativas para revitalizá-la como itinerário turístico dirigido aos mercados nacional e internacional. Com este propósito, em 2016 os 32 municípios atravessados pela EN2 juntaram-se na Associação de Municípios da Rota da Estrada Nacional 2. Circunstância que se acrescenta à publicação de dois guias turísticos que promovem a riqueza geográfica e histórica da rota. O êxito da campanha de promoção turística já alcançou a outra margem do oceano, pois a EN2 foi incluída na lista de destinos aconselhados pelo guia de viagens da destacada editora norte-americana Frommer's.

Na contracapa lê-se que *Longe do mar* é uma viagem pelo interior de Portugal, mas cabe acrescentar que não se limita a ser uma viagem física no espaço, pois ela acontece, igualmente, também no tempo. Através do conto da vida na aldeia que sobrevivia graças ao contrabando nas décadas de 1960 e 1970, apesar da presença constante dos agentes da PIDE, passando pelas histórias de quem ainda pratica antigas profissões como a do pastor e do ferreiro, até as festas de verão que reúnem multidões em aldeias semi-vazias nas restantes estações do ano, esta obra desafia o leitor a olhar para trás e refletir sobre as alterações que atravessaram o país nos últimos sessenta anos. Neste contexto insere-se o tema recorrente da emigração, pois é só considerar que a zona do país envolvida na viagem não experimentou o crescimento económico registado nas cidades mais próximas à costa e nas suas redondezas na década de 1960.

Entre as vagas de emigração que afetaram Portugal ao longo do século XX, a que se produziu naquele período foi a mais consistente, atingindo as “120’239 saídas legais” em 1966 [Arroteia, 1983:21], às quais cabe acrescentar as saídas clandestinas, estimadas em 42’500 por ano [Id:22]. Entre os finais da década de 1950 e 1974 o país chegou assim a registar uma perda de cerca de um milhão e meio de habitantes [Léonard, 2017:165], um dado significativo se considerarmos que, na época, a população portuguesa contava com apenas 8,5 milhões de pessoas [Id:166].

As zonas mais afetadas por este fenómeno foram o Minho e a região da Beira Interior [Pedroso, 2012:25], sendo os agricultores os que mais recorriam à solução da emigração para escapar à pobreza. Os principais destinos europeus eram França, Alemanha e Suíça, mas em *Longe do mar* mencionam-se igualmente a ilha de Jersey, no Canal da Mancha, o Luxemburgo e, além das fronteiras europeias, os Estados Unidos e o Brasil. Na maior parte dos casos as histórias reunidas pelo autor estão ligadas a esse passado de pobreza simbolizado pela Estrada Nacional 2. A sensação de abandono culmina no final do capítulo 6, na descrição da procissão celebrada em Arcas, cujos participantes são “a miragem de um país à parte, a fazer o seu próprio caminho. Um país sozinho” [Moura, 2013:44]. O povo da procissão é o que representa a região que fica longe do mar. Região, aliás, que foi obrigada a virar-lhe as costas para sobreviver. É nesta perspetiva que a distância do mar – a que o título se refere – não é apenas geográfica, mas torna-se algo indispensável aos fins da sobrevivência. No fundo, embora seja fisicamente ausente nos cenários atravessados ao longo da viagem, o mar é

mencionado e lembrado várias vezes: na “imensidão de serras azuis e suaves como ondas” [Id:26], na planície alentejana “azulada, imensa, como o mar” [Id:93].

A essência do mar enquanto porta de entrada das riquezas portuguesas manteve-se inalterada no tempo e a distância dele provoca, na melhor das hipóteses, frustração e perda de confiança no futuro, quando não se traduz em pobreza, exploração, emigração.

Do ponto de vista lexical, além daquele ligado ao mar, há um léxico ligado à natureza que perpassa a obra na sua totalidade, pois são numerosas as descrições de paisagens a que, ao longo da viagem, o autor dedica suas reflexões. Trata-se, por vezes, de uma natureza exuberante, quase inalterada pela ação humana, como na Serra da Lousã onde se experimentam “mais domínio, mais tontura, mais assombro” [Id:79].

Noutras ocasiões, a natureza mostra seu lado mais ingrato ou torna-se num meio de expressão de sensações suspensas, como nos arredores de Foros do Arrão onde “Os eucaliptos não aplacam as tempestades. Agitam-se e chocalham num pânico inútil, como se, através deles, vibrasse toda a demência que anda no ar”. [Id:88]. Outras vezes aparecem com maior evidência umas pessoas, como o antigo trabalhador dos lanifícios que tem a “pele talhada como um pedregulho” [Moura, 2013:71], ao lado de contextos como os destroços das fábricas do Tortosendo, transformados em “colinas ou árvores centenárias” [Id:63].

A natureza, terrestre, ganha uma aparência extraterrestre no capítulo 5 onde se encontram “planuras invadidas por asteróides de granito” [Id:25], e no penúltimo capítulo quando “reina a ilusão de que os dois astros coexistem no céu. De que estamos numa nave em pleno “looping” numa montanha russa do Universo” [Id:100].

Em relação à organização do texto, as passagens de descrição da estrada e da paisagem ao redor alternam-se às histórias frequentemente contadas pelos protagonistas, dedicando o autor a cada um a possibilidade de expor a própria versão: o antigo traficante e o ex agente da PIDE, o herdeiro duma família de ricos industriais e o operário dos lanifícios.

Porém, se separamos (teoricamente) o primeiro capítulo, destaca-se a estrutura circular da obra com a centralidade, no livro, da história de Iria, personagem mencionada no segundo capítulo, e da sua mãe, Joaquina, que abre e encerra a narração. O caso bizarro da mulher que viveu e criou sozinha a filha numa pequena aldeia agarrada aos montes despertou a curiosidade do autor, que procurou Iria em vão durante

anos, até o momento em que conseguiu encontrá-la e descobrir a razão dum isolamento durado quase vinte anos. Quer Joaquina quer Iria engravidaram quando inda novas mas não tinham marido e nunca se casaram: motivo suficiente para serem consideradas um perigo pelas outras mulheres da aldeia. Por isso, quando Joaquina é descrita como “a mulher perdida na aldeia perdida” [Moura, 2013:29], o adjetivo “perdida” há de ser entendido na dupla conotação de mulher esquecida e de mulher de maus costumes.

De todas as histórias reunidas ao longo da viagem, esta foi a escolhida para lembrar ao leitor como era Portugal há sessenta anos e quão impiedoso era o juízo duma sociedade que assentava na fórmula resolutiva Deus, Pátria, Família.

Em definitiva *Longe do mar* tira uma fotografia do Portugal do passado e convida a refletir sobre o presente em função deste passado, coloca questões que não encontram respostas e deixa que seja o leitor a ir à procura delas. Talvez ao longo daquela estrada esquecida, longe das praias lotadas e das cidades atravessadas pelos turistas à procura de uma autenticidade já quase esgotada, de onde ainda hoje é preciso manter-se afastado para não ser abandonado.

## **1.2 A abordagem teórica à tradução**

A abordagem metodológica adotada resulta de umas escolhas feitas num conjunto de teorias da tradução relativas aos níveis das micro e macroestruturas textuais que, se consideradas de forma isolada e unívoca, não permitiriam resolver os desafios que o texto de partida coloca, especialmente em se tratando de um texto literário, como neste caso.

À eterna questão relativa à natureza da prática tradutória, o teórico da tradução Jiří Levý respondeu com a introdução duma distinção entre o plano teleológico e o plano pragmático: se abordarmos a tradução, no primeiro plano, como um processo de comunicação, a mesma passa a ser, no segundo, um processo de tomada de decisões [Levý, 2005]. Portanto, a decisão torna-se o princípio norteador no processo tradutório que, na prática, aplica-se igualmente numa fase prévia à tradução em si.

Antes de avançarmos com a tradução em sentido estrito, foi necessário escolher a linha metodológica a ser adotada neste específico caso. Entre as várias possíveis, foi avaliada a proposta de Lawrence Venuti de colocar a abordagem no extremo da

‘domesticação’ ou naquele da ‘estrangeirização’: optar pela domesticação implicaria “an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values”, enquanto optar pela estrangeirização comportaria “an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text” [Venuti, 1995:19, 20].

Como acima adiantado, *Longe do mar* é um texto rico em elementos próprios da cultura portuguesa, além de relatar e questionar algumas evoluções que a atravessaram no século passado. Assim sendo, recorri à visão sugerida pelo teórico da tradução Gideon Toury na obra *Descriptive translation studies*, em que, além de lembrar que o processo de tradução não envolve apenas duas línguas, mas também duas tradições culturais, o linguista aponta que, por via de regra, é preciso escolher entre o eixo fonte e o eixo alvo [Toury, 1995:32]. Movendo o foco de atenção da língua para a cultura, Toury convida o tradutor a se interrogar sobre qual postura assumir em relação à cultura do texto de partida e que abordagem adotar para veiculá-la, se for esse o caso, no texto de chegada. As estratégias de tradução de Toury recuperam a oposição teorizada por Friedrich Schleiermacher no século XIX – também citado por Venuti em *The translator’s invisibility* – e resultam na dicotomia *source-oriented*, orientada ao prototexto, e *target-oriented*, orientada ao metatexto, diretamente associada à oposição entre o princípio de ‘adequação’ e de ‘aceitabilidade’, igualmente avançada por Toury na década de 1980. De acordo com o princípio de adequação, a minha proposta de tradução adapta-se ao prototexto mantendo as marcas da cultura alheia; por exemplo, manter a palavra “pimba” no texto de chegada, acompanhada por uma nota de rodapé, responde a esta decisão. Nesta perspectiva, sendo a minha intenção proporcionar, na medida do possível, o contacto do leitor italiano com a dimensão cultural portuguesa, optei por uma tradução orientada ao prototexto, ou, aplicando a dicotomia de Venuti, uma abordagem de estrangeirização, tendo em conta que a minha intervenção, na qualidade de tradutor, seria menos invisível.

A nível de microestruturas textuais fundamentei a minha pesquisa também nas orientações teorizadas pelo linguista e tradutor Eugene Nida, especialmente nas noções de ‘equivalência formal e dinâmica’. No primeiro caso, foca-se a atenção na mensagem em si, em termos de forma e conteúdo [Nida, 2005]; enquanto no segundo o objetivo é a total naturalidade da expressão em questão [*Id.*]. Uma abordagem formal resulta na

assim definida “gloss translation”, delineada “to permit the reader to identify himself as fully as possible with a person in the source-language context, and to understand as much as he can of the customs, manner of thought, and means of expression” [Id.:129].

A relação que assim se estabelece no processo de recepção dos elementos da cultura de partida, permite refletir sobre o exercício de afastamento do universo cultural de cada um, pois

“ [...] o objectivo da tradução é entender a alteridade como entidade autónoma e não a partir de um ponto de vista etnocêntrico que focaliza o outro como contrário, ou contraste do próprio. [...] trata-se de tornar presente a outra identidade, na sua função de *rapport* com a própria identidade” [Frei, 2002:30].

Na análise da obra recorri também ao modelo funcionalista de Christiane Nord. Se, por um lado, este modelo apresenta algumas limitações quando aplicado à tradução de textos literários, por outro lado representa uma ferramenta útil na análise de vários fatores a ter em vista independentemente da tipologia textual; o modelo prevê uma divisão entre fatores extratextuais, que incluem o produtor e o emissor do texto e as suas intenções, o público receptor, o meio através do qual o texto é transmitido, o lugar e o tempo da comunicação, o motivo para a produção do texto e a sua função, e os fatores intratextuais, a saber o estilo, os temas abordados e o conteúdo do texto, bem como a estruturação do mesmo, os elementos não verbais, o léxico e a sintaxe. Na determinação da tipologia textual, a teórica retoma a definição de textos complexos, proposta por Katharina Reiss, que se pode aplicar a um texto de determinado gênero que “está inserido dentro de um hipertexto pertencente a outro gênero” [Nord, 2016:79]. É o caso do texto em análise, ou seja, um conjunto de reportagens projetado para ser publicado em formato *online* e direcionado a um público definido, que passa por uma fase de reorganização e é incorporado numa obra de narração. Assiste-se, portanto, à mudança de muitos dos fatores extratextuais, nomeadamente o emissor e eventualmente as suas intenções, o receptor e o meio de transmissão. Elementos que foram considerados na hora de traduzir *Longe do mar*.





## Capítulo II

### A proposta de tradução

*Lontano dal mare*

Indice

1. Profumo di mare .....	18
2. La strada .....	19
3. Vila Verde da Raia Mia madre e il contrabbando .....	21
4. Vila Pouca de Aguiar Il colore del granito.....	25
5. Tra Lamego e Bigorne Joaquina .....	29
6. Da Serra de Leomil a Viseu Ritorno nella terra del demonio .....	32
7. Viseu La ragazza che amò troppo.....	43
8. La fragilità .....	47
9. Abbandonati per strada.....	48
10. Deviazione per Serra da Estrela Un vero pastore dorme in piedi .....	50
11. I playboys di Tortosendo .....	53
12. Serra da Lousã La matta di Trevim .....	63
13. Da Sertã a Montargil.....	67
14. Per amore.....	68
15. Santiago do Escoural I tempi d'oro del Cinema Escouralense.....	75
16. Faro A ferro e libri .....	79
17. Iria.....	84

## 1. Profumo di mare

Vivevamo ad Águeda. I miei genitori, dipendenti statali, lavoravano là e si ritenevano soddisfatti. Vicino a Coimbra e Aveiro, tagliata a metà dalla EN1<sup>1</sup>, Águeda era considerata una “bella zona”. Secondo i miei genitori aveva solo un difetto: era lontano dal mare.

Io e i miei fratelli non capivamo quest’ossessione quasi nevrotica, come se vedere il mare, trovarsi vicino a esso e sentirne il profumo fossero, di per sé stessi, degli obiettivi nella vita. Come se il mare giustificasse un’intera esistenza.

Erano i primi anni 70 e il Portogallo era, probabilmente, uno dei paesi più noiosi del mondo. In una cittadina come Águeda non c’erano cinema, né teatri, né concerti, né bar, né discoteche, nemmeno una libreria o un negozio di dischi, neanche un centro commerciale. Era perfetto per un bambino perché gli amici erano l’unico divertimento, ma la vita di un adulto intelligente e curioso, com’erano i miei genitori, nella piccola Águeda degli anni 70 dev’essere stata un incubo.

Dunque avevano un’ossessione per il mare. Quasi un’ostinazione, una mania, un vizio, un’arma contro l’affanno. “Questo fine settimana dobbiamo andare a vedere il mare” cominciano a dire il martedì. Io e i miei fratelli pensavamo: “Che grande rottura. Un’altra volta con ‘sta storia di lasciare la macchina vicino alla spiaggia di Costa Nova o di Mira, e restare là a guardare il mare e basta”.

Ma le settimane erano lunghe così i miei genitori trovarono un modo semplice, rapido ed economico per placare la propria ossessione. Sulla nazionale, dieci chilometri a nord, c’era un bar alla stazione di servizio. Un posto davvero orribile chiamato le Cantine Primavera. I miei genitori garantivano che certi giorni, principalmente in autunno, quando un vento particolare soffiava, lì si poteva sentire il profumo del mare.

Prendemmo l’abitudine di andare a bere qualcosa alle Cantine Primavera quasi tutti i pomeriggi dopo il lavoro. Io non ci trovavo niente di interessante, ma l’allegria dei miei genitori era contagiosa. Inalavano quella brezza profumata, acidognola e densa, si riempivano i polmoni di quella bava di vento salato, umido, fitto e intenso, e l’espressione sui loro visi si trasformava all’istante. Ridevano, raccontavano storie, parlavano di progetti futuri, e ritornavamo a casa rinvigoriti e rilassati.

---

<sup>1</sup> Strada Nazionale 1.

Per anni le Cantine Primavera furono il balsamo della nostra vita, soltanto grazie a quel profumo. A volte non era nemmeno necessario arrivare a destinazione. Con il vento giusto, l'odore cominciava a sentirsi a metà strada. Altre volte era necessario proseguire un po' per raggiungerlo. Così facevamo alcuni chilometri in più. Mia madre scriveva poesie, mio padre illustrava teorie sui venti e sulle maree. Non potevamo vivere senza l'odore salmastro delle Cantine Primavera. Un giorno successe una cosa terribile.

Stavamo prendendo il caffè di fine pomeriggio nella nostra località da sogno quando comparve un conoscente dei miei genitori. Si sedette al nostro tavolo, avviarono una conversazione di circostanza e a un certo punto sentii mio padre che diceva: "...questo odore che si sente qui...".

L'altro fece una smorfia. "Beh, è molto sgradevole", disse. "Viene dalla Cacia, la fabbrica di cellulosa. Quando il vento tira in questa direzione è tremendo!". E cambiò argomento.

I miei genitori non dissero nulla. Tornammo a casa in silenzio. Il Portogallo era il paese più triste al mondo e noi, beh, noi dovevamo trasferirci sulla costa.

## **2. La strada**

Il viaggio è iniziato nel luglio del 2007. Sono partito da Vila Verde da Raia, 10 chilometri a nord di Chaves, diretto verso sud, a Faro. La strada nazionale numero 2 è lunga quasi 800 chilometri. Fu costruita in più fasi, cominciando da tratti preesistenti del secolo XIX, a partire dagli anni 40 del secolo XX, in un'epoca in cui l'entroterra del paese non era ancora spacciato. O non si sapeva che lo fosse. La nuova strada avrebbe dovuto collegare città importanti, allo stesso tempo un'arteria cruciale che attraversava il paese al suo interno, e la sua spina dorsale, mantenendolo così intero, vivo e prospero.

Oggi è facile intuire che il movimento lungo la EN2 non si è sviluppato tra nord e sud, ma da est a ovest. La strada è stata interrotta dal traffico. Lo spopolamento dell'entroterra ha trasformato la più lunga strada portoghese in un fossile di sé stessa.

In alcuni tratti furono costruiti i raccordi con le autostrade, gli IP (Itinerari Principali), in altri il percorso è stato lasciato in abbandono. Colei che era stata concepita per unire, ora è un simbolo della frammentazione.

Allo stesso modo il mio percorso non è stato lineare, continuo. Questo era il piano, ma sono successe molte cose. Durante le prime settimane è andato tutto più o meno come previsto. Avanzavo di qualche chilometro, conoscevo persone, scoprivo storie e scrivevo reportage per Público. Nell'agosto del 2007 una rubrica intitolata Estrada Nacional 2 è stata pubblicata quotidianamente. Ma già allora era difficile mantenere la disciplina. A volte era necessario tornare indietro, percorrere molti chilometri verso sud o verso nord per rintracciare una certa persona, arrivare sul più bello di un evento o informarsi sul suo sviluppo. Non erano i cartelli stradali a tracciare la mia rotta, ma le storie. Alcune mi hanno spinto a tornare sul posto mesi o anni dopo. La rubrica per Público si è conclusa, ma io ho continuato alla ricerca di storie lungo la Nazionale 2 e nei dintorni. La strada in sé non era il tema, ma solo il pretesto, il filo conduttore di una realtà dalle caratteristiche comuni a tutte le longitudini. La desertificazione, il paese trascurato, il paese numero due. Là, in quella dimensione di desolata armonia, la strada tornava ad essere strumento di unione.

Le sue città e paesi, i suoi incroci e rotonde erano come vertebre di un animale ferito e diffidente, domato e riscattato mano a mano che mi ci avvicinavo. Un essere che si lasciava scoprire, si rivelava, si arrendeva ai miei interrogativi, sempre più impertinenti, più puntuali.

Queste domande mi fecero girare in tondo, allontanare dalla strada e tornare a essa, ricapitolare tragitti, recuperare fili narrativi. Non sempre trovavo delle risposte. In alcuni casi le ho cercate per anni. Iria è stato uno di quei personaggi che mi hanno mantenuto aggrappato alla Nazionale 2. Dove si trovava la figlia di Joaquina, la donna che visse vent'anni da sola in un villaggio? Mi sono imbattuto in questa storia già durante la prima settimana di viaggio, nella zona di Lamego. Il villaggio di Anta, sulla cima di un monte, è abbandonato da decenni. Le condizioni di vita erano troppo dure e gli abitanti si trasferirono a Mazes, un centro abitato più accogliente, ai piedi del monte. Se ne andarono tutti tranne una donna, che rimase là da sola. È ancora viva, l'ho incontrata a Mazes. Parlando con lei ho capito che alla fine non rimase sola. Joaquina aveva una figlia che era nata nel villaggio e aveva vissuto là con la madre dopo che tutti se n'erano andati. Iria visse sulla cima del monte, solo con la madre, fino ai vent'anni.

Volevo incontrare Iria, ma la madre non sapeva dove fosse. A Mazes nessuno sapeva dove fosse Iria. Dicevano che se n'era andata in Alentejo, a Évora. Ma non

sapevano l'indirizzo o il numero di telefono. Si era sposata, aveva avuto figli e nipoti, talvolta veniva a trovare la madre, senza preavviso.

Per tutto il resto del mio viaggio ho provato a scovare Iria. Volevo conoscerla, portarla ad Anta, nei luoghi dove aveva giocato, senza un solo amico, dove pascolava le pecore e le capre, dove aveva patito la fame e il freddo. L'ho cercata in Alentejo, sono tornato a Mazes molte volte, senza risultati. Finché un giorno, cinque anni più tardi, ho ricevuto una telefonata...

### **3. Vila Verde da Raia**

#### **Mia madre e il contrabbando**

Elisa aveva 31 anni, 5 figli, un marito disabile, una mucca, una cavalla e tutta una vita davanti. "Sono stata la più potente delle donne", dice. In cosa? In lontananza si vede il monte del confine, dolce, nascosto tra i tetti delle appariscenti case degli emigrati. Elisa, che oggi ha 71 anni, tende le labbra come la corda di un arco, e tira: "Sono stata la più potente delle donne".

Quando il marito iniziò a soffrire di quell'ulcera varicosa che gli avrebbe impedito di lavorare per sempre, il maggiore dei figli, Fernando, aveva 11 anni. Di punto in bianco era lui l'uomo di casa. All'alba, mentre i più piccoli dormivano, Fernando ed Elisa andavano all'avventura. Di solito era lei che rimaneva di qua a controllare, trattenendo la cavalla. Agile e leggero, Fernando passava il confine saltando il torrente, raccoglieva la merce per poi saltare sul dorso della cavalla. Poi galoppavano verso il villaggio. Si divertiva un mondo. Anche quando era lui a restare con la cavalla, facendo attenzione agli agenti di turno. Elisa traversava il torrente con l'acqua alla vita, carica di cesti di uova o scarpe e tessuti, seta, fustagno, coperte, pesce e carne, polpi, frutta secca, farina, latte, caffè, olio, caramelle. Fernando teneva d'occhio gli agenti, faceva segni alla madre, in caso di pericolo escogitava diversivi per distrarli. Elisa doveva solo preoccuparsi di poggiare un piede in territorio portoghese. Da quel momento in poi, Fernando prendeva il controllo. Era lui che avrebbe portato la merce di contrabbando al "boss" che l'aveva ordinata.

Si contrabbandava qualsiasi tipo di prodotto, in entrambe le direzioni. Dipendeva dal periodo. Durante la guerra civile erano gli spagnoli che venivano qua a

prendere un po' di tutto. Successivamente fu il contrario. In alcuni periodi c'erano agnelli che andavano da qua a là e vecchi montoni che venivano da là a qua. "Andavano in Spagna a cercare carne putrida". Questo è Delmar, che sa di cosa parla. "Ci sono ancora scheletri sparsi sul monte. Venivano dall'Olanda diretti ai macelli portoghesi. Morivano durante la traversata. Di là andavano gli asini".

Fernando ricorda di aver visto 500 asini nascosti vicino al cortile della madre. "Si diceva che servivano per il salame spagnolo".

Li usavano per lavorare. Ma ne nascevano troppi e nessuno pensò di usarne la carne. Di solito venivano affogati. Esiste perfino un tratto del fiume che chiamavano "sponda degli asini". Dopo iniziarono a mandarli al confine, quel luogo corrotto che trasformava tutto in oro.

Il confine era un andirivieni e uno stile di vita per quasi tutti a Vila Verde da Raia, finché non scomparve, negli anni 80 ormai. Non era rimasto più nulla.

Lavorare la terra come bracciante non bastava per placare la fame. Il contrabbando era pericoloso ma redditizio. Due *escudos* e cinquanta *centavos* per un paio di scarpe, un *escudo* e cinquanta per un chilo di caramelle, dieci *escudos* per una coperta. "Ci bastava per sopravvivere", dice Elisa, che con Fernando faceva in media due "scappate" al giorno. "È per questo che non sono emigrata. Non avrei lasciato che i miei figli crescessero senza disciplina. Qui si pativa la fame. Ma a me non è mai mancato il pane".

\*

Madre e figlio si occuparono di contrabbando per sei anni. Poi Fernando iniziò a lavorare nell'edilizia, di giorno. Di notte si dedicava al contrabbando serio, da adulti.

A Vila Verde da Raia non c'è quasi nessuno che non l'abbia fatto. Nel bar sul ciglio della Nazionale 2 i vecchi amici riuniti ricordano i bei tempi. "C'erano molte bande, ma non erano potenti come la camorra. Più che altro erano furfantelli.": questo è Luis Nogueira, 74 anni, ex sergente dell'esercito. "Era tutto un segreto, non potevi parlare. C'erano gli agenti, c'era la Pide. Ma io ho visto molte cose".

Questo è Arménio Rodrigues, 86 anni, contrabbandiere da quando ne aveva 15: "Una volta mi hanno beccato con due prosciutti. Eravamo in cinque o sei, tutti in fila, di notte, non si vedeva niente. 'Vai piano' ho detto a quello dietro di me. Ma stavo

parlando a un agente che si era inserito tra di noi. Si è tenuto i prosciutti e mi ha lasciato andare”.

Succedeva la maggior parte delle volte. Gli agenti si tenevano la merce che poi avrebbero rivenduto. Era il meccanismo del ladro che ruba al ladro. Arménio vide rubare di tutto: “Io stesso sono stato testimone del caso di una donna che abita lì giù. L’agente ha detto che anche le scarpe erano di contrabbando e se le è tenute. Ad un ragazzo hanno confiscato il basco”.

Luis racconta della vicenda di “un uomo in uniforme” e “una cieca”. Non vuole menzionare i nomi. “La cieca veniva dal confine con un carico di banane in testa e l’uomo si è avvicinato, le ha strappato le banane e le ha messe nel baule dell’auto. Poi è andato a venderle alla bottega. Io ho visto tutto. Era una cieca, una povera non vedente”.

L’indignazione spinge Arménio ad avanzare pesanti accuse, per quanto tardive: “Io so anche che qualcuno, in quel periodo, era coinvolto in faccende losche con la cieca”.

“Era una tristezza infinita”. Questo è Luis che guarda indietro, verso le assurde vite che li hanno condotti, lui e i suoi amici, fino a questo pigro bar sul ciglio della strada. “Eravamo affamati e maleducati. Eravamo dei selvaggi”. Ora parla Arménio che poi emigrò in Lussemburgo e in America: “La violenza era dappertutto”. Ora è lui a cercare un senso alle storie che si scagliano addosso come se fossero insulti. “Anche noi facevamo sempre a botte. Guarda qua i segni sulle mie gambe”.

La risata di Luis: “Quello te l’ha fatto la professoressa. Facevi così tanti errori...” Ora Arménio mostra una cicatrice sulla nuca: “Una volta mi ha dato la lavagnetta in testa. Sono svenuto”.

Luis non scherza più: “Gli agenti picchiavano. A volte ammazzavano”.

“Ammazzavano?” Arménio tenta di prolungare il tono scherzoso e giovanile. Luis si toglie il cappello che gli dava un aspetto buffo: “Ammazzavano! Pensa a Hermínio, cugino di Zé Careca”.

“Beh, è vero. Il cugino di Zé Careca”. “E Jeremias, lo zio di Delmar?”.

“Quello è stato con un colpo di pistola, la notte di Natale. E quell’altro, quello con una tanica d’olio? L’hanno ammazzato di botte”.

“E quella ragazza di Vila Nova de Foz Coa? Aveva 16 anni”.



“C’è molta gente seppellita là al cimitero che non sappiamo chi è. Non c’è neanche il nome sulla lapide”.

“Beh, ma quelli erano le ‘pecore’”.

Venivano da fuori per passare il confine clandestinamente. Vila Verde si trovava sulla rotta dell’emigrazione illegale. Spesso venivano in gruppi – per questo li chiamavano “pecore”. Altre volte erano da soli, disorientati. I trafficanti li abbandonavano vicino al confine dopo avergli estorto una fortuna.

“Uno è venuto da me e mi ha detto: ‘Ti do 500 *escudos* per far passare questo tizio’. Io mi sono incamminato, accennando al sentiero, sempre a una certa distanza per poter scappare nel caso arrivassero gli agenti – i finanziari e la Pide”. Questo era l’amico di Luis. E questo è Luis, ancora impaurito: “È meglio non parlare di queste cose. Con la Pide la faccenda era più seria. Gli agenti della Pide e le guardie abitavano tutti qui a Vila Verde. Ci abitano ancora”.

Arménio con un sorriso astuto: “Noi conoscevamo gli agenti. Bevevamo con loro, giocavamo d’azzardo. Ma di notte non guardavano in faccia nessuno. Si ubriacavano al Malaguetas e poi andavano a catturare i contrabbandieri”.

\*

Qualche volta beccarono Elisa e Fernando, ma poche. Gli agenti li conoscevano. “Sapevo che suo marito era malato”, dice uno di loro, Delmar, che adesso si trova qui fuori a discorrere rivolto verso il balcone di Elisa. “Non si poteva prendere tutto alla lettera. Chiudevo un occhio con chi ne aveva bisogno”.

Delmar de Lima Chaves, 66 anni, fu contrabbandiere e poi agente. “Ha conosciuto entrambi i fronti” dice un’amica di Elisa. “Non c’era odio tra la gente”, aggiunge un’altra. Elisa conclude: “Insomma, non era uno dei peggiori”.

Delmar cominciò a 15 anni. Lavorava per suo padre, capo di un gruppo di contrabbandieri che gli insegnò le tecniche del mestiere. Organizzavano “scappate” per vari boss, dividevano il ricavato tra tutti, tranne Delmar che non riceveva niente, il padre si teneva la sua parte. Nonostante questo, voleva essere il migliore.

“Io ero un ‘salterino’. Correvo molto, saltavo i quattro metri e mezzo del torrente per il lungo. Facevo da Feces (in Spagna) a Vidago in una notte a piedi. Più di trenta chilometri. Mi hanno beccato una volta sola”. Gli confiscarono la merce, gli abbassarono i pantaloni, lo picchiarono con un bastone, ma Delmar riuscì a scappare. “È

stato un boss a denunciarmi perché avevo messo in giro delle chiacchiere. Ma poco tempo dopo è morto nel fiume mentre contrabbandava”.

Delmar fu contrabbandiere fino a quando entrò nell'esercito nelle terre oltreoceano. Quando tornò, cercò un posto nella polizia. Lo presero perché conosceva i contrabbandieri e i loro trucchi. Avrebbe svolto lo stesso lavoro, ma con compiti diversi. In entrambi i casi fu il migliore. “Con me non scherzavano. Dicevo: ‘Molla!’ e mollavano. Ma poi li lascio andare, non li arrestavo”. Questo è Delmar. Avrebbe potuto diventare ricco. Una volta uno dei capi del contrabbando gli disse: “Ehi, Chaves! Ho cinquecento chili di gamberi in quel furgone. E ti do 100 *escudos* per lasciarmi passare”.

Delmar Chaves corse a denunciarlo al suo superiore. Ma sarebbe stato proprio quest'ultimo, il capitano della Guardia di Finanza, ad andare a prendere i gamberi con la sua auto. Così racconta Delmar. “Potrei essere ricchissimo. Ma non mi sono mai pentito di non essermi ‘convertito’. Oggi ho amici ovunque”.

Dal balcone di casa sua, la vecchia contrabbandiera è d'accordo con il vecchio poliziotto: “Un tempo c'era rispetto. La mancanza del confine si fa sentire”.

“C'era paura!”, la corregge Fernando, occhi chiari e viso tondo come la madre. “E violenza. Perfino tra vicini di casa. Dentro ogni casa”.

“In quarantadue anni di matrimonio mio marito non mi ha mai rimproverata”. Questa è Elisa, la donna più potente. “Donna potente e stimata!”. Questa è la sua casa e questo il suo paesino dove tutti soffrirono la fame, tutti furono contrabbandieri, tutti emigrarono e tornarono. Questo è l'inizio della Strada Nazionale 2.

#### **4. Vila Pouca de Aguiar**

##### **Il colore del granito**

Adelino Ferreira comprò il suo primo paio di scarpe, usate, a 19 anni. A 63 è il principale imprenditore del granito della regione di Vila Pouca de Aguiar. Prima di lui il padre, il nonno e il bisnonno erano manovali e “cavavano la pietra”. Ma erano poveri. Per sfamare la famiglia lavoravano la terra.

A 7 anni Adelino guardava le vacche di un fattore durante la notte, in cambio di un sacco di patate. Altre volte aiutava il padre a “far mulinare la ventola” della forgia e

altre ancora andava scalzo a chiedere l'elemosina da un paesino all'altro. A chiedere pane o patate. Viveva con la famiglia in una baracca ceduta dal fattore per cui lavoravano. In una specie di letto a castello i genitori dormivano sopra e i tre figli sotto.

Nonostante tutto a volte Adelino riusciva ad andare a scuola. Faceva due chilometri a piedi fino a Carrazeda de Ansiães. Matite e gomme erano regali della maestra Edite, che aveva pena di lui. È ancora viva. Adelino riuscì a finire la seconda elementare. Non ha più studiato. Fu militare in Guinea, fu poliziotto, fu muratore. Ma non c'era lavoro nell'edilizia. Non c'era niente, a parte il granito che invadeva i pendii incolti delle montagne, inutile.

Emigrò come quasi tutti i ragazzi dei suoi tempi. Ma il Lussemburgo non gli piacque. Non resistette neanche una settimana. Tornò prima degli altri e si dedicò al granito.

\*

Solcando le strade vagabonde della Serra do Alvão e di Falperra, tra i fiumi Corgo e Tâmega, il paesaggio è avvolgente, agreste e musicale. Verso est, sugli spiazzati elevati e desolati di Jales, la sinfonia di pietra e vegetazione si lascia andare voluttuosamente verso il lato inorganico, tellurico.

È come se entrassimo in un regno proibito e meraviglioso, incorruttibile. Per questo le ferite aperte delle cave sono ancora più doloranti. La cima di Coutada da Rela è una di quelle ulcere sanguinanti lungo la linea del paesaggio. Immense pareti di granito giallo sono state portate alla luce a colpi di dinamite. Manti di pietrisco sorgono lungo il crinale, colossali Caterpillar perforano, demoliscono, distruggono.

“Hanno aperto questa cava cinque anni fa, ma hanno tolto solo il guscio”, mi spiega António Carlos Gonçalves, l'attuale responsabile. In questo momento le perforazioni continuano in profondità. “Ci sono pareti valide, ma buona parte della pietra è fradicia”, prosegue. Si riferisce alle sezioni di granito discontinuo o ossidato, dalle quali è impossibile estrarre i blocchi da trenta tonnellate che sono messi in commercio. “La pietra fradicia non serve a niente”. Così come non servono quelle che hanno tonalità disomogenee, o punti arrugginiti o marciti, o un “nodulo di quarzo” al loro interno, o delle venature, come quel blocco da quaranta tonnellate appena estratto, che verrà scartato.

Prima di tutto si effettua un sondaggio con le perforatrici. Bisogna trovare “i tagli”, le linee di frattura naturali della pietra. Poi si procede con un “fioretto” dei martelli perforatori fino all’incontro con un “occhiello”. Dopo aver afferrato lo “zoccolo della pietra”, si esegue un “taglio preliminare”, un “punteggiato” dove si introduce la polvere da sparo e una “miccia esplosiva”. Si aggiunge “polvere di pomice” per realizzare “l’irruzione” e generare pressione di scoppio. Così la pietra si separa.

In questa cava si trovano il granito Giallo Reale e il granito Blu o Bianco. Non ci sono il Serizzo, né il Nero o il Rosso. Il Giallo Reale è il più costoso. Il Blu è fuori moda e non vale la pena spenderci molto tempo.

“Su quel crinale lassù siamo arrivati al Blu. Là, già al taglio preliminare, è bello giallino. Ce n’è per un anno. Poi, vedremo. Il primo e il secondo strato sono di Giallo. Già il terzo passa al Blu, di solito”.

Il Giallo è di moda da dieci anni. Se va avanti così, questa cava rimarrà aperta ancora un anno, dopo di che bisognerà aprirne altre, in altre zone. In quel caso, in linea con le normative dei Comitati direttivi che assegnano le zone di sfruttamento, è obbligatorio ripristinare il terreno e la vegetazione, lasciare l’area esattamente com’era prima. Ma “questo costa troppo”, afferma António Gonçalves. Costa molto di più della cauzione di novemila euro che si versa all’inizio dei lavori. Non conviene.

Così come non conviene costruire, come vuole la legge, i servizi igienici per i lavoratori. Se ne stanno qui, isolati sulle montagne, da mattina a sera, con un caldo insopportabile o al freddo e sotto la neve. È uno dei lavori più duri che esistano. António Gonçalves ha 34 anni, è sposato e ha due figli. È il responsabile generale della cava, ha raggiunto l’apice della carriera nell’industria del granito. Guadagna ottocento euro al mese.

“Penso che dovremmo avere un’indennità di rischio”, si lamenta. Indica un macigno di cinquecento tonnellate inclinato in avanti in un equilibrio impossibile. “Stamattina si è mosso da solo. Uno dei miei uomini è rimasto ferito. Per miracolo non è crollato e non si è spezzato sulle nostre teste, ammazzandoci tutti”.

Non possono pagare di più, spiega Luísa Ferreira, la figlia del proprietario, Adelino. Il business del granito, il più importante della regione, non è molto redditizio.

“Spesso la gestione ha ben poco di professionale”, afferma Gomes da Silva, chiamato da Adelino a dirigere una delle sue aziende. “Manca il rischio, manca

l'innovazione e mancano le persone specializzate per lavorare il granito. Questa zona si sta sviluppando e sarebbe un'ottima occasione, per esempio, per dei giovani designer che volessero stabilirsi qui. Ma non ne viene nessuno. Non ci sono designer nell'industria del granito”.

Secondo l'amministratore un altro motivo dello scarso rendimento del settore è la mancanza di coesione dei suoi attori. “Gli imprenditori sono molto individualisti e sono vincolati al sistema dei Comitati direttivi, che è una delle leggi più antiche di questo paese, è arcaica, ma nessuno la tocca”.

Il sistema è controllato dai comuni e definisce le norme di sfruttamento del granito, considerato un bene di tutti. “In pratica attraverso i Comitati direttivi nessuno si intende e così nessuno ci guadagna. Gli imprenditori dovrebbero prendere più sul serio la loro associazione ed essere loro a controllare lo sfruttamento”.

\*

Quando tornò in Portogallo, Adelino Ferreira iniziò a lavorare con tre aiutanti, estraeva e tagliava la pietra. Mise da parte dei soldi, chiese dei prestiti, acquistò una gru e una betoniera. I primi emigrati iniziavano a costruire le proprie case e gli affari aumentarono. Il granito assumeva la forma dei sogni di coloro che erano partiti. In tutta la regione spuntavano palazzine con sfarzose colonne, porticati e terrazze, la cui materia prima era la madre pietra, il diamante di Trás-os-Montes. Adelino Ferreira fu uno degli artefici di questo progresso, forse il principale.

Creò la ADIFER-Pietrisco di Vila Pouca. In seguito la Aguiarense e la Grani Ferreira. Oggi si occupa di estrazione e lavorazione del granito, e di edilizia. Nelle varie aziende lavorano più di centotrenta persone, senza contare le subappaltate. Costruisce case di emigrati con il granito che lui stesso estrae e lavora. Forse potrebbe espandere molto di più l'attività, ma non esporta quasi nulla perché, spiega, non sa le lingue. “Ho paura, sa. Per le tasse. Non mi piace andare da qua a là...”

Alla Grani Ferreira, il cui stabilimento si trova sul bordo della Strada Nazionale 2, tra Vila Pouca de Aguiar e Vila Real, si modellano le forme che andranno a ornare gran parte delle case di emigrati della regione. Luísa Ferreira, 39 anni, dirigente dell'azienda, spiega agli operai come si usa la grande lama circolare con sega diamantata che riduce in fette i blocchi grezzi di granito, o il tornio che intaglia le colonne più diffuse fra Trás-os-Montes e l'Alto Douro. “Abbiamo già provato a

progettare altri tipi di colonne, ma i clienti non li vogliono”, racconta. Per questo non vale la pena assumere dei designer.

L’operaio distaccato alla macchina che fabbrica le colonne, una Minorça 900, si chiama Luís Queiroga, 20 anni, originario del villaggio di Lixa do Alvão e ha la terza superiore. Ha talento, ha imparato in fretta, dice Luísa. Guadagna seicento euro al mese ed è già a corto di possibilità di promozione. È all’apice della carriera.

Luísa si è fermata alla terza media perché il padre non l’ha lasciata proseguire. Ha ripreso adesso gli studi, ma è difficile conciliarli con il lavoro. Suo fratello minore frequenta l’Universidade Lusíada, Ingegneria gestionale. Il padre gli ha appena regalato una Mercedes CLK.

Lungo tutta la Nazionale 2 si moltiplicano le case di emigrati. Le forme mirabolanti e variopinte. Ma le colonne sono le stesse: marca Grani Ferreira.

## **5. Tra Lamego e Bigorne**

### **Joaquina**

Il tratto della Nazionale 2 tra Vila Real e Viseu è uno dei più belli. Curve e precipizi, terrazze di vigneti, ruscelli cristallini, monti verdeggianti con case bianche, pinete e sentieri di pietre spoglie. Oltre Santa Marta de Penaguião, passando sul vecchio ponte di ferro di Régua sopra il Douro, si raggiunge uno dei luoghi più suggestivi della EN2. Poi la strada prosegue più esuberante fino a Lamego e, verso sud, ancora più clandestina fino a Castro Daire attraverso pianure costellate di asteroidi di granito.

A un certo punto, dopo la deviazione per Colo do Pito e prima di Mezio e della deviazione verso Moura Morta, il panorama somiglia a una tundra. Ci sono capre e pecore al pascolo e donne piegate su sé stesse con una zappa in mano.

Tuttavia già da là si scorge la A24, che scorre altezzosa su un viadotto slanciato. Tutti i cartelli stradali puntano a lei, come se la EN2 fosse finita o diventasse troppo indegna, e ci volessero separare da lei ad ogni costo. All’uscita di Lamego è quasi impossibile individuarla. Alle rotonde i cartelli indicano “Viseu-IP3” o “Vila Real-A24” o “Bragança-IP4”. Le città si vergognano di questa via sinuosa e umile che gli ricorda la loro troppo recente miseria. Soltanto in piena A24 un’uscita per Bigorne riporta a lettere minuscole e tra parentesi: “(EN2)”. E nonostante tutto è là, lungo l’antica strada, che la

vita continua, nella sua potente e atavica realtà, seppur relegata tra parentesi dall'arroganza delle autostrade.

\*

Tra Magueija e Bigorne, alla deviazione per Lazarim, una strada prosegue fino a Lalim e poi sale verso Mazes. Da qua fino al villaggio di Anta si prosegue solo con un fuoristrada. Non c'è una strada e non ce n'è bisogno: da decenni nessuno vive ad Anta.

Di certo nessuno sa quando è stata abbandonata o se è stata abbandonata o se è mai stata abitata. Un centinaio scarso di case con le pareti in granito e i tetti di paglia sparpagliate sulla cima e sul declivio di un monte, affacciate su un'immensità di vette azzurrognole e placide come onde. Il silenzio e la quiete sono interrotti appena dal mormorio della brezza.

In gran parte le case sono illese. Sono fatte di blocchi di pietra di dimensioni e forme irregolari, ma perfettamente incastrati uno con l'altro in una struttura solida e completa come la stessa montagna circostante.

Sono edifici massicci, quasi privi di finestre, ma così in armonia con la Natura da sembrare trasparenti.

Anche per questo risulta così difficile spiegarsi l'abbandono. Qui la vita dev'essere stata incessante, ma al tempo stesso armoniosa e semplice.

Viene voglia di recuperare quella realtà delle comunità arcaiche che immaginiamo essenziale e onesta. È quello che ha tentato di fare Michael Paulo Zino, imprenditore di Madeira di origine britannica, che, con il supporto di un architetto, si è proposto di ripopolare il villaggio di Anta. Ha cominciato acquistando alcune case con l'intenzione di ristrutturarle e convertirle in un caseificio tradizionale, un panificio con forno a legna e altre botteghe. Gli artigiani sarebbero stati invitati a trasferirsi in alcune case del villaggio; altre sarebbero state affittate a turisti attratti dall'opportunità di assaporare la purezza genuina della vita campestre.

Il progetto resta, non si sa se verrà mai realizzato. Ci sono vari ostacoli, tra cui il fatto che...il villaggio non è completamente abbandonato.

Nei vicoli lastricati tra le case ci sono escrementi freschi di animali. Anta si trova lungo il tragitto dei pastori; da sempre, secondo gli etnologi. Le case sono utilizzate come ricovero per il bestiame, di tanto in tanto in estate come rifugio per i pastori. Tutt'ora è così, come cinquant'anni fa.

Dovuto alla posizione e al clima, Anta è praticamente inabitabile durante l'inverno. Per questo, secondo alcune monografie, nessuno ha mai vissuto là per tutto l'anno. Cosa che non sembra logica. Quanto meno dal Medioevo, è mai esistito un villaggio di non più di una cinquantina di case usate solo per la transumanza?

Gli abitanti dei paesini limitrofi assicurano che Anta è stata abitata. In seguito, con la graduale riduzione della popolazione, la gente si è riunita intorno ai centri meno inospitali. Gli abitanti di Anta hanno iniziato a trasferirsi a Várzea da Serra, Vale Abrigoso o Mazes, a un'altitudine inferiore, tenendo le vecchie case per il pascolo nella stagione calda.

“Sessanta anni fa c'era ancora molta gente ad Anta”, dicono i più anziani a Mazes. “Dopo si sono spostati qui. Soltanto una donna è rimasta a vivere là”.

Una donna visse da sola, per quasi vent'anni, nel villaggio di Anta. Si chiama Joaquina, è ancora viva. “Abita là, nell'ultima casa di quella via in salita”, spiega qualcuno al bar di Mazes. “È la Joaquina dall'Anta”.

\*

Le donne sono sedute in gruppo davanti a casa a prendere il sole. Hanno tutte più di 70 anni e indossano vestiti scuri. “Joaquina è lei”. Joaquina Brígida, 84 anni, gonna nera e fazzoletto blu in testa. Occhi chiarissimi, costantemente lucidi, come se non smettesse mai di piangere. Non si ricorda con precisione in che anno è venuta a vivere a Mazes. Fa due conti con l'aiuto delle altre donne. “Quando è nata mia nipote, nel 1966, stavo già qua”. Venne quarant'anni fa. E prima? “Vivevo ad Anta”. Da sola? Joaquina lancia uno sguardo alle altre. Una risponde: “Lei non aveva casa qua giù. È per quello che è rimasta là”.

Tutti trovarono casa a Mazes con l'aiuto dei familiari. Joaquina no. “Lei non aveva nessuno”. Non aveva una famiglia? “No. Era sola. Beh, aveva sua figlia. Ma era piccola, rimase là con lei”.

Poco a poco, Joaquina e le altre donne raccontano la storia. Alcune frasi hanno senso, altre no. A tratti sembra che rivelino un certo tono sprezzante, se non addirittura beffardo un po' dissimulato.

“Era molto dura la vita da sola là in cima”, racconta Joaquina. “Faceva freddo d'inverno. Mi ricordo di una volta, nel mese di gennaio, nevicò addirittura una dozzina di volte”. Ad Anta non è mai arrivata l'elettricità ed era difficile mantenere la legna



asciutta in inverno. “Raccoglievo la legna e la tenevo con me, a volte anche nel letto. Poi mi accendevo un fuoco, da sola, e mi riscaldavo così. Ma avevo molta paura”.

Paura di cosa? “Dei lupi e dei ladri”. Joaquina non aveva bestiame che i lupi potessero cacciare, né averi che i ladri potessero desiderare. Di cosa aveva paura? “I ladri potevano venire a chiedermi dov’era il bestiame di buona qualità. E farmi del male”.

Vent’anni da sola. Con una figlia piccola. E il marito? Cos’è successo al marito? “Non ho mai avuto un marito”. Ora le donne sogghignano apertamente. “No, un marito non ce l’ha mai avuto”.

I genitori di Joaquina venivano da altri villaggi. Quando si sposarono, andarono ad abitare ad Anta. Morirono là. Ebbero molti figli, tra i quali Joaquina che, ancora giovane, rimase incinta.

Non cercò mai più un marito. Rimase a vivere nel villaggio con la figlia. Quando la permanenza ad Anta divenne per tutti sempre più stagionale, Joaquina rimase. Nessuno la aiutò a venire a Mazes. La chiamavano Joaquina dall’Anta.

Le donne ridono con una strana aria trionfante. Forse il fatto che Joaquina abbia 84 anni e sia ammalata le tranquillizza. “Faccio fatica a camminare”, si lamenta. “È già un anno che non vado ad Anta”.

Le donne ridono, Joaquina, con i suoi occhi acquosi sempre aperti, senza un battito di ciglia, è molto seria: “Preferivo vivere là che qua. Solo non mi piaceva stare da sola”.

Quando sua figlia andò a vivere in Alentejo, Joaquina rimase comunque ad Anta. Per vent’anni il villaggio sperduto sulle montagne servì per pascolare il bestiame e per tenere Joaquina lontana dalla comunità.

Solo a 45 anni compiuti le trovarono una casa e la portarono a Mazes. Perché? Perché non lasciarono la donna perduta nel villaggio sperduto? Un uomo di passaggio in quel momento risponde prontamente: “Perché sarebbe molto più difficile portarla giù da morta”. È Joaquina, con gli occhi acquosi, che ride di più della battuta.

## **6. Da Serra de Leomil a Viseu**

### **Ritorno nella terra del demonio**

Il demônio preferisce mantenere le distanze. Le sue tentazioni sono più potenti da lontano. La prova di ciò sono queste fotografie incorniciate sopra le teste dei clienti. Nessun bar o ristorante nelle terre del demônio rinuncia ad una vista aerea della zona appesa al muro. Sono paesaggi verdeggianti, gradevoli, ingannevoli. Qua giù non è la stessa cosa. Da vicino, ricoperta di pietre e abeti, la terra mostra un volto segnato dalle intemperie. È arida, inservibile, indurita e impassibile.

Ecco Engrácia Teixeira e Leontino Pereira, 54 e 58 anni, nella loro casa a due piani con decorazioni di scisto ad Arcas. Le vicine hanno scelto Engrácia per raccontare la storia che li accomuna tutti perché è “proprio una *rigolotta*, le piace *rigoler*<sup>2</sup>”. Nel 1972 arrivarono alla stazione di Guarda senza documenti per il viaggio. Il passatore li stava già aspettando là. Viaggiarono in auto, di notte, con un'altra coppia. Attraversarono clandestinamente il confine, all'alba si fermarono ad Aix. “Allora è questa la Francia? Gli abeti ce li abbiamo anche noi. Voglio tornare in Portogallo!”, esclamò Engrácia, proprio una *rigolotta*. Non tornarono. Avrebbero lavorato entrambi per trent'anni nella stessa fabbrica di legno. In estate vengono ad Arcas per la festa, sempre. Una volta, dovendo riprendere il lavoro prima del solito, partirono proprio il fine settimana della Madonna delle Palombelle, quando si sentiva già la musica per le strade. “Abbiamo passato la festa in auto”, ricorda Leontino. “È stato il giorno più triste della mia vita.”

Amano la loro terra da lontano. Vanno a trovarla, ad agosto, “per ricaricare le batterie”, come dice padre Toni, di Sever. È da là, dalla Francia, dal Lussemburgo, dalla Svizzera, dalla Germania, che amano la terra che ha ignorato la loro devozione millenaria e remissiva. La amano come una reliquia, un'immagine sognata conservata in una cornice dorata come i paesaggi visti dall'alto della Serra da Lapa o di Leomil nei ristoranti di Sátão, Penalva do Castelo o Moimenta da Beira. E forse è per questo che non la ritrovano mai. Gonfi di ostentazione, si stabiliscono in villaggi fantasma, investono tutto nelle cittadine che nel frattempo si sono adattate al villaggio globale, a cui loro hanno fatto resistenza. Sono naufraghi nella loro stessa terra, a cui, nonostante tutto, danno qualsiasi cosa.

Per loro l'estate, agosto, è un rito. Vengono a mettere in scena un'illusione: abitare in quel paesino con i mezzi che possiedono in virtù del fatto di averlo

---

<sup>2</sup> In francese, scherzare, ridere.

abbandonato. Vengono tutti gli anni, non mancano mai. Poco importa se il paesino è immaginario e la realtà che li circonda è un mito. Non mancano, ad una condizione: che si faccia festa.

In questa regione, Beira Alta, come in tutto l'entroterra portoghese e povero, ci sono feste pazzesche in ogni paese e cittadina.

In onore del santo patrono, con relative messa e processione, ma anche balera e concerti di musica *pimba*<sup>3</sup>. Grandi o piccoli che siano, in base al numero di abitanti, alla loro disponibilità economica o alla determinazione di segnare punti nella competizione sfrenata tra i vari comitati organizzatori. Nelle collette porta a porta c'è chi da cento, duecento o cinquecento euro per l'organizzazione dell'evento. La festa è una dimostrazione di potere, di vittoria sulla povertà. C'è competizione tra le famiglie e tra i paesi, e tanto in un caso come nell'altro, non sempre sono i più benestanti che contribuiscono con le maggiori offerte.

Quest'anno il povero Alhais de Cima, che non aveva mai fatto una festa, si è lanciato nell'avventura per la prima volta grazie all'iniziativa di tre emigrati, mentre Queiriga, molto ricco, definito addirittura il paesino più francese del Portogallo, in passato organizzava una bella festa, ma ora non più.

Per esempio, Arcas, frazione del comune di Sever, provincia di Moimenta da Beira, non supera i trecento abitanti durante l'anno. Ad agosto raduna migliaia di persone per la celebrazione della Madonna delle Palombelle che dura quattro giorni di fila, da venerdì a lunedì. La prima sera ad aprire le danze c'è il duo Raggio di Sole, i fratelli Rui e Marisa, per quattro ore di seguito, lui all'organo elettronico, lei, che non ha passato le selezioni di Operação Triunfo (ingiustamente, garantisce), al microfono. "C'è *pimba* per tutta la notte!"

A Folgosa, un paesino minuscolo sulla sponda del fiume Paiva, in provincia di Castro Daire, l'ingorgo durante la festa è tale che le auto passano davanti al palco. Le coppie danzanti sono costrette ad appiattirsi lungo i muri, sotto le finestre e i balconi dove intere famiglie si sono sistemate per la notte più lunga dell'anno, mentre il complesso occupa il ristretto palco con i suoi sette musicisti e due ballerine sexy, e fa esplodere le casse con la top ten delle oscenità musicali. "Il mio bolide va dentro e fuori

---

<sup>3</sup> Genere musicale portoghese caratterizzato da un concentrato di musica popolare, musica pop e musica folcloristica, i cui testi spesso abbondano di metafore a sfondo sessuale.

dalla rimessa della vicina...a qualsiasi ora, di notte e a volte di mattina...nella rimessa strettina...”

Le ragazze che ballano con altre ragazze, i mariti con le cognate, di fronte alla schiera di vecchiette in nero sedute e con espressioni di tormentosa confusione. Il cantante, chioma raccolta in una coda di cavallo e occhiali scuri, scende dal palco e canta in mezzo alla gente: “Buona sera Folgosa! Dedichiamo la prossima canzone al comitato organizzatore e al ristorante che oggi ci ha offerto il pranzo”.

Nei placidi Penalva do Castelo o Satao, nella piazza principale o del mercato, accorrono piu persone per vedere Romana o Tony Carreira che nella maggior parte degli spettacoli della capitale.  matematico, vengono migliaia di persone, che si divertano o no. Questo dipende da quanto sono disposti a spendere. Se nei paesi l’euforia si manifesta nelle platee quasi indifferenti a chi, sul palco, si accolla l’intero repertorio, nelle cittadine dipende in gran parte dall’artista invitato. In uno spettacolo di Tony Carreira, come quello a Satao, la folla si scatena in uno spasmo strepitoso, ma ad una festa dove c’erano i soldi per invitare solo Romana, come a Penalva, il tedio regna sovrano.

“Ciao. Sei di buon umore? Come ti chiami? Pedro? Ehi, Pedrocas...” Dopo essere rientrata sul palco saltando, accompagnata da due ballerine e dalla musica in playback, Romana si rivolge agli spettatori, poi ad un ragazzino nelle prime file. “Sei timido Pedrocas? Ora ti faccio una dichiarazione d’amore, tieniti forte, guardami negli occhi”. E comincia a cantare: “Non sei l’uomo giusto per me, io merito molto di piu...”

Il pubblico resta indifferente. Ometti con la giacca consumata e il basco, donne con i figli sulle spalle fissano il palco con sguardi vuoti che sembrano passare attraverso Romana, ipnotizzati dalle luci. Alcuni, come un gigante con i baffi ingombranti e il viso schiacciato da Neanderthal, se ne stanno letteralmente a bocca aperta, troppo storditi per avere una qualsiasi reazione. “Senza dubbio ci sarebbe piaciuto qualche applauso in piu”, si lamenta Romana. “Ma sentiamo che vi sta piacendo davvero”.

A Satao la faccenda era diversa. Hanno investito quindicimila euro nel cachet di Tony Carreira e non se ne sono pentiti. La folla  frenetica, perfino durante l’esibizione dell’incomparabile gruppo spalla, la Banda-S di Samuel Ferreira. Ballano, urlano, famiglie, gruppi di ragazzi o ragazze, le immancabili, scontrose vecchiette sulle sedie da spiaggia sotterrate nel mezzo della baraonda. Borbottano sottovoce ad ogni canzone

della Banda-S, senza dubbio è il loro modo di mostrare che si stanno divertendo. Altri lo mostrano scambiandosi pugni, come un padre con i tre figli adolescenti. Avrà 60 anni, un metro e mezzo di altezza, magro e ingobbito, carnagione di granito, orecchie a sventola, testa piatta e occhi azzurri lampeggianti ai lati del naso appuntito. Se la ride, canta e balla, fuori di sé per la felicità, e, ad ogni fitta più intensa di euforia, saltella per dare uno scappellotto sulla nuca dei figli, che sono la sua copia in grande. Non gli ha dato tregua per tutta la festa. “Oh, guarda...arriva Tony...” Lo sbarbatello si gira e paf!, un altro scappellotto.

“A me piace ciucciare le tette della capretta...” La Banda-S in tutta la sua esuberanza. Il figlio che canta, il padre che suona la fisarmonica. Ci sono due palchi che formano un angolo di novanta gradi. Quello grande è di Tony Carreira e nessun’altro lo può usare, e quello della Banda-S fatto di tubi di ferro e un rivestimento di plastica, messo insieme con la fiamma ossidrica nel garage di Samuel Ferreira. “Noleggio palco” si legge sopra le casse, di fianco ad un numero di telefono. La folla balla, ma è chiaro che sono impazienti per l’arrivo di Tony. Il gruppo spalla deve suonare prima e dopo il concerto principale.

“Fino a quando l’ultimo ubriaco decide di andarsene”, si lamenta Samuel Ferreira, 51 anni. “Faccio questo lavoro da trent’anni”, racconta appoggiato al furgone con la scritta “Banda-S Tour”. Cominciò da solo, si esibiva alle feste con una fisarmonica e un altoparlante che appendeva ad un albero. Ora si esibisce con i tre figli e due vicini. Oltre al palco, ha costruito anche l’impianto audio, il PA, con gli altoparlanti imbullonati in casse di legno. Chiede settecentocinquanta euro a concerto compreso il gruppo, l’audio, le luci e il palco. “Di solito basta solo per il viaggio. Molte volte non pagano”. Oltre a suonare, i figli lavorano come fabbri in un’officina. Nonostante tutto, non basta per sopravvivere. La famiglia Ferreira mangia le patate e i fagioli che coltiva e le galline che alleva nel cortile di casa a Pedrosas.

Il contrasto tra i palchi e i mezzi del gruppo spalla e di quello principale è impressionante. Il gigantesco camion bianco di Tony Carreira con le migliaia di watt dell’impianto audio e i ventiquattro componenti della tournée, compresi i nove musicisti e i tecnici, umilia il ridicolo catorcio di Samuel. “Per rispettare le loro esigenze abbiamo dovuto montare il palco di lato, in pessime condizioni. Trattano gli altri artisti come se fossero feccia. Di questo passo non potrò suonare da nessuna parte. E poi cos’ha di

speciale? Ce ne sono tanti che cantano come lui o meglio. La differenza è che non sono andati in tv e non hanno un PA di qualità. Al giorno d'oggi tutti sanno che quello che ti rende un vero artista è il PA”.

La famiglia Ferreira sta suonando da due ore senza pause tra una canzone e l'altra. “Ti darò tutto, amore mio, tutto...” Ormai nessuno li ascolta. “A me piace ciucciare le tette della capretta...” Nessuno applaude, nessuno li guarda. A poco a poco la gente si gira verso destra, verso l'altro palco, ancora completamente al buio. All'improvviso si accende qualche faretto in modo che i tecnici possano fare l'ultimo controllo ai treppiedi e ai piatti delle due batterie...e succede l'incredibile: l'intera folla si gira di novanta gradi. Non importa che la Banda-S continui a suonare: novanta gradi di disprezzo per loro. Neanche che il gruppo di Tony impieghi un'altra abbondante mezz'ora per salire sul palco: novanta gradi di crudeltà, novanta gradi di legge del più forte. Schiacciato in un tumulto elettrizzato, il mucchio tenta di avvicinarsi al palco.

Dagli altoparlanti esce la voce dell'organizzatore della festa: “I genitori sono pregati di impedire ai figli di arrampicarsi sulle casse. Bambini, non siate impertinenti, scendete da là!”

\*

Rui Rebelo, 40 anni, l'organizzatore della festa, è insegnante. Oltre ad occuparsi dell'impresa Compagnia delle Feste, insegna musica alla scuola media di Vila Nova de Paiva. Dalle modeste sagre di paese ai grandi eventi come quello di Sãtão, si prende carico di ogni cosa – ingaggia e trova alloggio per gli artisti, noleggia palchi e impianti, si occupa delle scartoffie e suggerisce perfino i programmi, in base ai soldi che si possono spendere e il tipo di pubblico.

“Tony Carreira è il migliore, non è comparabile. Sia in termini di logistica, che di prezzo, che di domanda, che di esigenze”, ci spiega. “Solo un altro è gettonato quanto lui, Quim Barreiros, anche se si esibisce praticamente da solo con la sua fisarmonica. Suona trenta giorni al mese”.

Al di sotto di Carreira ci sono artisti come Emanuel o Toy con cachet intorno ai diecimila euro, a seguire, in un terzo gradino, Romana, Micaela, Rute Marlene, Ágata, Taiti, Ana Malhoa che costano cinquemila euro circa e non hanno l'attrezzatura. Marco Paulo e Roberto Leal sono in declino, non li vuole nessuno. Però Rui ce li ha tutti elencati nel suo “catalogo”, in cui propone anche alternative più economiche come

gruppi di ballerini o gruppi folcloristici “che a volte si esibiscono solo per il pranzo offerto”.

Alcuni complessi regionali, però, nonostante suonino solo canzoni di altri cantanti, diventano così famosi da attirare più pubblico dei rinomati cantanti popolari. È il caso dei “TV5”, che inseriscono anche i fuochi d’artificio negli spettacoli. Tra l’altro, di recente, hanno fatto esplodere accidentalmente alcuni fuochi sistemati sotto la batteria durante il concerto, e sono finiti all’ospedale. Suona il cellulare. “Pronto? Una festa per domani? Dove? È un po’ tardi. Non ci sono artisti disponibili...Vedo cosa posso fare”.

Il palco è illuminato, Tony Carreira si fa attendere. La folla grida “Tony! Tony!” tra la devozione e l’irrequietezza. Gruppetti di ragazzi prendono in giro le fan: “Oooh Tonyyyy!” Lanciano provocazioni verso il palco: “Allora? Non vengono più?” Ma appena Tony fa il suo ingresso trionfale sono i primi ad arrendersi, assorti, e ad intonare le canzoni che conoscono a memoria: “Sei stata la mia più bella storia d’amooooore...” Provano a fare i duri: “Ooh guarda come piango...” Ma cedono subito: “Dopo di te mai più nessunaaaa...”

Luci blu. La scena sullo sfondo è un cielo con stelle luminose. I musicisti agli ottoni hanno occhiali scuri e pantaloni di pelle nera. I chitarristi, il batterista e la percussionista indossano delle tuniche. Le due cantanti del coro in bianco. Il volume dei bassi fa tremare Sãtão. “Tutti sanno che quello che ti rende un vero artista è il PA”. Tony è in completo nero e camicia rosa, la fibbia scintillante della cintura, snello e celestiale, come per magia tiene tra le grosse mani da lavoratore la folla in estasi ad una sola voce.

Tony Carreira, il fratello e manager e la presidente del fan club alloggiano all’hotel Mira Paiva, che è appena stato inaugurato e si è già trasformato in una specie di residenza ufficiale degli artisti popolari. Ad agosto ogni giorno ce n’è uno diverso, secondo il calendario delle feste di Rui Rebelo. Ad agosto ogni giorno c’è anche un matrimonio, nel salone al piano interrato, che inizia alle due del pomeriggio e finisce all’alba, con ricevimento, balli e cantante *pimba*. In molti casi gli sposi si conoscono ad agosto durante la festa nella terra natale e fissano le nozze per l’agosto successivo, sempre in terra natale, pretesto per fare un’altra festa.

Di solito la suite padronale dell'hotel è riservata agli sposi. Non stanotte. Tony Carreira l'ha rivendicata e la coppia ha dovuto passare la prima notte di nozze in una camera più modesta. Nonostante questo, la prima cosa che hanno fatto questa mattina è stata chiedere un autografo al cantante.

All'inizio Tony si mostra diffidente con me. Senza togliersi gli occhiali scuri vuole sapere qual è il motivo dell'intervista. "Molti giornalisti si ritengono buoni giornalisti ma non è vero". Si rifiuta di raccontare la storia della sua vita, dall'infanzia ad Armadouro, paesino della Beira Baixa, fino alla vita da emigrato in Francia e al successo come cantante. Il fatto che un giornalista che gli chiede un'intervista non sappia tutto della sua vita, per lui è un'offesa. E ha ragione. A colui che ha venduto due milioni di dischi, si è esibito in più di duemila concerti, novanta all'anno solo in Portogallo, uno da tutto esaurito al Pavilhão Atlântico, in cinque teatri Coliseu e tre Olimpiais, non si chiede che ci racconti la sua vita come se fosse uno sconosciuto. Il dubbio che sorge è un altro: come ha fatto ad arrivare fin qui senza conquistarsi la stima dei giornalisti? Perché non avvia una campagna di promozione sulla "vera" stampa? Risposta: "Se sono arrivato fin qui senza l'aiuto dei giornalisti, non mi preoccupero certo ora delle campagne di promozione".

È un uomo segnato dal rancore, seppure non ammetta né capisca cos'altro gli manca da conquistare. "So che mi guarderebbero diversamente se mi dedicassi ad un altro genere musicale", ma "un artista come me non cambia genere. Può cambiare l'abbigliamento, ma non lo stile perché sono me stesso. Sono molto orgoglioso di essere un artista del popolo".

Si considera un cantante romantico. "Le telenovele portoghesi sono *pimba* e nessuno le definisce così. Julio Iglesias è quello che è perché è spagnolo. Se fosse portoghese, con quell'atteggiamento, come lo definirebbero?"

Sul palco di Sátão, Tony prende la chitarra acustica per cantare le vecchie canzoni. È il suo marchio di fabbrica, il "logo" impresso sul camion, la silhouette del cantante che avanza con la chitarra in mano evocando la figura del trovatore solitario ed errante.

"Tanti di voi sono qui in vacanza, giusto?" chiede scatenando le urla della folla ipnotizzata. Inizia a cantare e tutti lo seguono in coro e all'improvviso assomiglia ad



una figura irreali, il bardo di un mondo perduto. “Dentro di me amo il mondo, sono un eterno vagabondo...”

Il più giovane della famiglia scappellotti ancheggia, le braccia in alto, “sono un eterno vagabondo...” Raggiante, il padre non perde l’occasione. “Sei un vagabondo, eh? Allora prendi questa!”

Tutti agitano le braccia in alto, gli accendini sostituiti dai cellulari per fare le foto. Si instaura un’intimità strana e potente. Tony prosegue con il settimo bis della canzone che l’ha reso immortale tra le migliaia di emigrati. “Mi ricordo di un villaggio perduto nella Beira, la terra che mi vide nascere...E oggi cantando, in ogni pezzo, porto quel posto nel mio cuore. Il bambino che ero e l’uomo che sono, nulla è cambiato”.

\*

Ad Arcas è tutto a posto, scoppiano i fuochi d’artificio, la festa può cominciare. Il palco è stato montato di fianco alla chiesetta della Madonna delle Palombelle, su un colle di castagni da dove si ammirano le montagne circostanti. Il duo Raggio di Sole attacca con il repertorio e zac! salta la corrente. Il buio e il silenzio calano su ogni cosa. Sembra che il cielo pieno di stelle crolli improvvisamente sul piazzale del concerto. “Qualcuno ha un accendino?” chiedono dal palco.

Confusione. Il problema non verrà risolto, i camerieri dello stand delle bevande decidono di recuperare la radio a pile. Il commento del Benfica-Porto diventa il sottofondo della festa. Il sindaco sale su un cassonetto per riparare il quadro elettrico appeso ad un lampione. La corrente sarebbe saltata altre undici volte durante la serata, costringendo il sindaco a trascorrere lunghe ore sul cassonetto, analizzando i complicati circuiti, una specie di codice matrix della festa.

José de Jesus Pereira, sindaco di Sever di cui Arcas è una frazione, è il delegato per la festa della Madonna delle Palombelle. Con altri cinque delegati e quattro delegate, si occupa dell’organizzazione della festa dall’anno scorso. Essendo costruttore edile, è stato lui che ha costruito il pulpito di cemento per la messa all’aperto, quasi del tutto di tasca propria. Ma è riuscito a mettere insieme sessanta finanziatori per le altre spese. “Una festa come questa ad Arcas costa molti soldi. Ventiduemila euro circa. La banda per la processione costa, da sola, quattromila euro. I delegati devono anticipare somme sostanziose perché la colletta viene fatta solo dopo che il programma è stato confermato. E la gente dona dei soldi solo se è un buon programma”.

I Raggio di Sole riprendono. Rui, l'organista, prova ad animare le truppe: "Facciamo quella di Quim Barreiros, la Capretta. Chi ne vorrebbe una per ciucciargli le tette?" Fa "Bee" e caccia dal palco i ragazzini che nel frattempo si sono seduti intorno a Marisa che balla con l'abbondante scollatura in bella vista: "Lasciate stare le tette della capretta!"

Il padre di Rui e Marisa sognava di suonare la fisarmonica. Visto che non ci riuscì, regalò lo strumento ai figli che, a 12 e 13 anni, formarono un gruppo della scuola. Successivamente ne comprò un altro, costato più di cinquemila euro, incamminando i figli alla professione. Ma Marisa aveva già 17 anni e i ragazzi che frequentava non vedevano di buon occhio la sua attività di artista. Diventò contabile. Solo quando conobbe l'attuale marito, ragioniere, poté tornare a frequentare i palchi. Lui ha preso l'attestato di tecnico audio e luci e adesso lavora con lei. Si siede in un angolo, di fianco all'organo elettrico, da dove spunta solo la sua testolina mentre inventa effetti con le luci e lancia getti di fumo sulla moglie e il cognato.

"C'è una certa confusione che mi ha fatto perdere la testa" canta lei e tutti gli abitanti di Arcas ballano, sprizzanti di energia, attraversando l'enorme spazio di corsa, come in una festa country in Kentucky.

Engrácia, la rigolotta, non perderebbe tutto questo per niente al mondo. Eccola là, proprio di fronte al palco. "Ora la gente si veste bene, mi sento perfino inferiore", mi aveva confessato. "A volte dicono: Guarda Engrácia, la francese. E io: calma! Ho dovuto guadagnarli la vita, ma sono portoghese e Arcas è la mia terra!"

Nella sua nuova casa, nel centro del paese, sopra il letto tiene una foto incorniciata della statua della Madonna delle Palombelle, con gli orecchini che lei stessa le offrì quando fu operata al seno in Francia, operazione che non avrebbe mai potuto fare in Portogallo. Ne ha una uguale nell'altra casa. "Grazie alla Madonna è andato tutto bene.

Sono molto devota a lei. Sembra che la mia vita sia nelle sue mani." Engrácia parla e il marito, Leontino, l'ascolta in silenzio. Così come il figlio, Filipe, 28 anni, in Francia è muratore e anche lui viene ad Arcas tutti gli anni sul suo BMW blu elettrico. Lo sguardo diretto verso di lui, Engrácia racconta con il nipote, Dilen, al collo. "Nessuno immagina com'era vivere qui trenta o quarant'anni fa. Avevamo fame...Sentivamo di non essere nessuno senza la protezione della Madonna. A volte,

quando uno passa un momento difficile...quando ho sofferto di depressione per la prima volta, stavo lì, stesa a letto, e l'ho vista, dietro i miei due figli. Io l'ho vista, la Madonna delle Palombelle. Ho pianto, pianto e pianto” racconta Engrácia, la rigolotta.

Domenica mattina c'è la processione. Parte dalla strada principale e sale lungo il paese fino alla chiesetta. Dei trattori trasportano tredici pedane, ognuna con il suo santo e l'ornamento e il patronato di una famiglia. Tra uno e l'altro sfila un corteo di figuranti, uomini, donne e bambini rigorosamente travestiti da personaggi biblici. Una scritta sulla schiena indica: “San Giuseppe”, “San Raffaele”, “Giudeo”. La bambina Sant'Elena, cinque anni, il bambino Santo Antonio, la bambina Sacro Cuore di Maria avanzano affaticati, le delegate corrono da una parte all'altra per dar loro da bere. Filipe, il figlio di Engrácia, guida il trattore dell'Immacolata Concezione. Patrícia, una ragazzina bionda e paffuta, 12 anni e scarpe da ginnastica rosa, è la Madonna delle Palombelle. Frequenta la seconda media, i genitori sono in Svizzera. Dopo i trattori viene una ragazza vestita da sposa, la Badessa della processione, seguono i sessanta musicisti della Fanfara di Portela de Vila Real, suonando una marcia molto bella e quasi funebre di Ilídio Costa, e, infine, sotto un baldacchino sostenuto da quattro paggi, il vescovo. Un vero vescovo, non di fantasia. O perlomeno un ex-vescovo. Segue il resto degli abitanti. Si sente parlare francese. In lontananza si vede il profilo della Serra da Lapa tra le silhouette altezzose delle case degli emigrati e le altre, in pietra, prostrate, rannicchiate a terra.

Arrivati sul colle, si sistemano sul palco con l'orchestra e il coro dei bambini, il vescovo e il parroco di Sever, António Furtado Duarte.

Padre Toni era venuto al bar Giardino a Moimenta da Beira, sull'inseparabile Seat diesel da centottantamila chilometri (da notare il suo indirizzo email Seaton@iol.pt) per affrontare una difficile missione: farmi capire perché gli emigrati tornano tutti gli anni per la festa di paese. Li divide in due gruppi: “Chi è partito negli anni 60 e 70 non ha perso i valori della tradizione, se n'è andato solo per fare soldi. Chi è partito negli anni 80 e 90 ha un'altra mentalità. Restano all'estero perché vogliono che i figli studino e si stabiliscano là. Molti non sposano altri portoghesi e non trascorrono tutte le vacanze in paese. Fanno un salto là, ma poi si spostano a Fátima e in Algarve”.

La festa di paese ha la funzione di riunire le generazioni – quella degli anziani che sono rimasti e le due che se ne sono andate. “Gli anziani criticano i costumi

moderni dei più giovani. Una ragazza che si mette la minigonna o esce di sera è criticata, si diffondono maldicenze. Questo ha una funzione culturale regolatrice. La festa promuove la riunione intergenerazionale, la riunione della grande famiglia. I matrimoni sono molto importanti. Ma lo è anche la morte. La gente viene ai funerali. Sono momenti di tristezza assoluta. Poco tempo fa è morta una vecchietta di qui, e si è riunita una folla di tutte le età, venuta da ogni dove. Era un punto di riferimento per tutte quelle persone, una specie di dio in terra”.

La religione mette a disposizione i mezzi per questa riunione – i santi, i matrimoni, i battesimi, spiega Toni, che non si prende mai le ferie per dedicarsi ai progetti di eliminazione della povertà e dell’analfabetismo nella regione, e della costruzione di due case di riposo. “La gente ha una visione consumistica della religione. Usano solo i servizi che gli convengono, senza legami con il sacro. E la Chiesa si adatta, partecipa a questa visione consumistica, si vende”.

Sul palco della Madonna delle Palombelle don Rafael, nato in questa regione, già vescovo di Bragança e attualmente in pensione, inizia, tra i cantici, la sua predica tautologica con le s sibilanti. “Madonna delle Palombelle, Regina dei Cieli, fiore di tutte le litanie...Immacolata Concezione, Madonna dell’Apparizione, Madonna delle Colombe Bianche, delle Palombelle in Tuo nome, Madonna...Regina di san Giuseppe, Regina delle Palombelle, Regina delle Colombe, Regina di Pace. O Madre, o Regina delle nostre anime, o Regina delle Palombelle!” È il vescovo verosimile, quello che si è rimediato. È attempato, ma è sempre un vescovo, questo è quello che importa. Quale altro paesino delle Beiras può vantarsi di avere un vescovo alla festa?

Stanno assistendo tutti. Engrácia con la famiglia, il sindaco, che tiene sempre d’occhio il quadro elettrico...

Sono loro la processione che è finalmente arrivata alla spianata, miraggio di un paese a parte, che procede sulla sua strada. Un paese solo. Da soli sono saliti lungo il paesino con le loro tredici pedane e il loro vescovo. Da soli hanno raggiunto lo spiazzo della festa.

## **7. Viseu**

### **La ragazza che amò troppo**

Joana era già alle medie e credeva ancora a Babbo Natale. Suo fratello minore le diceva: “Guarda la carta da regalo sopra l’armadio. Non vedi che è la mamma che compra i regali?” Ma Joana non guardava. Anche David, il futuro fidanzato, credeva a tutto quello che gli dicevano. Rimase addirittura entusiasta all’idea di andare a lavorare a Madeira in una fabbrica dove incurvano le banane. “Non lo sai, cara suocera? Crescono dritte e poi bisogna dargli la forma” spiegava a Paula, la madre di Joana. “Si guadagna un sacco a fare affari con le banane”.

Erano entrambi così, degli sciocchi. Svegli però. Lui spiccava in tutti i lavori che faceva, lei era un’eccellente alunna e aveva un talento speciale per la scrittura. Era al primo anno della laurea in Scienze della comunicazione a Viseu. Quando vedeva Manuela Moura Guedes in tv si girava verso Paula: “Mami, un giorno mi sentirai dire, da quello schermo, ‘Buonasera, mi chiamo Joana Fulgêncio”.

Quasi cinque anni fa Joana e David si incrociarono per caso per strada, si sorrisero e fu subito amore. Poco dopo cominciarono a frequentarsi: il 3 luglio 2005. Il numero 03-07-05 divenne magico. È stampato su copertine di quaderni, fotografie, quadri, magliette, scarpe da ginnastica. Era il numero che Joana scommetteva all’Euromilhões. Acquistò un valore simbolico come tutti gli oggetti che in qualche modo avevano a che fare con la sua storia d’amore. Si trovano tutti nel “baule”, un grande cesto di vimini che Joana custodiva in camera. Cartoline, lettere, biglietti che scrissero l’uno all’altro si trovano nel baule. Quaderni pieni di poesie, altri di trascrizioni integrali di sms, biglietti di autobus, di concerti, scontrini di ristoranti, di hotel di una certa vacanza si trovano nel baule. Capi di lingerie che David regalò a Joana o che furono indossati in quella notte di anniversario si trovano nel baule. Candele, magliette con parole d’amore, jeans usati, scarpe da ginnastica rotte, biglietti dell’autostrada, bustine di zucchero, un panino avanzato da quel picnic, un tovagliolo con cui David si era pulito la bocca durante una cena romantica si trovano nel baule.

Mano a mano conservavano tutto lì, come un patrimonio, un reliquiario. Qualcosa di vivo e totemico che, come tale, cambiava aspetto come la realtà stessa. “Perché il baule si limita a custodire vecchi stracci e non conserva memorie?” scrisse Joana in una delle lettere che non inviò a David nell’aprile di quest’anno, periodo in cui avevano litigato. “Sai...lo stesso vento che nei momenti difficili trascina con sé le foglie verso il nulla, si occuperà di restituirci quello che ad ognuno di noi appartiene”.

Le liti fecero sempre parte della relazione, ma non duravano mai molto. Anzi in quei periodi la passione cresceva. Profonda come la sofferenza. E come la felicità della riconciliazione. Erano cicli che scandivano completamente le vite di entrambi e restavano impressi ovunque. Nelle lettere, nei messaggi, nei diari. “L’instabilità è stata narrata in vari capitoli, un racconto il cui fine rimane confuso quanto le orme che un giorno calcammo nella sabbia”, scrisse Joana a marzo del 2009.

E poi lei, con il suo nome che si confondeva con i nomignoli affettuosi che gli affibbiava (cavolo, mango, ape, albero): “Cavolo felice. Cavolo felice. Cavolo felice. Cavolo feliiiice! Non sentendomi così da molto tempo...Voglio e desidero così tanto che tutto questo sia venuto per restare”.

Sono centinaia di pagine di diari, di lettere, di quaderni. “Qualsiasi cosa dicano, qualsiasi cosa facciano, qualsiasi cosa cambi in te, io sarò sempre qui. Qui per farti sentire quello che ho sofferto. Qui per lottare con te. Qui per restare con te fino alla fine”. L’intera storia, dall’inizio alla fine, è intrisa di sangue. “Con te ho imparato ad amare. Il mio posto è al tuo fianco. Al di là di tutto ciò che rappresenti, sei tutto ciò che non sopporto di perdere. Se un giorno dubitassi delle mie parole, tieni per te questa impressione perché solo a te appartiene. Non lasciarmi di nuovo”.

Una storia d’amore assoluto. “È cambiato tutto da quando lui è entrato nella mia vita. Perché? Perché lui è il futuro. Era il passato, è il presente, appare nei sogni da realizzare. Non mi interessa quello che possono pensare. Mi interessa solo il mio ‘io’ e lui. Solo noi! È a lui che voglio dedicare tutto. È con lui che voglio arrivare alla fine. È con lui che voglio dormire in spiaggia, guardare le partite di calcio, andare ai concerti, fare shopping. È con lui che ho sempre sognato di ammirare il tramonto. È con lui. È con lui. È con lui”. È una storia piena di ripetizioni, di ostinazione. Tutto inizia e finisce con “Ti amo...Ti amo amore mio...L’amore più grande del mondo...Ti amo in un modo che non capirai mai...Ti amerò per sempre, come nessuno ha mai pensato che fosse possibile amare...Un giorno inventeranno parole in grado di descrivere un amore come questo...Per ora resta inspiegabile”.

Negli elaborati di Joana per l’università, negli articoli scritti per il giornalino della scuola, nelle poesie allegate al tema di Portoghese, l’argomento è sempre lo stesso: David e l’amore di lei per lui. Alla fine di un tema, scritto in terza superiore, che iniziava con “ho trovato l’amore e mi sono incamminata sul sentiero dei sogni”, il

professore scrisse: “Poesia sentita e sofferta. Si nota che è una poesia impetuosa uscita dalla tua anima”.

\*

Paula, la madre di Joana, non l’ha mai considerata una relazione normale. “Non era il classico atteggiamento di chi sta insieme da quasi cinque anni. Erano sempre così innamorati, così ossessionati l’uno per l’altro, che sembrava che si fossero appena conosciuti”. La stanza di Joana, con la carta da parati e il copriletto della stessa fantasia a strisce bianche e nere, come una pantera scomparsa, è un santuario. Ci sono foto di Joana e David alle pareti, magliette con una loro foto stampata, identica a quelle che Joana ha fatto stampare sulla copertina dei quaderni di scuola, sulle lampade da tavolo e sui vasi di fiori.

“Joana aveva pianificato la sua vita. Tra due anni comprare una casa a Porto, sposarsi con David e avere due figli, chiamati Mariana e Bernardo”. Paula racconta che Joana conobbe David a 15 anni, non andò con altri ragazzi, né sarebbe stata capace. “Ho sempre pensato che se un giorno si fossero lasciati, lei si sarebbe fatta suora”.

Nonostante tutto, David era geloso. Non lasciò che la sua ragazza partecipasse alla goliardia accademica, la allontanava da amici e amiche, la criticava quando si metteva la minigonna e perfino quando perdeva qualche chilo, perché avrebbe potuto attrarre altri uomini. Varie volte Paula sorprese Joana mentre mangiava Nesquik su ordine di David.

Nonostante fosse possessivo, ebbe svariate scappatelle, anche vere e proprie relazioni con altre ragazze. Ma tornava sempre. Joana era felice di nuovo, e anche Paula. Faceva di tutto per accontentare la figlia. Quando compì 16 anni, si arrabbiò perché beccò un messaggio di David che diceva “...ora hai l’età per farti una scopata”. Ma poi finì per accettare tutto. Il venerdì lasciava che la figlia dormisse a casa di David. E quando compì 18 anni le regalò una notte da luna di miele all’Hotel Ónix. “Il modo migliore che ho trovato per offrirti un momento indimenticabile in compagnia di chi ami tanto...” scrisse.

Era consueto che madre e figlia si scambiassero biglietti e messaggi affettuosi. Quelli di Joana erano pieni d’amore, come sempre. Lei era fatta così, Paula lo sapeva. Per questo sosteneva la relazione con David. Pensava che fosse “uno screanzato” e che si vestisse in modo troppo strano, con i pantaloni in fondo al sedere, i capelli colorati e

il viso truccato. “Ma la sua stravaganza metteva allegria in casa. Lo consideravo un figlio”. Un giorno Paula suggerì alla figlia: “Conosco un posticino molto bello dove puoi andare con David”. E le consigliò la diga di Fagilde.

Quando la figlia scomparve, di notte, alcuni giorni dopo una violenta lite con David in cui lei voleva chiudere la relazione, istintivamente andò là a cercarla. La Peugeot 306 su cui erano usciti per andare a cena al centro commerciale Palazzo del Ghiaccio era schiantata su una terrazza lungo il fiume, il cadavere di Joana nel baule, il cranio fracassato in un sacco di plastica. David, che si presentò ferito in un bar di Fagilde, raccontò alla polizia una storia di minacce, furto d’auto e sequestro. Ma poi confessò di essere stato lui. In una delle ultime pagine del diario, Joana aveva scritto: “Porterò con me nel mio cuore per sempre l’uomo che mi ha cambiata, i gesti che mi hanno trasformato e arricchito, tutto quello che è evaporato in uno schiocco di dita. Che tu voglia o no, che tu ci creda o no, eternamente porto il tuo nome...David”.

## **8. La fragilità**

Raramente ho sentito la fragilità umana in modo così pungente. In quella stanza di una ragazza ventenne, piena di peluche e fotografie, biancheria intima ripiegata sul letto, libri sul comodino e diari segreti, io ero un intruso. Ho esitato prima di varcare la soglia. Nell’aria permaneva il suo odore, l’odore di Joana. Un misto di profumo e pelle di ragazza, la traccia imprescindibile dell’ultima notte che passò qui. E l’intera giornata passata a scrivere, angosciata, e poi a scegliere cosa indossare per l’appuntamento. La scollatura, la minigonna (nonostante il freddo che faceva fuori) per provocare una reazione in David, il suo ragazzo. Una reazione qualsiasi, di passione o collera, e non l’insostenibile indifferenza. L’appuntamento da cui non tornò mai.

Paula, la madre di Joana, si è seduta al mio fianco sul letto e insieme abbiamo letto i diari della ragazza assassinata martedì 17 novembre, meno di una settimana prima. Scriveva tutto quello che faceva, pensava, sentiva e le succedeva; per questo, aprire quei diari era come entrare nella sua vita. E la sua vita era l’amore per David. Nient’altro.

“Mi hai mostrato un mondo intero per poi trasformarti in esso. Un giorno inventeranno parole in grado di descrivere la misura di questo sentimento, ma non oggi.



Per ora resta indefinibile”, scrisse Joana. Un amore soffocante, angosciante. “Perché non riesco a dimenticare quello che provo per te. Non sono felice se non sei qui con me. Morirei se sapessi che non ti vedrò più. Perfino la ragione per sognare è perduta, poiché quella di vivere è perduta da tempo”. Il punto debole di Joana. Il suo lato più fragile.

Nella comunità degli esseri umani ognuno cerca i proprio modi per proteggersi, e in questo rituale tra scudi e armature alcuni finiscono per perdere tutto e restare indifesi. Il padre di Joana scomparve dalla sua vita prima che lei nascesse. Il patrigno, che lei amò come un padre, lavorava di notte e fu assassinato in circostanze sospette. Paula è costretta a lavorare a giornata – intere giornate e tutti i giorni – per mantenere i due figli.

Le amiche dicono che Joana era una ragazza allegra, bella e attraente. Ma basta leggere una riga dei suoi diari per capire che non sapeva come proteggersi dalle insidie della vita. Una persona vulnerabile, a cui uno potrebbe fare del bene, ma anche del male. Perché no? Tanto lei lasciava fare! Tanto non aveva la forza di reagire! Tanto non sarebbe apparso nessuno a difenderla! Tanto c'erano già stati delitti nella sua famiglia! Perché no?

David confessò di averla uccisa. Forse avrebbe comunque confessato se, per puro caso, fosse stata lei a sfregiarsi il viso. Una questione di giustizia: l'assassino sarebbe lo stesso, senza bisogno di alzare un dito.

Joana, so che entrare così nella tua stanza, nella tua stanza di ragazza viva, quando non c'eri per darmi il permesso, è stato un ulteriore sopruso. Voglio chiederti perdono. Il mio impulso, irrazionale, era avvertirti del pericolo. Prenderti la mano e non lasciarti uscire da là, nella fredda notte di quel martedì. Proteggerti. Ma quando sono arrivato, per puro caso, tu eri già uscita.

## **9. Abbandonati per strada**

Viseu è la capitale delle rotonde. A una di queste, da dove partono strade dirette ovunque, i cartelli stradali indicano autostrade, raccordi e tangenziali, un groviglio di strade e viadotti, e sembra che partano da sopra le nostre teste diretti da nessuna parte.

Bisogna provare tutte le uscite per scovare la Strada Nazionale 2. Eccola l'uscita, giusto prima dell'entrata della IP3 in direzione Coimbra. Non è indicata in

alcun modo, ma esiste in quella rotonda, clandestina come la EN2, che esiste, nella sua completezza, da Chaves a Faro, è confermato. In altre regioni è accettata persino con un certo orgoglio. Ma qui, tra Viseu e Penacova, Viseu e Vila Real, Vila Real e Chaves, regnano le autostrade.

La costruzione di nuove strade è diventata (l'unico?) sinonimo di sviluppo a tal punto che la rete viaria precedente è stata soffocata, come se fosse una vergogna. L'autostrada conduce verso il progresso. Sebbene, spesso, sembra che non passi da nessuna parte.

A Vila Pouca de Aguiar, il giorno stesso in cui il primo ministro inaugurò l'ultimo tratto della A24, una specie di "upgrade" della IP3, a più riprese, tra imprenditori e autorità locali, si è diffusa una nuova lamentela: "Ora la strada non passa da Vila Pouca".

Prima protestavano perché non era facilmente accessibile. Adesso perché i centri abitati sono tagliati fuori dal tracciato delle autostrade. Hanno tutti paura di essere dimenticati e ne hanno motivo. Con la nuova viabilità, in molti centri non ci sono più scuse per mantenere la scuola elementare, il pronto soccorso e la maternità. In cambio di cosa? Per molte persone la nuova autostrada serve solo per una cosa: fuggire.

La Nazionale 2 appartiene ai paesi che attraversa. Diversamente dalle autostrade, che delle città e cittadine non vedono altro che le rotonde, da lontano, la EN2 si tuffa nel cuore di ogni centro abitato. Quasi sempre diventa la sua strada principale. Si riempie di bar, ristoranti e negozi, di persone. Passa dai pompieri, dal mercato, dalla stazione dei pullman, dai distributori di benzina, dal municipio. Mette il naso nella vita dei paesi. Gli buca la pancia, inietta vitalità al loro interno. In molte cittadine la strada principale si chiama "Strada Nazionale".

La EN2 è ben ancorata al terreno e nessuno resta indifferente al suo passaggio. Le autostrade sorvolano le città, le abbandonano.

È vero che oggi, viaggiando, non passiamo da nessuna parte. Abbiamo abbandonato questo mondo che nel frattempo ha continuato ad esistere come un'allucinante illusione. In certe zone gli unici segni di vita sono gli showroom di auto usate (uno degli emblemi della EN2) e i monumentali e mostruosi ristoranti progettati per "Matrimoni e Battesimi". Come se ci fosse vita solo in una versione rituale e occasionale, quando gli emigrati tornano per sposarsi o battezzare i figli.

Uscendo da Viseu riprendo la Nazionale 2, la Strada. In un certo senso è come tornare a casa.

## **10. Deviazione per Serra da Estrela**

### **Un vero pastore dorme in piedi**

Da marzo in poi il centro di tutto era la montagna. In inverno il bestiame si accontentava delle terre a valle, nei dintorni di Manteigas, ma in primavera e in estate bisognava salire sulle montagne fino a Cântaros, alla Nave di Santo António, alla Torre. Là il pascolo è più fresco. “L’erba si mantiene tenera”. João Direito, 76 anni, magro ed esile, cappello grigio, lunghe basette, pelle arsa e occhi azzurri, della stessa tonalità dell’impeccabile maglione da cui spunta la camicia a quadri, gestisce con perizia tutti i prati della Serra da Estrela. Conosce ogni pascolo, le relative caratteristiche e i mutamenti stagionali. È come se le montagne fossero uno sconfinato ristorante dove si diverte ad accompagnare i suoi clienti in insoliti percorsi gastronomici.

“Là su le bestie stanno al fresco. Per almeno tre mesi dobbiamo spostarci nelle zone più elevate. Adesso ci vanno di meno, solo a luglio e agosto”. Dovuto all’età, anche João non ci va più spesso. Gli sono rimaste le sue trenta pecore e ventisei capre. E la cagna, Teia, della razza Serra da Estrela.

“Là su l’erba è migliore. È più tenera. I massi fanno ombra, mantengono l’erba buona e fresca. Servono anche a fare ombra alle bestie, di pomeriggio”. All’ombra dei colossali blocchi di granito, come il Poio do Judeu, tra la Nave di Santo António e il Covão de Ametade, i pastori trovano riparo dal sole e dalla pioggia per i greggi. Sono queste pietre che segnano i sentieri, fanno da punti di riferimento e spesso scandiscono il calendario dei pastori. “Le pecore hanno più bisogno delle altezze. Ma piace anche alle capre”.

Quando era più giovane, João riusciva a condurre più di mille tra pecore e capre di vari proprietari. Si spostava sulle montagne e restava tre, quattro giorni, una settimana. “Tornavo giù quando ero già molto sporco. E quando finivo il cibo”. Portava con sé una sacca, “una bisaccia con pane e formaggio” e anche una gavetta con la zuppa, per scaldarsi. Per le soste più lunghe, nella bisaccia portava dei legumi da cuocere. “Patate, fagiolini verdi a volte. Facevamo la zuppa. E pane e formaggio o

prosciutto crudo. A volte una fagiolata”. Raramente carne o pesce. “Qualche volta un po’ di bollito di capra. Per scaldarmi”.

Di notte, in mezzo alle montagne, accendeva un fuoco. “Due pietre messe così...E qui stava il tegame. E qui da questa parte si metteva la legna. Era una bella vita, glielo assicuro. Molto allegra. Meglio di adesso. Accendevamo il fuoco per cucinare, fare luce e scaldarci. E non abbiamo mai provocato un incendio. Oggi, che è vietato accendere fuochi in montagna, ci sono gli incendi”.

Dopo cena, alla luce della fiamma, avevano anche l’abitudine di fare il formaggio. Si portavano i canovacci e una brocca dove mettere il latte a cagliare. Si lasciava là e si recuperava il giorno dopo.

Dopo aver sistemato tutto, João si copriva con il mantello di lana, si appoggiava al bastone o a una pietra, per dormire. In piedi. Perché la montagna è imprevedibile, da un momento all’altro si scatena una tempesta. In estate è improbabile che nevichi, ma il vento e la pioggia non conoscono stagioni. E se sorprendono un pastore disteso, lo inzuppano di melma e acqua gelida. Lo affogano o lo trascinano giù da un dirupo. È molto pericoloso dormire distesi.

“Una volta si è alzato un vento così forte che non siamo riusciti a muoverci per due giorni. Ci siamo riparati dietro un masso. Eravamo io e un altro pastore. Le pecore sono rimaste senza mangiare per un giorno intero, poverine. Erano più di mille. È scoppiato il temporale, la pioggia cadeva sempre più forte. Siamo corsi sotto un pierón (grossa pietra), ma siamo rimasti aggrovigliati nei roej (terreno ricoperto di rovi), ci siamo graffiati tutti. L’acqua ci ha inzuppato i mantelli, entrava dappertutto. Abbiamo pensato di morire di freddo”. Riuscirono a raggiungere la rupe, ma scese la notte e non fu possibile accendere il fuoco. “Avevo i fiammiferi nel taschino della camicia, erano tutti bagnati. Il vento ci avrebbe portato via se non ci fossimo aggrappati al pierón. Abbiamo dormito così, rannicchiati, aggrappati al pierón”.

Non scoppiavano temporali ogni notte, ma si dormiva sempre con un occhio aperto. Quando il vento non soffiava, i lupi attaccavano. “Bisognava stare attenti perché quelli arrivavano in branco, senza fare rumore. A volte uccidevano due o tre pecore prima che me ne rendessi conto. Era buio, il lupo si avvicinava sempre di più, sempre di più. Azzannava le pecore al collo, tutto in silenzio, gli dava uno strattone, la sbranava e la portava via a brandelli”.

Questo se erano fortunati. O saggi, in alcuni casi. Un lupo sfortunato o senza esperienza poteva attaccare una capra. Allora sì che era il finimondo. “Appena sentono il lupo che si avvicina, le capre belano, belano e belano. Perfino il lupo si impaurisce e a volte scappa. O se no lo raggiungo io e i cani lo inseguono. Ma le pecore no. Stanno zitte zitte. Il lupo può attaccare e anche mangiarcele che loro non aprono bocca. Sono fatte così, è il loro modo di essere, gli piace soffrire in silenzio”.

È per questo che il pastore deve dormire in piedi, con un occhio chiuso e uno aperto. Non era proprio dormire. Quando era in compagnia di un collega, João ne approfittava per discorrere. Quando era solo si metteva a pensare. A cosa? Su cosa medita un pastore nelle interminabili notti della montagna? “Pensavo ai lupi, al tempo che faceva e alle bestie, che non gli succedesse niente. E pensavo al raccolto, al momento giusto per cominciarlo, e ai fagioli, all’olio e alle vigne che avevo piantato vicino a casa”, spiega João. “Pensavo a molte cosette. Oggi ci sono i cellulari e i pastori giovani passano tutta la notte al cellulare. Ma sono rari i pastori giovani. Nessuno vuole fare questo lavoro. La gente preferisce studiare”.

\*

João Direito nacque a Castanheira, nella zona di Mondeguinho, vicino alla sorgente del Mondego. Dall’età di 6 anni lavorò come mietitore di segale. Erano quindici giorni a mietere a mano e poi a macinare i cereali nell’aia. Venivano da ogni parte, uomini e donne, bambini e muli per il lavoro stagionale. Dormivano tutti là, in cerchio.

Era un lavoro duro. Un giorno un uomo non si presentò e il fratello maggiore di João, che sorvegliava le capre, dovette sostituirlo. Chiamarono João, che aveva già 12 anni e un po’ di esperienza nel prendersi cura di vitelli e muli da tiro, per sostituire il fratello. Il gregge era composto da più di cento capre ed era sorvegliato da molti ragazzini. Era una festa. Scorrizzavano per i monti tutto il giorno e guadagnavano poco o niente. Ricevevano pane, patate e frumento da consegnare ai genitori.

E per tutta la vita fu la sua professione. Dai 6 ai 76 anni. Con un unico intervallo: un giorno vendette tutto il bestiame che aveva e se ne andò in Francia. Per dieci anni installò piloni dell’elettricità nella regione di Lione. “Con il badile e il piccone a scavare la terra”. Era già sposato, ma non portò la famiglia con sé. Non imparò il francese. “Era solo per mangiare e per i soldi”. Quando si ammalò tornò a casa. “Avevo i nervi a pezzi, a Natale. Che là si chiama Noël”.

I risparmi della Francia gli permisero di comprare la casa in cui vive oggi e che accoglie anche i figli. Ne ha 3, nessuno ha voluto fare il pastore. Nemmeno i nipoti. Le pecore e le capre rimaste servono quasi solo per il latte. La lana nessuno la compra perché gli stabilimenti preferiscono i fili sintetici d'importazione che costano meno. "Tosiamo ancora le pecore solo perché è meglio per loro".

Nelle terre verdi e scoscese dove João sorveglia le capre e le pecore, i ruscelli scorrono sotto gli arbusti diffondendo nel paesaggio un intenso sottofondo rumoreggiante e cristallino. Il pendio di fronte è ricoperto di pini e arbusti verdi che avvolgono quasi completamente le casupole di pietra. Tra le ripide terrazze, su entrambi i fianchi della valle, si distingue l'eco chiassoso dei campanacci dei greggi.

João rincorre una capra che tenta di scappare verso una zona di pascolo proibita. "Sei furba! Là c'è l'erbetta tenera. Se no cosa mangiate domani?" In tutta la sua vita, il pastore ha già viaggiato più volte, è stato in Francia, una volta ha visitato Lisbona, un'altra Guarda e un'altra ancora Folgoso. Una volta è andato al cinema, a Manteigas, quando era giovane. A 76 anni lavora ancora, tutti i giorni. "Devo stare sempre con le bestie. Se devo andare dal medico, pago all'ora qualcuno che mi controlli le pecore". Forse è per questo motivo che João Direito non si ammala mai. "Influenza, non la prendo. Posso stare al freddo, tanto non mi prendo niente. E non mi piace vestirmi pesante. E neanche stare vicino al fuoco. Quando tutti si mettono intorno al camino, io me ne vado fuori".

## **11. I playboys di Tortosendo**

Il Mercury V8 blu del 1950 scivola sull'Avenida Viriato. Le fabbriche producono a pieno regime, senza dare tregua a telai, roccatrici, stenditrici, orditoi e carde, neanche quando gli operai in tuta da lavoro aprono le gavette di patate bollite e si siedono all'ingresso, sulla strada, sotto il sole o sotto la neve.

Il borbottio sprezzante, borioso, dei quattromiladuecento centimetri cubi degli otto cilindri del possente Mercury di Francisco Batista, riecheggia tra la sua casa e la sede della Moura e Batista, e tra questi e il club Avenida, scenario di partite a carte e raffinate feste danzanti, alle quali gli operai non hanno accesso.

Interi famiglie patiscono la fame nelle catapecchie di Casal da Serra, mentre le signorone vanno a messa su limousine guidate da autisti in livrea. Bambini di undici anni lavorano nelle fabbriche in cambio di nulla, mentre i rampolli degli imprenditori collezionano auto alle corse, senza aver mai lavorato. E senza aver mai giocato con i figli degli operai, che vivevano accanto a loro.

Cosa resta oggi di quel Tortosendo fonte di prosperità per alcuni e miseria per altri, di sfruttamento, di ostentazione, di umiliazione, di molestie sessuali sulle operaie durante i turni di notte, di ribellione, di scioperi e arresti? Le fabbriche sono in rovina, le ville sono chiuse, e il resto? Dov'è finito tutto lo splendore, tutta la vanità? La superiorità, il pregiudizio e la prerogativa?

Dove sono le auto da corsa? Gli aerei privati su cui i padroni volavano al casinò di Estoril? Cosa ne è stato del possente Mercury V8 di Francisco Batista?

Imboccando la strada proveniente da Covilhã, Tortosendo appare come una città fantasma. O una “città sinistrata”, termine preferito dallo scrittore Manuel da Silva Ramos per descrivere Covilhã. Tortosendo è uguale, o peggio. Qui non è sorta un'università per riempire alcuni dei monumentali edifici, esempio dell'archeologia industriale, e attrarre giovani studenti a cui oggi i discendenti degli operai del passato affittano le camere. Qui non c'è nulla. Nei dintorni è sorto un Parco Industriale, con magazzini e fabbriche architettonicamente orrendi, ma in centro città spiccano ancora i magnifici edifici degli anni d'oro. Negli anni 50 e 60 nel piccolo centro abitato di Tortosendo c'erano più di venti stabilimenti che davano lavoro a cinquemila persone circa. Le élite dei lanifici vivevano in grande stile. Nel mezzo della Serra da Estrela, in un universo di pastori, agricoltori e operai sottopagati, un universo analfabeta e isolato, l'élite degli industriali ballava per tutta la notte al club Avenida, andava a fare compere a Parigi o a Salamanca, ai nightclub del Parque Mayer, a prendersi un caffè a Espinho su un'Alfa Romeo sportiva o a Figueira da Foz in aereo privato a prendere le sardine appena pescate, per pranzo.

Nel 1940 Covilhã deteneva il 60 per cento dell'intera produzione dei lanifici del paese. Nel 1949 esportava seimila tonnellate di tessuti, diretti in gran parte in Angola. Nel 1968 ne esportava il triplo – quindicimila tonnellate solo in Angola.

Il declino iniziò in quegli anni; il 25 aprile 1974 dette il colpo di grazia a questo universo di sfruttamento e privilegio, e gli anni 80 furono testimoni della progressiva

chiusura di tutte le grandi fabbriche. Alcuni edifici furono riconvertiti in magazzini o in altre industrie (principalmente di confezionamento, che finirono ugualmente per dichiarare bancarotta). Ma la maggior parte rimangono al loro posto, in attesa che gli operai ritornino, che i telai si accendano di nuovo e la lana torni a riempire i magazzini. Sono edifici danneggiati, molto spesso in rovina, sebbene spuntino insolite tracce di vita dal loro interno. In mezzo alla distruzione ci sono macchinari, tessuti, bottoni, strumenti sparsi sul pavimento, come se l'abbandono non fosse stato lento e duraturo, ma repentino e provvisorio.

Il Consorzio dei Lanifici, il Consorzio dei Fabbricanti, la João Pontífice, la Cláudio de Sousa Rebordão, la José Laço Pinto Júnior e tante altre fabbriche che fanno ancora onore all'Avenida Viriato, l'arteria principale di Tortosendo, si sono fermate nel tempo, congelando il momento in cui l'attività è cessata, in cui qualcuno è fuggito, o si è nascosto, per non affrontare il divenire storico che li avrebbe sepolti tutti.

Per le vie di Tortosendo la vita continua. La gente sorpassa le carcasse delle fabbriche fingendo di non vederle. Forse ormai non le vede. La palese e monumentale inutilità dei mostri di pietra li ha trasformati in avanzi di un cataclisma, come se fossero colline o alberi centenari. O templi primitivi, abitati ancora dagli dei del rancore.

\*

Manuel Batista, 58 anni, vive nella villa di famiglia. Oggi è proprietario di un'attività d'importazione di accessori per gli stabilimenti di confezionamento, che ha poco a che fare con le aziende fondate dal nonno, Francisco Pontífice Batista. Lavorò negli stabilimenti gestiti dal padre, Gabriel, e dagli zii, ma prese le distanze quando cominciò il declino. In seguito, tutto l'impero economico dei Batista si inabissò.

Francisco era povero. Emigrò in Brasile e tornò con del denaro che investì nell'industria tessile. Dicono che al suo ritorno, prima di arricchirsi, indossava pantaloni bucati. "Mio nonno era un uomo di poche parole, integro e onesto", racconta Manuel. "Tornò dal Brasile con un po' di soldi che investì in una fabbrica. Non ha mai chiesto un prestito. Ha costruito gli stabilimenti e poi ha ceduto la società ad altri".

Francisco aveva varie fabbriche, tenute, case e possedimenti. Dicono che aiutasse i poveri che andavano alla tenuta a chiedere da mangiare. Regalò il terreno su cui fu costruito il seminario di Tortosendo, fece costruire un quartiere intero per i suoi operai. Lo chiamarono Quartiere dei Pini, ma era più conosciuto come Quartiere dei



Batista. Sorgeva accanto alle fabbriche e comprendeva un parco giochi per i bambini. Oggi si chiama Quartiere José Carlos Ary dos Santos.

Fu Francisco che fondò il club Avenida. Comprò l'edificio e invitò gli amici a diventare soci. Carlos Barata, 72 anni, abitante del Quartiere dei Batista (com'è ancora conosciuto), si ricorda del club. Facevano grandi feste, c'erano auto lussuose parcheggiate all'ingresso. Ma non entrò mai. Frequentava l'altro, il club Unidos, dove si ballava sulle note del gruppo chiamato "Il Jazz". Ma mai l'Avenida. Non era socio e non gli era concesso esserlo. "Era solo per i ricchi. Noi non potevamo entrare". Carlos e sua moglie, Maria do Céu Gabriela Silveiro, 70 anni, vivono nel Quartiere dei Batista da cinquant'anni. Lavorarono nella fabbrica di Francisco, lui dall'età di 10 anni, lei dall'età di 11.

Guadagnavano pochissimo, ma almeno allora c'era lavoro, commentano ora con Manuel, il nipote di Francisco. "Aah signor Manuel, è stato un peccato che l'impresa sia fallita", dice Maria do Céu. Carlos aggiunge: "Un tempo la vita era più allegra di adesso".

Manuel iniziò presto a lavorare nell'azienda del padre e degli zii, anche se non guadagnava nulla. All'età di 18 anni, uno degli zii gli pagò uno stipendio, ma il padre lo scoprì e gli ritirò i soldi. "Devi lavorare per imparare, non per guadagnare", gli diceva.

Manuel trasportava tessuti e consegnava pantaloni con un furgone. Questo avveniva già nel periodo in cui le aziende si occupavano di confezionamento. Era ancora un bambino negli anni d'oro dei lanifici, che ricorda come un tempo di prosperità e redenzione.

Giocava con i cugini nelle numerose case e tenute di famiglia. Aveva giocattoli costosi, esclusivi. Come per esempio una macchina telecomandata, che conserva ancora oggi su uno scaffale assieme alle collezioni di macchinine Matchbox.

Manuel ripensa al cugino Tó Rui e alle sfide con le macchinine. Era il chiodo fisso dell'intera adolescenza, sua e dei suoi cugini e amici. Nel caso di Tó Rui, lo svago si protrasse negli anni della giovinezza e oltre. Sostituì le macchine in miniatura con quelle vere, divenne pilota di rally.

Si trasferì a Londra, si occupò di corse di Formula 3 e Formula Ford. Divenne un campione con il nome di António Rui Bacelar de Moura. Pilotò una Fiat 600, una Abarth 1000, una Austin Cooper, un'Alfa Romeo GTA e una Opel Commodore. Oltre

ad essere pilota, Tó Rui suonava in un gruppo rock'n'roll che faceva pezzi dei Beatles, Rolling Stones e di Bob Dylan.

“Tó Rui era un vero playboy”, racconta Manuel Batista. “Si sposò molto tardi e faceva una vita...come ha detto un suo amico, a quel tempo faceva sospirare le ragazze e le madri”.

Tó Rui è morto due anni fa, ma la passione per le auto sportive è sopravvissuta a Tortosendo. La parete dell'ufficio di Manuel è tappezzata di foto di modelli degli anni 60 e 70. E nel garage di una delle case di famiglia, sull'Avenida Viriato, vicino alla sede del Club dei Ricchi, chiuso, ci sono vari pezzi perfettamente mantenuti e conservati. Una Citroen Pallas, una Taunus, una BMW 1600, una Renault 12, una Cortina GT e una Fiat 125 Special blu, la sua preferita.

\*

A Covilhã l'industria tessile iniziò a svilupparsi nel secolo XIX. All'inizio del secolo XX era già uno dei settori industriali più importanti del paese. Ma fu durante le due guerre mondiali che i lanifici si trasformarono in un'attività economica estremamente redditizia. Gli stati europei in guerra interruppero la produzione di lane e tessuti, aprendo la finestra delle opportunità agli imprenditori della Serra da Estrela.

Secondo Elisa Pinheiro, storica e ricercatrice, ex direttrice del Museo dei Lanifici di Covilhã, l'élite degli imprenditori ha le sue radici, dal secolo XVII, nella comunità ebrea della regione. Svilupparono il settore seguendo un modello sui generis fondato sulla presenza di numerosi corsi d'acqua in città. Per questo le fabbriche furono costruite lungo i torrenti, per questo puntarono sui telai idraulici, facendo a meno dell'energia a vapore che si affermava in Inghilterra all'epoca della rivoluzione industriale.

A Tortosendo il settore si sviluppa più tardi, come filiale delle fabbriche di Covilhã. Per questo qui furono costruite lungo la strada, per facilitare il trasporto verso Covilhã.

“Le élite di Tortosendo sono più tardive”, spiega Elisa Pinheiro. I primi furono i tessitori che si arricchirono fornendo filo di lana alle fabbriche di Covilhã. Da uno o due telai, iniziarono a metterne insieme varie decine in un “capannone”, che in seguito fu il punto di partenza delle prime fabbriche. Questi primi imprenditori iniziarono ad associarsi alle fabbriche di Covilhã, prima ancora di essersi resi indipendenti.

E forse fu a causa di un'ascesa sociale rapida e relativamente semplice che diventarono sfruttatori più accaniti sugli operai e più esibizionisti. Presentavano le stesse caratteristiche dei loro omologhi di Covilhã, seppure più esasperate, forse, in alcuni tratti. E, dal momento che vivevano in un ambiente più ristretto e più povero, dettero vita ad una società di maggiori contrasti e ingiustizie. Negli anni 60, all'apice della produzione, c'erano un centinaio di stabilimenti a Covilhã e due decine circa a Tortosendo – fatto che, data la dimensione relativa dell'abitato, aveva un peso anche maggiore sulle attività della popolazione.

Una delle caratteristiche di queste élite, tanto a Covilhã quanto a Tortosendo, era la loro scarsa cultura. “A Covilhã il liceo apre le sue porte tardi, negli anni 40 inoltrati”, seppure, ufficialmente, sia stato costruito prima, nel 1934, spiega Elisa Pinheiro. Nei verbali della riunione del consiglio comunale durante il quale si decise di fondare il liceo, sono registrate svariate obiezioni. Un importante imprenditore dell'epoca disse: “Un liceo? A quale scopo? Noi mandiamo i nostri figli a studiare lontano da qui. Se ci fosse un liceo qui, anche i figli degli operai studierebbero”.

Alla fine il liceo fu inaugurato, ma non servì da trampolino verso l'università. Gli imprenditori avevano la possibilità di mandare i figli a proseguire gli studi, ma non lo fecero. Pensarono che non fosse necessario. Era così semplice fare soldi che lo studio era visto come una perdita di tempo. Furono pochi gli imprenditori che vollero dare ai figli una formazione nell'area tessile. O qualsiasi altra formazione. Elisa ricorda che quando andò all'università, a Lisbona, i professori si lamentavano di non aver mai visto un giovane di Covilhã da quelle parti.

“Era facile fare soldi. Queste persone spendevano molto e non avevano alcun rispetto per chi lavorava”. Elisa si ricorda di una sarta di Covilhã che raccontava delle signore ricche che le ordinavano venti o trenta vestiti per volta, da sfoggiare al casinò, e poi non pagavano. Esisteva anche la tradizione della beneficenza, malgrado lo scopo fosse più l'esibizionismo che il reale interesse per coloro che vivevano in condizioni peggiori. C'erano feste di beneficenza, durante le quali le signore giocavano a canasta, e l'usanza di “adottare” i poveri. “Le famiglie avevano i loro poveri di compagnia”, racconta Elisa. Ha studiato gli elenchi delle donazioni per l'ospizio dei poveri, che i ricchi facevano pubblicare sui giornali. “Erano importi miseri. Donavano oggetti in cattivo stato, che non valevano nulla, solo per mettersi in mostra sui giornali”.

Gli uomini avevano amanti tra le operaie. “Sceglievano le più belle, gli tiravano su una casa, avevano figli con loro. Avere varie donne a carico era perfino un indice di affermazione e potere”.

Al contrario di questa specie di aristocrazia analfabeta, gli operai tentavano di mandare i figli all’istituto industriale di Covilhã, che aprì le porte nel 1881 offrendo corsi di specializzazione nelle varie attività manifatturiere.

Da un certo momento in poi, divenne evidente il contrasto tra l’incompetenza dei padroni e la grande preparazione degli operai, o almeno dei quadri di livello medio delle fabbriche, come disegnatori, tintori, ecc. “C’era un élite di capi reparto”. E forse questa è stata una delle ragioni alla base della violenza del conflitto che seguì.

L’ignoranza e l’incompetenza degli imprenditori impedirono loro di modernizzarsi all’arrivo della crisi. Con la concorrenza del terzo mondo, e, specialmente, dopo il 1974, con la contestazione delle condizioni di lavoro e la scomparsa delle colonie, il settore morì.

“Le fabbriche erano state equipaggiate con macchinari nuovi, ma erano adatti alla produzione per il mercato coloniale, che era poco esigente in termini qualitativi”, spiega Elisa. Scomparsa questa nicchia di mercato, non riuscivano a concorrere in un competitivo mercato mondiale.

\*

“Era un mondo molto violento”, afferma la storica. “Non solo dalla parte dei padroni, ma anche da quella degli operai”. Da subito ci furono scioperi e manifestazioni organizzate da un forte movimento anarco-sindacalista, e in seguito comunista. Già nel 1923, per esempio, ci fu uno sciopero per protestare contro la Francia che aveva occupato la Ruhr. Gli operai riuscivano a raggiungere un tale livello di arroganza.

Nelle sue ricerche, Elisa scoprì che questo movimento di contestazione non nacque spontaneamente, né a Covilhã, né a Tortosendo. Intuendo le condizioni sociali propizie, alcuni attivisti di Lisbona inviarono agitatori e militanti. È risaputo che furono inviati degli studenti nelle fabbriche di Covilhã per lavorare come operai e fomentare i colleghi. A Tortosendo giunse un calzolaio della zona di Seixal, anarco-sindacalista, chiamato Joaquim Roça, assieme a due panettieri originari di Tortosendo, che però si erano spostati nella zona di Lisbona, chiamati José e Américo Ribeiro, massoni e legati

al partito comunista. Collaborarono per formare la cellula comunista, che diventò famosa e potente.

Dagli anni 20 si formò un élite operaria a Tortosendo. Fondarono il club Unidos, dove gli attivisti tenevano lezioni di teoria politica rivoluzionaria, ma anche di altri temi culturali come pianoforte e francese. Era un club dedicato alla cultura, mentre l'Avenida era dedicato al gioco e alle frivolezze. Un terzo club, lo Sport Lisbona e Benfica, riuniva i membri delle classi ricca e povera.

Al club Unidos misero insieme una biblioteca ricca di volumi, parte dei quali sovversivi, che gli operai nascondevano nelle proprie case e che a volte sotterravano per sottrarli alle retate della polizia.

Alberto Oliveira, 78 anni, usufruì di questa biblioteca. Da giovane lesse Zola e Stendhal, grazie al club Unidos. Lavorò in fabbrica e fu dirigente sindacale per gran parte della sua vita. Aiutò a organizzare gli scioperi, sostenne gli operai arrestati.

Suo padre era postino e ancora prima del figlio aveva “tendenze letterarie”. Scriveva articoli di carattere religioso per il “Notícias da Covilhã”. Alberto sarebbe diventato membro della Gioventù Operaia Cristiana (JOC). All'età di 11 anni, dopo l'esame di terza elementare, andò a lavorare come garzone. E a 16 anni entrò in una fabbrica, il Consorzio dei Fabbricanti. Poi andò alla Leonel de Sousa Rebordão e, più tardi, alla Américo Sousa e fratelli. In quest'ultima lavorò per quarant'anni.

Entrò presto nel sindacato, che dall'inizio era strutturato secondo il modello corporativo. L'autonomia sindacale fu conquistata prima a Covilhã. Tortosendo avrebbe dovuto aspettare altri dieci anni.

“I lavoratori non avevano nessun tipo di tutela, non potevano avanzare lamenti. Le donne guadagnavano meno. I bambini lavoravano come annodatori di fili, e non venivano pagati. Diventavano apprendisti solo dai 18 anni in poi. Se gli operai si lamentavano, il sindacato, controllato dai padroni, non gli dava mai ragione”.

Una volta, al Consorzio dei Fabbricanti, Alberto vide comparire un ispettore del lavoro. Uno dei padroni, José Laureano de Moura e Sousa, che non si faceva mai vedere in fabbrica, andò da lui e disse: “Scelga pure il completo che preferisce”. L'uomo scelse il completo e se ne andò.

Quando il Ministro del Lavoro, Veiga de Macedo, visitò Tortosendo, Alberto andò a sentirlo all'incontro ufficiale. Alla fine del discorso di circostanza, si alzò e si

rivolse al ministro per chiedere la realizzazione di elezioni all'interno del sindacato, com'era già successo a Covilhã.

Il ministro si mise a urlare: "A Tortosendo? Questa marmaglia di comunisti? Ho sentito dire che avete un club con una biblioteca sovversiva..."

Alberto Oliveira è un uomo rispettato a Tortosendo. Quando passeggia per Casal da Serra, uno dei quartieri più vecchi e più poveri del centro abitato, tutti lo vengono a salutare.

Manuel Fernandes Pontífice, 97 anni, racconta di come, per trent'anni, andava tutti i giorni a Covilhã a piedi, attraversando i monti, per lavorare in una fabbrica come cardatore. Nel tempo libero, coltivava un terreno di proprietà di una delle famiglie di imprenditori, i Garrett.

Januário Nunes de Almeida, 72 anni, lavoratore nei lanifici da quando ne aveva 9, sorriso sdentato e viso intagliato come una pietra, ricorda il momento in cui riuscì ad essere trasferito in una fabbrica nuova dello stesso padrone (Fernando Antunes, che non ha mai visto), a Unhais da Serra, alla condizione di non lavorare più alle carde. "Non volevo le carde. È pericoloso. Quella può afferrare le braccia e la testa. Di quelli alle carde ce ne sono pochini che non sono diventati storpi. Sono stati tutti battezzati".

Le minuscole case conficcate sulla collina di Casal da Serra furono tutte tinteggiate con un contributo del comune. Ma gli abitanti di questo quartiere che sorge lungo una scorciatoia per le capre verso la Serra da Estrela, sono ancora poveri come al tempo delle fabbriche e dei padroni sfruttatori. Non ci sono più stabilimenti e gli imprenditori sono tutti morti, ma i contrasti sociali a Tortosendo sono ancora evidenti, come negli anni 60.

"Portare il nome di un'importante famiglia di imprenditori significa ancora qualcosa da queste parti", afferma Natália Oliveira, ufficiale giudiziario, figlia di Alberto. Le persone vanno d'accordo tra di loro, racconta, ma "se guardiamo i fatti", non è proprio così. Ancora oggi, il figlio di un ricco non si sposa con la figlia di un povero. Anche se non è altro che un pregiudizio, poiché la maggior parte di queste famiglie rinomate sono rovinate.

Le ultime generazioni hanno sperperato il tesoro delle famiglie, spiega Manuel da Silva Ramos, lo scrittore di Covilhã. "Avevano una vita agiata, sperperavano, compravano auto, adoravano mettersi in mostra. Pensavano che i soldi non sarebbero

mai finiti”. Ramos, 65 anni, scrisse vari libri, ma il più famoso è “Caffè Montalto”, in cui racconta la vita delle élite di imprenditori. Per scriverlo ha intervistato più di cinquecento persone. “È la bibbia di Covilhã. Dopo averlo scritto, posso anche morire”, afferma lo scrittore.

Manuel da Silva Ramos nacque nel villaggio di Refúgio, figlio di un sarto che confezionava tute per gli operai e comprava i tessuti dai ricchi. Così Manuel conobbe i due volti della società. Nel 1970 scrisse un libro (“Os três seios de Novélia”) che gli valse il premio letterario Almeida Garrett. Con i ventimila *escudos* vinti partì per la Francia, in fuga dalla guerra coloniale.

Ritornò nel 1997 per scrivere altri libri. Nel romanzo “Caffè Montalto” decise di riportare i veri nomi delle famiglie che ritrae. Soffrì minacce, procedimenti giudiziari. Ma l’opera è ancora al suo posto. Nel libro i padroni molestano le operaie, ai poveri non è concesso entrare al caffè Montalto, il più famoso di Covilhã, i bambini nati in famiglie povere non possono giocare con i figli dei ricchi, gli operai si ammalano, sono vittime di incidenti sul lavoro e diventano sordi, hanno un’alimentazione inadeguata. I figli degli imprenditori ascoltavano i Beatles e Adamo, guidavano auto sportive, pilotavano aerei.

“La Chiesa ebbe un ruolo fondamentale di complice in questo padronato”, afferma Manuel da Silva Ramos. “Ancora oggi si possono notare le chiese costruite di fianco alle fabbriche. L’obiettivo era spiare gli operai. Ho le prove di almeno un prete che era informatore della polizia. Si chiamava padre Morgadinho e, nel confessionale, faceva domande alle mogli degli operai scioperanti, per poi denunciarli alla Pide”.

\*

Dopo il 25 aprile la reazione degli operai fu violenta. Manuel Batista ricorda di aver assistito, da piccolo, ad alcuni comizi nelle fabbriche del nonno. “I sindacalisti arrivavano, durante l’orario di lavoro, e ordinavano di fermare i macchinari, per tenere dei discorsi. Indicevano scioperi per qualsiasi cosa. Mi ricordo che una volta portarono un operaio da un’altra regione, metalmeccanico.

‘Questo compagno è stato licenziato’, dissero. ‘Per questo faremo sciopero, per solidarietà nei suoi confronti’”.

Manuel Ramos non è sorpreso dalle reazioni degli operai. “Il dolore delle persone fu incalcolabile”, dice. “Ci fu e c’è ancora molto rancore. La memoria di quel dolore non si potrà cancellare mai”.

A Tortosendo i nomi delle famiglie di imprenditori provocano ancora sussulti e qualche timore. Valdemar Rebordão, nipote di Cláudio Rebordão, socio della Moura Matos. Carlos Sousa, figlio di Américo Sousa. Eduardo Carvalhão, figlio di João Carvalhão, del Consorzio dei Fabbricanti. Manuel Batista e i suoi cugini, tuttora proprietari di terreni, vecchie fabbriche e palazzine vuote. È nel garage di uno di loro che, sotto un telo, di fianco a un’auto moderna e un motoscafo per il tempo libero, abbiamo ritrovato il sontuoso Mercury di Francisco Batista. Come e perché è stato custodito qui, per tutti questi anni? Insolitamente funzionante, al contrario delle fabbriche, trasformate in relitti. Impeccabile, vernice blu brillante, gomme nuove, cromature scintillanti. Il presuntuoso V8 del 1950, quattromiladuecento cm<sup>3</sup> di cilindrata, pronto a muoversi. Si direbbe che il motore è ancora caldo. Come se fosse appena rientrato dopo una serata al club Avenida.

## **12. Serra da Lousã**

### **La matta di Trevim**

Sulla Nazionale 2 si guida alla vecchia maniera. La polizia raramente passa di qui e non mi risulta che ci siano autovelox. Si fanno le curve in mezzo alla strada, in contromano, i sorpassi sono calcolati al millimetro, con le auto nell’altra corsia e la linea continua. Una ragazza con i capelli al vento su una Mazda cabrio rossa mette la terza mentre slitta sul ciglio della curva opposta, una Ford Capri del 1970 con un ferro di cavallo lucente inchiodato alla griglia frontale, si innalza senza frenare e si lancia stridendo e disegnando un angolo retto verso lo strapiombo sulla sinistra.

In mezzo alla strada dei corvi si alzano in volo, delle lepri, molto fiduciose, attraversano la strada in diagonale, dei cani randagi corrono giù dai declivi scoscesi verso il suicidio sull’asfalto rovente e appiccicoso.

La strada danza, avvolgendo i monti, libera come un delfino indiatolato.

A sud di Santa Comba Dão, fino alla valle di Penacova, la EN2 si addentra in un altro mondo. In nessun altro punto della sua sofferta traversata per il paese si avvicina



tanto alla costa. E allo stesso tempo, in nessun altro punto è così selvaggia, così profonda. Qui, sulla sponda incantata del Mondego e nell'insensatezza selvatica della Serra da Lousã, assomiglia ad un sottopassaggio indegno, una deviazione imbarazzata della vita e del tempo. Probabilmente questa è la zona più povera del paese, nonostante non esistano studi certi su questo lugubre argomento. Altre regioni competono con determinazione per il titolo. Dão-Lafões, Baixo Tâmega, Pinhal Interior Sul. I comuni di Valpaços, Resende, Celorico de Basto. È un insolito campionato, ricco di episodi inquietanti. Gira voce, per esempio, che il sindaco di Celorico de Basto, scoprendo che il suo comune si era piazzato in ultima posizione, dichiarò che avrebbe fatto causa al direttore dell'INE<sup>4</sup>.

Non curante delle diatribe umane, come se fosse già integrata nella Natura stessa, la strada prosegue lungo il fiume fino a un posto chiamato Libreria del Mondego. Delle lastre di roccia su una rocca affacciata sull'acqua verde e silenziosa, ricordano dei libri su uno scaffale.

Fino a Penacova si intravedono ancora, a tratti, i viadotti della IP3, che in quel punto svolta definitivamente verso Coimbra. Da qui in poi, siamo soli. Non ci saranno altre autostrade né incroci trafficati. Ora e fino all'Algarve, è l'universo della Nazionale 2. Solitario e stralunato come un senzatetto.

Entrando a Penacova un enorme cartellone acquista all'improvviso significato: "Socrate – à metà strada nel nulla". La strada però prosegue, come il fiume. Su questo lato ci sono deviazioni per i pescatori di lamprede. Sull'altro, piante frondose, un sentore di erbe nell'aria. Case orrende sul bordo della strada, bar con tre sedie all'ingresso, come il bar Gibóia, adatti a pensionati silenziosi, a cui manca un argomento di conversazione. "Quando sono andato a Coimbra a trovare mia figlia, il medico mi ha raccomandato di fare esercizio", racconta uno.

"Esercizio?" chiede un altro, dopo una lunga pausa. "Dovrei camminare. Beh, se avessi energie per camminare, lavorerei".

"Beh, certo. Camminare? Perché?" Da queste parti lo sforzo è misurato in funzione di quello che si guadagna. E quello che si guadagna è così poco, che lo spreco di un seppur minimo sforzo è considerato un'idiozia. "Se potessi fare sforzi, andrei a lavorare, per non essere povero, e non camminare gratis".

---

<sup>4</sup> Istituto Nazionale di Statistica.

\*

Zone annerite di foresta bruciata, altre, sconfinite, da cui spuntano eucalipti neonati. Una locandina: “Festa nel villaggio di Caracol. Con ballerine e un suonatore di fisarmonica”.

L’ambiente naturale, i nomi dei centri abitati sono echi delle poesie del fado di Coimbra. L’atmosfera familiare e malinconica di una periferia del Jardim da Sereia.

Louredo, Pampilhosa da Serra, Santa Maria, Lombada, Torrel e tante altre terrenate di vanesi dottori universitari, ormai dimenticate.

Oltre Vila Nova de Poiares e prima dell’incrocio per Castelo Branco, entriamo a Góis. Non è possibile evitare questa cittadina. La strada passa sul ponte romano sopra al fiume Ceira, lasciandoci in centro, a ridosso della spiaggia fluviale. È un fulcro vitale. Un’isola artificiale di sabbia bianca crea un insolito contrasto con la tonalità verde intenso dell’acqua. Aggiungi un ponticello di legno, delle rapide e due bar con terrazza sotto gli alberi imponenti, ed ecco fatto un piccolo paradiso. Adolescenti in costume da bagno si immergono verso il fondale, praticano canoa e arrampicata tra una sponda e l’altra, che disteranno al massimo dieci metri.

È un sogno tropicale concentrato, un fiore incantato in mezzo alla montagna che, da qui in poi, non scherza per niente. Diventa impervia, crudele. Toccante nella sua solitudine.

Ora non c’è traffico, i villaggi scarseggiano. Alcuni sono disabitati. Nel villaggio di Caniçal, prima di Amioso do Senhor, esattamente al chilometro 300 della EN2, c’è una casa agibile. Enorme e moderna, con un ingresso a parte verso il garage, terrazze e colonne gialle. È chiusa e vuota. Tutte le altre abitazioni, di scisto, resistono in rovina. Delle piante sbucano dalle finestre, provocando un brivido da storia di streghe. Non c’è niente di più inquietante delle case abbandonate, anche quando sono circondate dalla bellezza.

L’aria è sempre più limpida, il silenzio più nitido. L’infinità si espande gradualmente davanti a noi. Il paesaggio è pura estasi.

La Nazionale 2 si arrampica sui monti perché non ci sono percorsi alternativi da seguire. La Serra da Lousã è la grande barriera, il grande pretesto per l’isolamento, per l’incuria. Sull’altro lato, nella pianura oltre Zêzere, abbiamo la sensazione che gli

elementi recuperino la clemenza. Ma è troppo tardi. Non c'è nessuno. La strada è larga, ma non ci sono auto.

Gli emigrati ricostruirono i propri villaggi, ma non vennero ad abitarci. Uno si chiama Borgo Cacchio. Un altro, là vicino, si chiama Fallo. Non c'è nessuno. Gli abitanti sono fuggiti dal nome della loro terra natale? Poco dopo lungo la strada, si trova il Bar Ristorante di Fallo. Nel villaggio c'è una vecchia chiesa bianca, ristrutturata, e un palchetto coperto. Sulla porta della chiesa è affisso il resoconto delle spese dell'ultima festa, che dev'essere stata pazzesca, nonostante qui non viva nessuno.

“Totale della festa: 410.000 *escudos*”, è indicato nel resoconto. “Entrate: lotteria – 103.600 *escudos*, kermesse – 103.400 *escudos*, sponsorizzazioni, collette, torneo di briscola, pesca di beneficenza, chioschetti...Totale 1.862.812 *escudos*”. Ma di seguito ci sono le spese. “Organista e complesso, pasti, polizia, volantini, fiorista, paga del prete, pulizia della veste”.

Di fronte si trova la sede dell'Associazione Culturale e Ricreativa di Fallo. Abbandonata. Al momento giusto, rintoccano le campane, intonatissime, della chiesa di Fallo.

\*

In alto sulla montagna i centri abitati scompaiono del tutto. Ci sono solamente villaggi arcaici, coinvolti in progetti di recupero. Una deviazione dalla strada ci conduce fino a Tarrastal, Cadafaz, Folgosa. Villaggi fantasma. O quasi. Un'altra deviazione verso Casal Novo, Pavorais, Relvas, Aigra Velha e Aigra Nova, che stanno ricostruendo. Sempre in salita, l'immensità ci avvolge sempre di più. Più vento, più predominio, più capogiro, più sconcerto. Si intravedono tutte le catene montuose, attraverso una nebbia iridescente e fluttuante. Raggiungiamo altopiani inospitali, con una vegetazione scarna, di alta quota. Nel punto più elevato sorge Trevim. Siamo lontani da tutto, più vicino al Cielo che alla Terra.

In un luogo completamente isolato c'è una donna. Da sola, in pantaloncini, con un cane. Sta là, in mezzo al nulla. Non si capisce da dove è venuta, né come. Non ci sono centri abitati nelle vicinanze, non c'è nessun veicolo di qualcuno che avrebbe potuto portarla là. La donna resta immobile a guardare l'auto che si avvicina.

“Vuoi venire?”, chiede. Dove? “Vieni!”

Il vento sibila tra gli arbusti pieni di spine. Tutto intorno il paesaggio è magnifico, paralizzante. La donna si spiega meglio, con un gesto osceno. È una prostituta. Sta là in attesa di clienti, in un luogo deserto. “Al prete non piacciono per niente queste cose”, lo dice lei. O qualcosa del genere. “Il tempo sta peggiorando”. Le frasi non hanno senso. È matta. Sembra che trovi normale l’arrivo di un’auto, là dove non va nessuno.

“Dai!” Davvero qualcuno sale fino a là per fare sesso con una matta sul monte di Trevim? Da dove è venuta fuori questa donna? “Da là”, risponde, indicando i monti.

### **13. Da Sertã a Montargil**

Oltre Sertã, profuma di sud. I colori, la pianura che si affaccia, una leggerezza implicita e indefinibile segnano l’inizio di un nuovo capitolo del viaggio. La Nazionale 2 avanza, larga e deserta, in direzione Abrantes. Questo tratto è stato l’ultimo a essere costruito, nel 1970, ma da lì a poco fu potenziato. Oltre Vila de Rei la strada passa dal Centro Geografico del Portogallo, il punto, a seicento metri di altitudine, sul picco di Milriça, equidistante dai punti più estremi del paese. Da là si vedono la pianura dell’Alentejo e le montagne di Aire, Alvelos, Gardunha, Montejunto e Estrela.

Entrare in Alentejo rappresenta un momento decisivo. Da qua in avanti, tutto è diverso, o almeno ci piace pensare che lo sia. L’orizzonte ci trasforma. Trasmette un desiderio di dimenticare tutto quello che si è visto, di essere una persona nuova. Purtroppo trascino con me un carico di dubbi, di storie incomplete.

E appuntamenti fissati, che non si concretizzeranno mai.

A prescindere da tutto il resto, arrivo a questo punto con una missione: trovare Iria, la figlia di Joaquina. Tutto quello che so di lei è che vive a Évora o nei dintorni. Me l’hanno detto la madre e le amiche nel paesino di Mazes. Iria si sposò a Lisbona e poi si stabilì in Alentejo. Lavorò in vari posti, compreso un hotel, l’Évora Hotel, come addetta alle pulizie.

Con questi indizi avvio un’indagine nella zona. Parlo con alcuni amici, chiedo a tutti quelli che conosco. Indago presso istituti, bar e ristoranti, all’Évora Hotel. Niente. Di Iria nemmeno l’ombra.

Mi addentro nella regione, stando attento, in costante ricerca. Più tardi sarei tornato là. Chiedo a svariate persone che cerchino per me. Invano. Nessuno ha sentito parlare di Iria Joaquina o Iria Brízida, la donna che nacque e visse per vent'anni con la madre sulla cima di un monte.

#### **14. Per amore**

Personaggi: Álvaro Fausto, imprenditore alberghiero esperto in intrattenimento diurno e notturno. Attualmente deceduto, vittima di omicidio.

Natália, moglie di Álvaro Fausto. Considerata da tutti una delle donne più belle di Foros do Arrão e dintorni. Bella e selvaggia come il fiore di eucalipto.

Alfredo detto “Quatto”, commerciante di pigne. Donnaiolo di abilità riconosciuta in tutti i centri abitati sulla strada tra Couço e Foros do Arrão. Amico di Álvaro Fausto e amante di Natália.

Ricardo e Francisco, fratelli minori di Álvaro Fausto. Cresciuti nella sua ombra.

I genitori di Álvaro Fausto, Ricardo e Francisco. Morirono quando i tre figli erano molto giovani, lei di cancro al seno, lui dopo essere caduto in un pozzo.

La madre di Natália, che dall'età di 16 anni ha un occhio solo, ma ha dato da mangiare ai tre fratelli orfani.

Carlos, futuro amante di Natália, da quando “Quatto” è stato arrestato per l'omicidio di Álvaro Fausto.

Scenario: il bar Amadeus in centro paese a Foros do Arrão, subito dopo il Circolo ricreativo e culturale.

Scena 1: l'innocenza

Come al solito, splendida e provocante, Natália serve al bancone. Álvaro Fausto è di passaggio perché ha altre attività da gestire: il ristorante “L'Aratro” e il locale notturno a Golegã. È uno che si è fatto da solo. Ha un principio: non paga le tasse. È una presa di posizione quasi ideologica. Nessuno lo può obbligare a condividere il denaro che nessuno l'ha aiutato a guadagnare. Ma è stato un vantaggio sulla concorrenza. Chi si è fatto da solo arriva più in alto, se viaggia leggero.

Effettivamente il proprietario di questa mente pragmatica non può staccare assegni, né versare soldi in banca o possedere alcun bene a suo nome. Ma cosa gli importa? Le auto sono a nome del fratello e gli affari li fa in contanti, che tra l'altro è un'abitudine nella zona.

Il ristorante è sempre pieno, il nightclub sfascia (o salva) famiglie di tutto il Ribatejo, il bar, aperto fino all'alba, attira gente non solo di Foz do Arrão, ma di Ponte de Sor e di tutti i paesi da Abrantes a Montargil. Specialmente quando c'è il karaoke.

Álvaro Fausto continua ad accumulare soldi. Con il duro lavoro, ma un'equa dose di baldoria. Le ragazze del night fanno la felicità del proprietario e dei suoi amici. Ma anche della stessa Natália, che ha sempre trovato divertente quell'aspetto meno convenzionale e più piccante degli affari del marito.

Le giornate (e le nottate) procedono fastosamente al bar Amadeus e quando è così, nessuno fa caso alla natura effimera e traballante della felicità. È la stagione dell'innocenza e tutto procede per il meglio nella vita della coppia e del figlio di 11 anni.

Per quanto riguarda la vita di Alfredo "Quatto", difficilmente qualcuno troverebbe il suo un modello di sana gestione.

Il business delle pigne è redditizio. Un chilo di pinoli costa sempre quaranta o cinquanta euro. Ma di lui si dice che quello che guadagna di giorno spende di notte. Gira anche la voce che abbia fatto fuori un'eredità di centomila euro in pochi mesi.

"Quatto" abita a Couço, ex quartier generale della Riforma agraria, con la moglie e i due figli, ma appena esce di casa, in virtù dei suoi affari, si trasforma in un seduttore. Ebbe una storia con una donna sposata, a Foz do Mocho, dopo la quale è stato cacciato a colpi di pistola, ma ora è ossessionato da Natália. Tutti sospettano che abbia una storia con lei, e ce l'ha davvero. Negli ultimi mesi passa le giornate al bar Amadeus. Invece di fare finta di niente, si piazza al bancone a fare il galletto.

E fa pure scenate di gelosia. Una volta, convinto che un certo cliente strillasse troppo al karaoke solo per attirare l'attenzione della padrona, si avvicinò furioso e gli devastò un orecchio.

È la stagione dell'innocenza e "Quatto", in tutta la sua innocenza, va a letto con la donna di Álvaro Fausto.

## Scena 2: il tradimento

Quando la madre morì, Francisco aveva 6 anni, Ricardo 11 e Álvaro Fausto 17. Cinque anni prima il padre era caduto in un pozzo. I tre fratelli rimasero soli. Il più piccolo venne preso in custodia da alcuni zii, ma gli altri due dovettero andare a lavorare. Successe meno di trent'anni fa, ma allora non c'erano acqua potabile né corrente elettrica a Foros do Arrão. Non c'erano attività economiche a parte la piccola agricoltura, così i due ragazzini trovarono lavoro come manovali ad Alter do Chão, a Fernão Ferro e poi a Lisbona. Un imprenditore del posto gli dava un passaggio in camion e passavano tutta la settimana là, aiutando nella costruzione di un hotel di lusso sull'Avenida 5 de Outubro. Lavoravano da mattina a sera e dormivano sotto un telone, di fianco al cantiere. Nessuno gli dava da mangiare. Si portavano una gavetta e un po' di verdura preparati dalla nonna o dalla zia, da cuocere durante la settimana.

“Abbiamo sofferto molto, noi due”, dice Ricardo, che oggi ha 40 anni e allora ne aveva 12. Erano inseparabili. Quando gli affari di Álvaro Fausto iniziarono a crescere, Ricardo lavorava per lui. E abitava nella stessa casa, appartenuta ai genitori, anche quando Álvaro Fausto e Natália stavano già insieme. Condivisero i momenti belli e quelli brutti. Era in questi ultimi che Natália andava perfino a casa di sua madre, Josefa, a chiederle da mangiare per i fratelli del compagno. “Li ho trattati come figli”, dice Josefa, che oggi ha 75 anni.

Ricardo era il braccio destro e il prestanome di Álvaro Fausto. L'uomo di fiducia. Troppa: lavorava come cameriere al bar e al ristorante e non riceveva lo stipendio. Quando capitava, il fratello maggiore gli dava dei soldi. Non gli pagò mai l'assicurazione. Un giorno Álvaro Fausto si innervosì e lo insultò davanti ai clienti. Ricardo andò su tutte le furie e non rivolse più la parola al fratello.

Successe più o meno nel periodo in cui Álvaro Fausto scoprì che la moglie lo tradiva. La chiamò in cucina, che si trova in un annesso della casa – quando un abitante di Foros do Arrão ha successo nella vita, si costruisce un annesso della casa, dove piazza una cucina per fare bisboccia e un garage – e la mise di fronte ai fatti. Se non avesse lasciato “Quatto”, Natália avrebbe dovuto andare via di casa, insistette Álvaro Fausto, accompagnando i ragionamenti con una serie di schiaffi. Ma non avrebbe portato il figlio con sé. Natália disse che sarebbe rimasta. Promise che avrebbe fatto

ammenda, ma non lo fece e nella mente pragmatica di Álvaro Fausto si insinuò la certezza che gli sarebbe successo qualcosa di brutto.

### Scena 3: il destino

Quando perse un occhio, finalmente Josefa vide Santarém. Aveva 16 anni. Stava zappando la terra, come faceva ogni giorno da quando era piccola. Non lavorava fino al tramonto, ma ben oltre, costretta dal padre. Fu in una di quelle notti in cui non vedeva più dove conficcava la zappa, che la spaccò contro una pietra. Un frammento di ferro appuntito volò dritto nel suo occhio.

Josefa sanguinava copiosamente e il padre la portò a casa sul carro di buoi. Arrivarono a notte fonda. Ma dovettero aspettare il primo pullman del mattino per raggiungere l'ospedale di Santarém, che dista sessanta chilometri. Era la prima volta che Josefa usciva da Foros do Arrão. Aveva molta paura. Non solo di perdere l'occhio, ma anche della grande città. Durante la convalescenza alloggiò in una piccola pensione, pagata di tasca propria dal medico, che aveva avuto pena di lei. Purtroppo era passato troppo tempo dall'incidente. Josefa perse definitivamente un occhio.

Tutto ciò accadde nel 1950, sette anni prima che fosse edificata la prima scuola nella zona, tredici anni prima che fosse costruito un cimitero e trenta prima della rete fognaria: all'epoca gli abitanti di Foros do Arrão avevano già intuito che non c'erano speranze per il futuro, e iniziarono a emigrare. Quasi tutti scelsero la stessa destinazione, l'isola di Jersey, un fazzoletto di terra di centosedici chilometri quadrati nel Canale della Manica, un paradiso fiscale semi indipendente con ottantamila abitanti, dieci per cento dei quali sono portoghesi.

Seppur costretti ad abbandonare la propria terra natale, fu come se i *forresi* si fossero rifiutati di sparpagliarsi nel mondo e avessero trasferito il loro villaggio nella terra di nessuno, annullando così il proprio destino collettivo, inspiegabilmente convinti di averne uno.

Eppure l'avventura di questa comunità è recente e inaspettata. Fino al 1912 qui c'era solo una vasta tenuta, chiamata Arrão, di proprietà di un tale Pedro Aleixó Falcão, che, stufo di vedere la propria terra sfruttata come pascolo di greggi passeggeri, la divise in appezzamenti, che affidò a famiglie di fittaioli.



Non si praticava l'agricoltura e questi primi abitanti, provenienti da Chamusca, Mação e Abrantes, vivevano esclusivamente di caccia. Per questo il possesso di armi da fuoco è sempre stato un segno distintivo del posto. Così come l'utilizzo delle stesse per risolvere le dispute.

All'inizio questi cacciatori-raccoglitori abitavano in capanne fatte di arbusti. Solo più tardi, quando iniziarono a seminare grano e segale, costruirono abitazioni con fasci di paglia e, più tardi ancora, pareti di terra battuta e tetti di canne.

Al giorno d'oggi il parco immobiliare di Foros do Arrão è di alto livello. Gli emigrati del Jersey costruirono le proprie ville dalle tonalità chiare e le linee classiche – con rispettivi annessi per cucina e garage – lungo la strada che collega Foros do Arrão di Sopra e Foros do Arrão di Sotto. Ma persiste un che di campestre e si sente, appena si supera il boschetto che, nei dintorni della Nazionale 243, precede il centro abitato.

Gli eucalipti sembrano inferociti, soffocati dal vento forte. Pini e querce sono più cauti, quieti nel loro ruolo di fornitori di sughero e pinoli. Sono loro che fendono il vento, proteggendo l'intera area abitata. Consumandola, anche. Un mulino a vento del 1933, unico fiore all'occhiello del patrimonio culturale del villaggio, non è più in funzione da quando sono cresciute le prime pinete.

Gli eucalipti non placano le tempeste. Si contorcono e sbattono in un attacco di panico inconcludente, come se, con loro, fremesse tutta la pazzia dispersa nell'aria.

#### Scena 4: il delitto

Gli assassini sono nascosti tra gli eucalipti. “Quatto” ha preso una decisione: ha ingaggiato tre zingari che vivono in uno storico accampamento ad Azervadinha, sulla strada tra Couço e Coruche. Il padre e i due figli hanno ricevuto cinquemila euro in una busta, consegnata direttamente da un commerciante che, ingannato da “Quatto”, pensava di saldare un carico di pigne. E si sono nascosti nel boschetto di eucalipti sul retro dell'abitazione della coppia. (Era il 5 settembre 1998, una settimana dopo il rientro da una vacanza riconciliante insieme a Francisco e la sua ragazza a Montegordo).

Álvaro Fausto arrivò all'una di notte direttamente dal night. Pochi minuti prima Natália era rientrata a casa dal bar. Era lei alla guida dell'Audi, una delle auto di

famiglia. In seguito qualcuno avrebbe fatto notare che non l'aveva parcheggiata di fianco agli eucalipti, come al solito, ma qualche metro più avanti.

“Fachiro non la smette di abbaiare!”, sbottò Natália quando sentì il marito che entrava in casa. Era uno dei riti quotidiani di Álvaro Fausto prima di infilare le pantofole: portare a spasso il cane. L'altro è fumare l'ultima sigaretta e fermarsi alcuni minuti per tossire il catarro accumulato in una giornata scandita da svariati pacchetti di sigarette. Solo dopo tutto ciò entra in casa.

Infatti Fachiro stava abbaiando come un pazzo e Álvaro Fausto, prima di uscire, prese il fucile. Si diresse verso il boschetto e sparò tre colpi in aria. “Quatto” e gli zingari, la cui intenzione era, come spiegarono in tribunale successivamente, spaventare il padrone di casa, convinti di essere in guerra, attaccarono a sparare contro Álvaro Fausto. Uno dei colpi raggiunse la parte esterna della zona inguinale sinistra. Si appurò che la pallottola calibro 6,35 proveniva da una pistola intestata a “Quatto”.

Álvaro Fausto riuscì a trascinarsi fino a casa, ma poco dopo fu trasportato all'ospedale di Abrantes e successivamente a Lisbona, dove sarebbe morto due giorni dopo.

#### Scena 5: sentimenti contrastanti

Il periodo che seguì fu alquanto insolito. Natália si fece carico degli affari. Riuscì a mettere insieme un po' di soldi che il marito nascondeva, in banconote, in vari nascondigli della casa. Soltanto nella tasca di una giacca Natália trovò duemilacinquecento euro. “Quatto”, che aveva smesso di frequentare il bar, ritornò sulla piazza. Per quattro mesi la spensieratezza tornò sovrana all'Amadeus, nonostante in paese fossero in pochi a dubitare del coinvolgimento di “Quatto” (che nel frattempo era tornato tra le braccia di Natália) nell'omicidio di Álvaro Fausto.

Quando fu arrestato, nel gennaio del 1999, in sua difesa “Quatto” dichiarò che, la notte del delitto, se la stava spassando in un night club a Tramaga. Arrivò a spendere cinquecento euro con le ragazze del locale, “per festeggiare”, spiegò (Non è chiaro cosa stesse festeggiando. La morte di Álvaro Fausto?). Per amore, in tribunale la moglie confermò l'alibi.

E pensare che gli avvocati (pagati con i soldi che Natália trovò nelle tasche di Álvaro Fausto, così si dice) fecero del loro meglio per provare che “Quatto” non si trovava sul luogo del delitto. Invano: l’arma era sua. Gli diedero diciassette anni.

Ma fu durante l’arresto preventivo che i personaggi, mossi da non si sa bene quale genere d’insistente sfacciataggine, fecero a pezzi tutte le strutture semiotico-narrative della tragedia.

Natália prese l’abitudine di far visita a “Quatto” nella casa circondariale di Elvas, di volta in volta con maggiore costanza e minore discrezione. Secondo Ricardo, già allora la chiamavano Maria della Strada perché era sempre diretta verso est. E Francisco assicura di aver visto svariate volte la sua auto parcheggiata davanti al carcere.

Dentro di lei c’è un guazzabuglio di sentimenti complesso ed esplosivo. Le dispiace per la morte del marito, è vero, e si pente delle fantasticherie erotiche che hanno condotto a quell’epilogo. Ma è altrettanto vero che “Quatto”, per amore, si è rovinato la vita. È troppo tardi per tradirlo rimanendo fedele al marito, che ormai è morto. Quando era vivo, era troppo presto per affrontare il tradimento. Ora l’unica soluzione è essere fedele a “Quatto”.

Con questi pensieri in cortocircuito, Natália accelera lungo la Nazionale 251 in direzione Elvas, sull’Audi di Álvaro Fausto.

Ma la visita è breve e frustrante, e i due amanti, creativi com’è ormai evidente, danno gli ultimi ritocchi al loro piano assurdo: corrompere due guardie affinché Natália passi una notte in prigione.

È giusto. Lei vuole compensare le perdite sofferte e lui trarre profitto dall’atto criminale che tanto caro gli è costato. Natália mette un assegno da cinquecento euro nelle mani di “Quatto”, al portatore.

#### Scena 6: sesso in prigione

A Foros do Arrão gira voce che sia successo il giorno del compleanno di “Quatto”, ma non sono riusciti a verificare se davvero si è trattato di una ricorrenza. Che sia stata una festa, questo sì.

All'alba le guardie, opportunamente corrotte con i cinquecento euro, aprirono la porta alla vedova e la accompagnarono nella sala colloqui del carcere, dove lei e il detenuto ebbero un lungo "incontro di carattere sessuale", secondo il fascicolo del processo che successivamente fu aperto contro le guardie.

Sarebbero stati condannati a due e un anno di prigione in libertà vigilata per aver permesso e agevolato l'atto illecito, sentenza confermata dopo che la Corte di appello di Évora ebbe richiesto un ulteriore giudizio.

Non sappiamo se Natália passò altre notti ad Elvas. Sappiamo che nelle ultime visite a "Quatto" portò un amico, Carlos, sposato, lontano cugino di Álvaro Fausto.

Dalla sua posizione concorrenziale impari, "Quatto" sospettò fin da subito di tanta premura da parte di Carlos. In effetti, il nuovo amico divenne presto il nuovo amante, senza che "Quatto", nell'impotenza della sua cella, potesse fare qualcosa che non fosse tentare di incriminare la traditrice.

Chiamò in carcere il fratello minore di Álvaro Fausto per dirgli che aveva delle prove del coinvolgimento di Natália nel delitto. È stata lei a pagare gli zingari, giurò "Quatto" a Francisco, fornendogli della documentazione probatoria. Ma nella sentenza, pronunciata poco tempo dopo, Natália non fu citata. "Quatto" fu condannato, come le guardie, Álvaro Fausto morì lasciando un figlio orfano. Solo Natália è libera.

Esce con il nuovo fidanzato, che nel frattempo ha divorziato. Non fu mai accusata. Di cosa avrebbero potuto accusarla? Tutto quello che ha fatto è stato amare.

## **15. Santiago do Escoural**

### **I tempi d'oro del Cinema Escouralense**

Dalle montagne di Monfurado, lungo la Nazionale 2, superato Montemor-o-Novo, si vede il mare. "Guardi là davanti. È qui che inizia il basso Alentejo", mi fa notare José Barros. "Sembra il mare". Infatti il paesaggio è piatto e azzurrognolo, sconfinato, come il mare. Le montagne proseguono fino alla Serra do Caldeirão, alle soglie dell'Algarve.

José Barros, avvocato di Trás-os-Montes trapiantato da molti anni in Alentejo, può essere considerato un uomo della Nazionale 2. La conosce bene, anche nei tratti in cui perde il suo nome per acquisire quelli delle vie di Montemor.

Sa bene che la Avenida 5 de Outubro, non lontano dal ristorante “Monte Alentejano” di cui è proprietario, non è altro che la EN2 sotto spoglie urbane. In passato si chiamava Strada Nuova, dopo essere stata la “Strada Nazionale”. E prosegue verso sud, passando per Reguengo, Santiago do Escoural, verso Ferreira do Alentejo.

Un tempo Santiago do Escoural era una cittadina importante. Nel 1950 aveva cinquemila settecento abitanti. Oggi ne ha millesettecento.

Casa Branca, due chilometri a sud sulla EN2, era lo snodo delle principali linee ferroviarie della zona. Qui si incrociavano i treni diretti a Lisbona, Évora e Beja. Ancora oggi è così, ma gli intercity vanno direttamente da Lisbona a Évora o a Beja, senza cambiare a Casa Branca. Escoural ha perso l'importanza che aveva in virtù della vicinanza a Casa Branca, e anche delle fabbriche che vi sorsero, come quella di aranciata e delle celebri gazzose *pirolitos*.

Oggi la principale attrazione turistica è un complesso di grotte arricchite da pitture preistoriche e un Centro d'interpretazione per permettere ai visitatori di apprezzare il significato delle opere d'arte rupestre e della necropoli neolitica. Sulla strada un cartello indica il percorso da seguire per raggiungerlo. E là troviamo il portone d'ingresso delle grotte...chiuso. Anni fa l'IPPAR<sup>5</sup> chiuse l'area sostenendo che mancavano i fondi e il personale.

A Escoural la strada attraversa la cittadina con il nome di Rua Magalhães Lima. È qui che António Joaquim Saragoça, 83 anni, gestisce il suo negozio. Vende materiale elettrico, ferramenta, bombole a gas. Ma in passato vendeva biciclette, motociclette, sistemi d'irrigazione e motoseghe. “A tutto l'Alentejo”, afferma. “Sono stato io a incoraggiare i lavoratori della regione a spostarsi in motocicletta. Molti non potevano pagare, così ho creato un sistema di credito. Mi pagavano dopo. O non pagavano mai. L'importante era dargli una mano ad andare al lavoro”.

Cominciavano a lavorare nei campi un'ora prima dell'alba, fino a notte fonda, ricorda Saragoça. Erano costretti dai proprietari terrieri. “Non avevano nemmeno il tempo di andare a casa a dormire. Neanche di togliersi i vestiti e le scarpe. Dormivano per qualche ora per poi ricominciare a lavorare”.

Per questo la protesta contro i latifondisti fu così violenta, dopo il 25 aprile, spiega Saragoça. José Barros non è del tutto d'accordo. “Ci sono stati degli esterni che li

---

<sup>5</sup> Istituto Portoghese del Patrimonio Architettonico.

hanno spronati, i militari...almeno in un secondo momento. All'inizio sì, la reazione fu legittima".

António Saragoça è un uomo organizzato. "Di solito quando prendo una decisione, poi la rispetto", dice. A 65 anni vendette la maggior parte delle sue attività per preparare la pensione. Ora vorrebbe cedere anche la gestione del negozio, ma teme gli effetti dell'inattività sulla sua salute. Iniziò a lavorare quando era molto giovane. Prima di occuparsi di vendite, fece un corso di elettricista per corrispondenza e diventò proiezionista del cinema locale, il Cinema Escouralense.

\*

Il cinema si trova in Rua Vasco da Gama all'incrocio con la EN2. È un grande edificio bianco con un portone e una piccola apertura nel muro, che era la biglietteria. È evidente che è chiuso da decenni. La proprietaria, Jesuína Capoulas Gonçalves, 60 anni, viene ad aprire il portone. Intorno al 1950 suo nonno, Manuel Joaquim Gonçalves, comprò il Cinema Escoural che esisteva, almeno, dagli anni 30. All'epoca era un ottimo affare. Manuel Gonçalves era un proprietario terriero, ma anche un appassionato di cinema. Per questo, oltre a dare lavoro a molte persone, garantiva un po' di svago.

Jesuína ricorda le *soirées* di cinema degli anni 50. "La sala era sempre piena. Veniva gente da ogni parte". Non solo dalla cittadina, ma anche dai monti circostanti, oggi abbandonati. Veniva gente di ogni età a vedere i film di Cantinflas e di Joselito, oltre ai classici portoghesi. La gente preferiva questi, o i musical, perché non sapeva leggere i sottotitoli, racconta Jesuína.

Entrando nel vecchio salone, nonostante il soffitto crollato e due buchi nel pavimento, non è difficile immaginare le sessioni di western e l'entusiasta platea di contadini. Ecco lo schermo, le poltroncine della balconata, il bar con una bottiglia superstite, un fornello con una piastra per grigliare e un mucchio di posate arrugginite sulla credenza, le toilette, la cabina di proiezione, la corte interna per il cinema all'aperto e le danze del fine settimana. Le pareti della toilette delle "Signore" sono ricoperte da nidi di passeri, ma nella cabina di proiezione sembra tutto pronto per ricominciare. Il proiettore è montato, così come il grammofono, che diffondeva il sonoro dei film e la musica negli intervalli, e il monitor audio per il proiezionista. In una saletta lì accanto è rimasto l'avvolgitore di bobine a manovella e i piccoli supporti per la

candela, avvolti in una retina per evitare che il vento la spegnesse durante le sessioni all'aperto.

António Saragoça illustra la complessa arte di introdurre il film nella macchina, così come i metodi per aggiustare e incollare la pellicola, nel caso in cui si rompesse nel bel mezzo della proiezione. Su un tavolo ci sono ancora le liste dei film con le relative date di proiezione.

Al Cinema Escouralense è tutto intatto, nonostante l'età, la ruggine e la polvere. Cosa sarà successo? Sembra che si sia svuotato in fretta e furia durante uno spettacolo di Joselito.

\*

Negli anni 60 iniziò la fuga. Il tempo della sopportazione era finito. Dal nord del paese le persone emigrarono in Francia, da qui si spostarono a Barreiro e in altre zone nei dintorni di Lisbona. Non c'era più nessuno che frequentava il cinema. A poco a poco cessò la sua attività. Allo scoccare del 25 aprile 1974, il Cinema Escouralense era chiuso già da anni. Ma avrebbe avuto una seconda occasione, anche se breve e turbolenta.

Qualcuno venne ad avvisare Joaquim Cavas Gonçalves, il padre di Jesuína, che aveva ereditato il cinema, a seguito della morte di Manuel Joaquim. Quelli della cooperativa vennero ad occupare il Cinema Escoural con l'aiuto dei militari. Era l'una di notte. Nel silenzio cominciarono a sentirsi i passi della folla. "Era inquietante", ricorda Jesuína. Il padre andò a prendere un fucile. "Cosa volete?", chiese attraverso lo spioncino.

"Occupiamo tutto. Non abbia paura. Apra la porta", rispose da fuori un uomo armato, caporale della Scuola di artiglieria di Vendas Novas. Erano tutti armati. Le armi erano state fornite dalla popolazione. Un gruppetto corse verso il retro dell'abitazione per impedire la fuga della famiglia di "padroni latifondisti reazionari".

Alla fine Joaquim si arrese. Occuparono le tenute e il cinema, che fu convertito in Centro culturale e gestito dalla cooperativa di lavoratori. Rimase aperto fino all'inizio degli anni 80. Le proiezioni ricominciarono con film ben diversi da quelli dei vecchi tempi. In una risma di piccole locandine dimenticate di fianco al proiettore spuntano "La città del piacere", "Ragazze di strada", "Decamerone proibitissimo" e "La legge del

sesso”, la cui sinopsi recita: “Un’agenzia specializzata in matrimoni d’occasione. Quando un uomo vedovo scopre che la sposa è sua figlia...L’agenzia fallisce”.

Ma sono rimaste altre tracce dell’epoca del PREC<sup>6</sup>. La cabina del proiezionista è piena di bottiglie di birra vuote. Come racconta Jesuína, durante le feste nel cortile interno, i rivoluzionari si divertivano, a mo’ di provocazione, a lanciare bottiglie nel suo cortile, che si trova lì accanto.

Successivamente i locali furono restituiti ai proprietari. Ma il cinema non riaprì mai più. “Ormai le persone si sono riappacificate”, afferma António Saragoça. “Nonostante gli eccessi, abbiamo capito che i lavoratori avevano accumulato molto rancore. Perfino i padroni alla fine hanno capito. Oggi è tutto a posto”.

I negozi di Saragoça non furono mai occupati. Nonostante fosse un uomo relativamente ricco e fosse stato governatore del distretto territoriale, non fu mai considerato un “padrone”. Fu lui stesso a proporre alla cooperativa di prendere in gestione il negozio, dove avrebbe potuto lavorare come commesso. Partecipò perfino alle riunioni. Sapevano della sua fama di uomo organizzato e volevano che si occupasse della contabilità della cooperativa. Ma quando tentò di sistemare i bilanci dei produttori riscattati, lo accusarono di applicare i metodi “pre rivoluzione”. E lo licenziarono.

## **16. Faro**

### **A ferro e libri**

Qui la EN2 è una strada importante, la conferma dell’aspetto abbandonato della regione. Nel senso che non valeva la pena costruire altre strade. In alcuni tratti sarebbero proprio inutili. Non c’è traffico, non c’è vita. Tra Montemor-o-Novo e Aljustrel regna l’ostracismo. Le strade dirette a Lisbona, Évora o Beja si trovano a nord o a sud. Da qui non si va da nessuna parte. Qui non viene nessuno. Questi luoghi sono stati lasciati in pace. Sono stati abbandonati.

Alcáçovas, Torrão, Odivelas sono luoghi in cui abbondano la bellezza e il silenzio. Il biancore diffuso. Perché qui niente stona con il paesaggio, nessuno costruisce una casa brutta, un edificio sproporzionato? Senza dubbio il comune stabilisce delle direttive urbanistiche, ma succede anche in altre zone. Non è una

---

<sup>6</sup> Processo Rivoluzionario in Corso.



semplice questione di rispettoso civismo che induce gli abitanti a rispettarle. Sarà forse un senso estetico collettivo, un'ispirazione, una melodia di cui tutti sono pervasi?

Attraversando la pianura, nulla interrompe l'estasi e lo stato di torpore. Non i paesini, né i laghi, né i ciuffi di macchia mediterranea incontaminata con querce da sughero e lecci, né i campi che bruscamente si riempiono di colori. In questo paesaggio nulla è inopportuno, tutto è sorprendente.

Il piccolo fiume di Alcáçovas compare poco prima di un lago di un blu scintillante, senza preannunciarlo. Il fiume Xarrama ci porta fino ad un altro bacino naturale, sconfinato nella vasta pianura spoglia. I corsi d'acqua di Barónia, Odivelas, Figueira, Terges e Roxo incrociano la strada, che è come un altro fiume, ondeggiante e navigabile, mormorante, velato da una schiera di pini, simili a branchi di animali della pianura che si avvicinano per abbeverarsi.

All'orizzonte le tonalità cambiano senza sosta. Il verde e il rosa lasciano spazio ai toni rossi, ai marroni fino a che si diluiscono in un indistinto acquarello che vira al bianco. Il bianco puro dei campi da Aljustrel a Castro Verde. Fulcri di colori sgargianti, quasi comici nella loro combinazione eccentrica e mutevole, coesistono con il bianco, con la nuvola di cotone, di fumo luminoso e profumato.

Sul lato destro della strada il sole scende sulla pianura, alterando ogni cosa, e, quasi allo stesso tempo, a oriente sbucca una luna enorme color mandarino. Per alcuni istanti domina l'illusione che i due astri coesistono nel cielo. Che ci troviamo su una nave in pieno *loop* sulla montagna russa dell'Universo. Che qualcosa di straordinario è appena stato inscenato per noi.

\*

La Nazionale 2 è selvaggia fino alla fine. Oltre Almodôvar iniziano le montagne di Caldeirão e di Malhão. L'ingresso dell'Algarve è in salita, come se la strada avesse terrore del mare. Arrivando a São Brás de Alportel uno spazio immenso ci separa dalla costa e da qualsiasi città. Tuttavia, Faro e le spiagge dell'Algarve distano solo venti chilometri.

Dalla cima della montagna la vista è straordinaria. Non si sente nulla, a parte la brezza che fa risuonare gli eucalipti come le canne di un organo. Non si direbbe che la più lunga strada portoghese sta giungendo al termine. Tutto suggerisce che ci sono centinaia di chilometri davanti a noi.

Al chilometro 700 non ci sono ancora tracce della zona costiera né di quella urbana. Faro spunta all'improvviso. Il peggio di Faro. Magazzini, serre, edifici buttati a caso tra un avvallamento e l'altro. Ma la strada trapassa la città seguendo una linea retta, fino al cuore, fino al centro storico, all'interno delle mura, come la spada d'acciaio che Teodoro de Jesus Guimarães ha appena estratto dalla sua forgia a carbone.

Teodoro, 64 anni, probabilmente è l'ultimo fabbro dell'Algarve. La sua bottega, di fronte all'antica fabbrica di birra, in piena città vecchia, non è molto diversa da quella di un fabbro del XIX secolo. La forgia con le sue braci, l'incudine, il martello, la morsa, gli attrezzi rozzi e anneriti, direttamente dal medioevo, quando il lavoro era sinonimo di schiavitù.

“Per me questo non è lavoro. È un vizio”, confessa Teodoro, mostrando la spada lucente che egli stesso ha forgiato nel tempo libero. Ne ha fatta un'altra su ordinazione, replica di un modello storico del medioevo.

Anche i lampadari, le reti del letto in ferro, le grate e le ringhiere dei balconi, ogni cosa qui è antica e riprodotta secondo i metodi della tradizione. Teodoro padroneggia con tale maestria le tecniche e l'estetica di ogni epoca che se un pezzo non viene come fu in passato, viene come avrebbe potuto essere. Su una grata anticata, per esempio, non salda le varie componenti in ferro. All'epoca non si saldava e si noterebbe la differenza. Come nei tempi antichi, dev'essere tutto fuso insieme, che significa segare le rientranze del metallo nei punti in cui l'altro pezzo deve aderire, portare a incandescenza i due componenti e martellarli finché non diventano un pezzo unico.

A parte la smerigliatrice elettrica, nella bottega è tutto storico. Sono gli strumenti della nobile arte del fabbro, in via d'estinzione. I clienti di Teodoro sono pochi ma buoni. Sono quasi tutti stranieri che comprano vecchie case della regione per ristrutturarle. Alcuni sono inglesi, altri olandesi, e vogliono ricostruire le ville antiche secondo gli schizzi originali. “Nessun portoghese lo fa”, commenta Teodoro. “Ma questi si comprano le case, a volte solo per evitare che vengano demolite”.

Uno dei clienti fidati di Teodoro è un inglese che sembra un mendicante. “Va in giro con i pantaloni rotti, tutto sporco. Ma è un aristocratico”. Ha comprato cinque ville ad Olhão. Poi fa delle foto, disegni al computer, e va a trovare Teodoro per chiedergli di fabbricare i pezzi necessari. Vengono sempre bene. A volte meglio di quello che il cliente si era immaginato. “Io ho il vizio e ho le idee”, spiega il fabbro. E i clienti,

solitamente esperti di storia, di oggetti antichi e restauro, concordano. Lo considerano un artista, nonostante si faccia pagare poco. Gli piace andare a trovarlo, in bottega e in magazzino, per discutere dei progetti, dare un'occhiata ai ferri vecchi e fare quattro chiacchiere. Teodoro e la moglie hanno l'abitudine di imbastire delle grigliate di sardine nel cortile interno. I clienti stranieri le adorano. Una volta hanno contattato perfino un paio di suonatori di cornamusa per completare il quadretto.

Una volta i sagrestani della chiesa di San Francesco chiesero a Teodoro di restaurare il crocifisso dell'altare. Andò in bicicletta a prendere l'enorme croce di legno. "Sembrava Cristo in bicicletta con la croce sulle spalle", affermò il prete che lo vide dalla finestra. Restaurò e applicò un supporto in ferro alla croce, che tornò all'altare.

In un'altra occasione un antiquario gli chiese di fabbricare una replica del gallo del XVII secolo che si trova sul campanile della cattedrale. Teodoro si mise all'opera usando ferro antico e seguendo le tecniche di forgiatura dell'epoca. Poi ricorse ad un procedimento speciale che prevede l'uso di acidi, affinché il pezzo si ricoprisse di ruggine in tre giorni. La vendette per cento euro all'antiquario. Tempo dopo qualcuno gli mostrò un elegante catalogo in cui figurava una grande fotografia del suo gallo. La didascalia diceva "Opera originale del XVII secolo".

"Quando passo per strada, spesso la gente si tiene lontana. A nessuno piace stare vicino ad un uomo tutto sporco come me. Un lavoratore", racconta Teodoro mostrando i pantaloni tutti macchiati. "Ma gli artisti mi invitano alle inaugurazioni delle loro mostre. E parlano tanto con me e con la mia Judite. Discorrono più con noi che con il sindaco".

Alla prima festa a cui andò, Teodoro indossava i vestiti da lavoro. Andava solo a prendere delle misure per un'opera, ma lo invitarono a bere un bicchiere. Entrò, lo presentarono e per poco non rimase scioccato dal modo rispettoso con cui lo trattarono. Non c'era abituato. "Era un evento elegante. Donne vestite in lungo e tutto il resto. Mi hanno offerto da bere...Che tra l'altro mi ha fatto male".

\*

Judite Guimarães, 59 anni, lavora in bottega con il marito da quando i figli se ne sono andati. Uno di loro voleva restare qui, ma "ha iniziato a frequentare una ragazza che studiava medicina e si vergognava dei vestiti da lavoro sporchi", racconta Teodoro. Judite faceva la casalinga e negli ultimi tempi si prendeva cura della suocera malata. Quando morirono i genitori di Teodoro, lui aveva bisogno di una mano in bottega. Ora

marito e moglie sono una coppia di fabbri. Insieme sgobbano alla fucina: lei trattiene la pesante grata di ferro e lui la colpisce con il martello. È un lavoro durissimo. “Io sono la prova che una donna può fare qualsiasi lavoro, come un uomo”, afferma Judite.

Stanno in bottega tutti i giorni dalla mattina presto alle nove di sera, da lunedì a sabato. Di domenica si alzano alle tre del mattino, caricano la macchina di ferri vecchi da vendere alle fiere. Tutto l’anno. Non sono mai andati in ferie.

Ogni domenica c’è una fiera in qualche paesino dell’Algarve e loro le frequentano tutte. Portano i pezzi che hanno comprato o gli hanno regalato e che hanno restaurato, e anche...i libri.

Tutto ebbe inizio quando, un anno fa, gli regalarono parte di una biblioteca, come forma di pagamento per aver sgomberato un vecchio palazzo. È il solito sistema: aiutano le famiglie a liberarsi di vecchi mobili e, in cambio, portano con sé alcuni oggetti. Quella volta scelsero i libri e Judite iniziò subito a occuparsi del nuovo settore degli affari. “Ho sempre amato i libri. Sono una passione per me. Leggo tutti i giorni, in ogni momento libero...” Teodoro conferma: “Il bagno sembra una biblioteca. È lei la specialista di libri. Sa tutto, conosce gli autori...Perfino nel furgoncino, tiene sempre dei libri, così può leggere durante gli spostamenti”. E che libri legge? “Vari allo stesso tempo. Ne sto finendo uno di Boris Vian”. Magari potrebbe sembrare un autore improbabile per l’assistente di un fabbro. Ma raggiungiamo il furgoncino ed eccolo là, “La schiuma dei giorni”, accanto al freno a mano. Altre letture recenti sono Aquilino Ribeiro e António Lobo Antunes. I suoi parametri si adattano continuamente, a seconda dei libri che spuntano nel magazzino. Prima di venderli, li legge tutti, racconta il marito. Da vera specialista, consiglia i clienti o gli procura edizioni rare. Vari bibliofili cercano la famiglia di fabbri per comprare dei libri.

“Lei conosce tutti gli autori, legge in varie lingue...” prosegue Teodoro con un sorriso di puro amore.

La maggior parte dei libri è venduto singolarmente a cinquanta centesimi o un euro l’uno. Ma Judite sa quali hanno più valore. “Dipende dallo stato di conservazione del libro, ma prima di tutto dall’autore. Non vendo un Camilo José Cela a un euro. È pur sempre un Nobel”.

\*

Prima di lui, il padre di Teodoro era fabbro. Fu lui ad aprire la bottega e lavorò fino alla morte. “Non riceveva nessuna pensione e anche io non ho quasi nulla. Anch’io dovrò lavorare fino alla morte”. Quando tornò dall’esercito nelle terre oltreoceano, Teodoro aveva la possibilità di trovarsi un altro lavoro. “Ma mio padre era anziano, non potevo abbandonarlo. Sono stato il suo braccio destro fino alla fine”.

A 70 anni il padre di Teodoro contrasse una malattia al cuore. Aveva bisogno di un *pacemaker*, ma non aveva l’assicurazione sanitaria. Fu Teodoro che pagò la terapia all’ospedale, per sei mesi, a rate. Ma il padre non avrebbe resistito per molto tempo. Alla fine non poteva più lavorare, ma tutti i giorni andava in bottega e ogni mese il figlio gli dava metà del ricavato dell’attività, “perché si sentisse indipendente”.

Dopo il 25 aprile “sono venuti qui dei tipi del sindacato a dire che volevano cacciare mio padre perché era un padrone. Io gli ho risposto: Guardate, non me ne frega un cazzo di tutti voi. Pensate che un uomo di 70 anni che lavora è un fascista? Io sono già stato in guerra e non ho avuto paura. Adesso non ho paura di voi. Anzi ve le prendete in testa con questo martello. Non vedete che non ho niente? Se proprio volete, portatemi via le scarpe. Sono pure rotte.”

Questo è stato il 25 aprile del fabbro Teodoro de Jesus Guimarães. Quello che aveva allora è quello che ha adesso: “il vizio e le idee”. Niente che si possa togliere ad un uomo.

## **17. Iria**

Iria si gira verso di me: “Non so perché sono io la sopravvissuta. Sarei dovuta morire come i miei fratelli”. Alle nostre spalle si staglia lo sfondo del villaggio di Anta con tutta la bellezza insidiosa della montagna, ora perfettamente domata come un acquario della memoria. “Sono rimasta in vita, chissà perché”.

Ho impiegato quasi cinque anni per trovarla. La prima volta che venni qui mi parlarono di Joaquina, la Joaquina dall’Anta. Tutti la conoscono nei villaggi tra Bigorne e Britiande, non per quello che ha fatto, ma per quello che le è successo: per vent’anni visse da sola in un villaggio. Si tratta di una condizione straordinaria anche per i pastori delle montagne selvagge intorno a Lamego. Joaquina divenne una leggenda nella zona. Se si nomina Anta di Mazes, un villaggio abbandonato da decenni, qualcuno cita subito

la storia che la vede coinvolta: una donna visse là da sola per vent'anni. È ancora viva. È la Joaquina dall'Anta.

M'imbattei nella storia mentre scrutavo i bordi della EN2 nella zona di Lamego. Andai al villaggio di Anta su un fuoristrada, poi mi misi alla ricerca di Joaquina.

Aveva 84 anni, tratti delicati, pelle bianca e occhi azzurri, trasparenti, e viveva da sola in una casa molto piccola, senza finestre, a Mazes, un paesino un po' più in basso lungo il pendio. Parlai con lei e con i vicini, fino al punto di sapere tutto. O quasi. Quello che raccontavano era vero: Joaquina era rimasta ad Anta quando tutti se n'erano andati.

Anta di Mazes è un villaggio sulla cima del monte con una cinquantina di case di pietra e tetti di paglia. Non ci vive nessuno da più di quarant'anni. Tutto indica che negli anni 40 il villaggio era abitato. Probabilmente tutte le case erano abitate, almeno a giudicare dal fatto che hanno una cucina.

Alcuni esperti della zona dubitano che l'insediamento fosse stagionale e che alcune abitazioni servissero solo come ricovero per il bestiame. La gente si ricorda che il villaggio era abitato. E questa è l'unica prova a nostra disposizione, poiché non c'è documentazione, niente di scritto. È un mondo privo di rappresentazioni, che facilmente ci scivola tra le dita, al contempo immaginario ed esageratamente reale.

Di certo c'è che Anta è un luogo tanto incantevole quanto ostile e pericoloso. Io stesso ho assistito alla trasformazione di un pomeriggio di sole in una tempesta in pochi minuti. Nuvole nere attraversarono il cielo, scoppiarono fulmini, chicchi di grandine delle dimensioni di palline da ping-pong ricoprirono l'intero monte. Successe all'inizio dell'estate. In inverno è naturale che il freddo, il vento e la neve rendano il villaggio inabitabile.

Per questo le persone scapparono. Era troppo dura vivere ad Anta. Chi poteva si trovava una sistemazione a Mazes, a casa di qualche parente, per passare almeno l'inverno. Poco a poco si trasferirono nel paesino ai piedi del monte. Secondo i miei calcoli, nel 1948 ad Anta abitavano solo Joaquina Brízida e la sorella, Piedade, la madre, Maria Brízida, e la figlia di Joaquina, appena nata, Iria Joaquina.

Maria Brízida venne a vivere qui dopo il matrimonio con un giovane di Vale Abrigoso, un villaggio più a sud, tra Mezio e Várzea da Serra. Ebbero dodici figli, tra cui Joaquina e Piedade.

Nessuna delle due si sposò. Furono madri sole. I figli di Piedade lasciarono il villaggio prima che Iria nascesse. E la nonna Maria Brízida morì quando lei aveva 5 anni, dopo che anche Piedade era morta. Intorno al 1953 Joaquina e Iria erano sole nel villaggio di Anta. La madre di 29 anni, la figlia di 5. E vissero così per altri quindici anni.

Perché? Perché se ne andarono tutti e le lasciarono là? Questa è la domanda che mi sono posto fin dal primo momento. Joaquina mi raccontò tutto della vita ad Anta, ma non seppe (o non volle) rispondere alla mia domanda. Men che meno all'altra, molto più semplice: dov'era sua figlia Iria?

Tutti conoscono la Joaquina dall'Anta, ma nessuno mi ha mai parlato di Iria. Dicono che Joaquina visse ad Anta da sola per vent'anni, ma non è del tutto vero. Iria nacque ad Anta e visse là fino ai 20 anni. Soltanto con la madre, quasi senza vedere, conoscere o parlare con qualcun altro. Una bambina, un'adolescente, poi una giovane donna sola su quella montagna di uno splendore ingrato. Una pastora di pecore che gioca con i fiori e i sassi, una bambina selvaggia. Cosa ne è stato di lei? Che donna sarà oggi Iria?

Dovevo trovarla, ma nessuno sapeva dove fosse. Si sapeva solo che viveva in Alentejo. Vicino a Évora, mi disse qualcuno a Mazes. La madre non aveva il suo indirizzo né il suo numero di telefono. Mi ha detto che a volte Iria la viene a trovare. Si presenta a Natale o in estate, si ferma qualche giorno e torna in Alentejo.

Chiesi a vari abitanti di Mazes. Alcuni amici, alcuni cugini. Non lo sapevano. Riuscirono a trovare dei numeri di telefono, poi verificai che non erano più attivi. Nessuno era in contatto con Iria. Venni a sapere che di tanto in tanto telefonava a un'amica, Luísa, per sapere della madre. Trovai Luísa e le chiesi aiuto. Mi promise che se Iria l'avesse richiamata, le avrebbe detto di me. Passarono mesi, anni.

Continuai la ricerca per conto mio. Interrogai degli amici di Évora, cercai il nome all'anagrafe. Ma qual era il suo nome esatto? Non riuscii a verificarlo. Iria Brízida? Iria Joaquina? Com'era possibile che fosse scomparsa? Arrivai al punto di dubitare che fosse realmente esistita.

\*

Ho finito per conoscere bene la zona. Si raggiunge passando da Lamego o direttamente dalla A24, collegata a Bigorne da un raccordo per chi viene da sud. La A24 corre parallela alla EN2, che fa ancora da collegamento tra Lamego e Viseu.

Dal punto di vista paesaggistico e architettonico, il complesso di paesini che circondano Anta è uniforme. Gli insediamenti sono radicati sui monti in un miscuglio di abitazioni modeste, di pietra, e altre mirabolanti, frutto dell'avventura migratoria degli ultimi decenni. Ogni paesino ha una chiesa, un cimitero e una piazza centrale, e alcuni sono vivi. La maggior parte no. Le case sono vuote e una dozzina di anziani restano in attesa della morte o delle feste di agosto, momento in cui gli emigrati tornano per fingere la vita che avrebbero desiderato avere.

È così in tutti i paesini, da Mazes a Lazarim, Lalim, Ferreirim, Meijinhos, Melcões, Cepões, Magueija, Dornas, Pretarouca, Penude o Britiande. È un sistema, un universo, oggi collegato da strade di asfalto, tra Lamego, Moimenta da Beira, Tarouca e Castro Daire, a nord della Serra di Montemuro, a sud di Marão, lungo il fiume Douro e i suoi opulenti poderi del vino di Porto. Eppure, la povertà è a fior di pelle.

Ho attraversato i villaggi, alla ricerca di questo passato recente in cui persone come Joaquina trascorsero la propria vita. Come Lazarim, a bassa quota, oltre Meijinhos, con le sue fitte viuzze, sulla cima di un monte, per poi scendere di nuovo costeggiando Ribabelida fino alla diga del fiume Balsemão e ai villaggi che la circondano, Pretarouca e Dornas. Quest'ultimo è piantato su un pendio e offre una vista sulle montagne e il lago di seta blu, un privilegio da località turistica, nonostante le sue case siano quasi tutte vuote. In tutto, a Dornas vivono dodici persone, secondo Fortunato, un uomo che varca la soglia di casa per dare la paglia alla sua mula, accanto al crocifisso su cui sono incise le parole Dio, Patria, Famiglia.

Non andò a scuola perché non esisteva. La prima aprì quando aveva già 14 anni. Assistette alla costruzione, con il legno, là in basso, sulla sponda del fiume. E partecipò anche a qualche lezione, prima che gli fosse vietato per aver superato l'età. Allora, a 15 anni, andò a lavorare nei campi.

A 17 anni costruì una casa tutta per sé con l'aiuto del nonno, con cui viveva, visto che i genitori erano emigrati dopo la sua nascita. Andava sui monti a raccogliere pietre che trasportava con una carriola. Il nonno ritirava le pietre e costruiva la casa. La tirarono su loro due, senza l'aiuto di nessun altro. Era un'abitazione minuscola con una



stanza sola, senza finestre né canna fumaria, come le altre, perché non entrasse il freddo. Si trovava sul terreno che era rimasto disponibile, su una terrazza in basso, proprio sul tragitto delle inondazioni invernali e sulla via di serpenti e ramarri. Quando fu terminata, Fortunato si sposò e andò ad abitarci, dopo quattro anni di servizio militare in Angola. Solo molto più avanti, quando più nessuno voleva rimanere a Dornas, comprò la casa più comoda in cui abita oggi.

“Ho anche avuto qualche bestia, mi sono dato da fare”, mi raccontò. “Ma da piccolo ero molto povero”. Si ricorda di quando andava a dare una mano ai contadini e tornava a casa a chiedere qualcosa da mangiare. La nonna scaldava dell’acqua in una pentola. A volte c’era un pezzo di patata o di cipolla da aggiungere, molte volte non c’era. Fortunato buttava giù l’acqua calda senza niente. Tornava al lavoro e la sera mangiava un altro po’ di zuppa.

Quando Fortunato me lo raccontò, sapevo che non stava scherzando perché altri, a Mazes o nei villaggi vicini, mi avevano raccontato la stessa storia. Per molto tempo, principalmente in inverno, la zuppa che mangiavano era acqua calda e basta. A volte con qualche briciola di pane.

Una povertà di tali proporzioni è difficile da concepire. Scrutando la terra sconfinata tutto intorno, ricoperta di vegetazione, com’è possibile che non ci fosse un cavolo o una patata da mettere nella zuppa? La verità è che tutti gli appezzamenti avevano un proprietario, e ai poveri non spettava niente. Le risorse erano poche, la sopravvivenza una lotta. La povertà assoluta è un concetto che ci sfugge.

“Era tutto così diverso”, raccontò Fortunato guardando il paesaggio. “Non c’erano auto, né strade. Andavo a piedi, là, a Pretarouca, a lavorare. C’erano giorni che lungo la riva, tra il vento e la pioggia, non riuscivo a camminare. Oppure andavo di là, oltre il fiume, dietro quel monte, a Várzea, al mercato. Ci mettevo un’ora”. Le distanze si misuravano così, in base al tempo e alle difficoltà da affrontare per percorrerle a piedi. E la geografia s’imparava non con le mappe, ma con la memoria dello sforzo e della sofferenza.

Come le mnemoniche di Zora, una della città invisibili di Italo Calvino. Mi è venuta in mente mentre percorrevo le vie silenziose di Lalim, Meijinhos o Pretarouca. “L’uomo che sa a memoria com’è fatta Zora, nelle notti in cui non riesce ad addormentarsi immagina di percorrere le sue vie e ricorda l’ordine in cui si susseguono

l'orologio di rame, la tenda a strisce del barbiere, la fontanella con i nove getti, la torre di vetro dell'astronomo, il chiosco del venditore di angurie..."<sup>7</sup>, scrisse Calvino. E quest'ordine di "figure che si susseguono come su uno spartito musicale in cui non si può cambiare o spostare nessuna nota"<sup>8</sup> funge da punto di riferimento per la memoria. Attraverso di esso è possibile ricordare nomi di uomini illustri, virtù, numeri, date di battaglie, costellazioni. Tutto quello che abbiamo bisogno di sapere. "Ed è così che gli uomini più saggi al mondo sono quelli che sanno a memoria com'è fatta Zora"<sup>9</sup>."

Allo stesso modo qui, sapere a memoria questo panorama di querce, salici, ontani e frassini inclinati sull'acqua in mezzo alle rocce, con i crinali cosparsi di ginestre e il prolungamento dei fitti gambi bluastri della festuca sorvolati da aquile e nibbi, avrà reso gli uomini saggi.

Nonostante tutto, oggi si tratta di un mondo perduto, il cui aspetto più straordinario è il fatto di parlarne con un sopravvissuto. Fortunato ha 70 anni. Cinquant'anni fa qui eravamo ancora nel medioevo. È vero che le cose sono cambiate ed è altrettanto vero che non sono cambiate. Questa terra è immutabile al punto da diventare insignificante. Come Zora, che "costretta a rimanere immobile e uguale a se stessa per essere ricordata meglio, stagnò, si disfece e scomparve. La Terra la dimenticò"<sup>10</sup>."

Il paesaggio è sempre mozzafiato, ma ha sofferto un'insolita trasformazione. Sembra che le strade siano state costruite in modo da poter scappare più facilmente, lasciando un orizzonte di solitudine, abitato solo dai mostri bianchi dei parchi eolici e dalle grigie pecore tosate in mezzo all'erba secca degli arbusti sopravvissuti agli incendi.

\*

Nell'aprile di quest'anno decisi di telefonare a Luísa, ancora una volta. Non che avessi grandi speranze di trovare Iria, ma per un'abitudine della mia coscienza. Probabilmente per riaccendere quella piccola emozione di affrontare l'incredibile – lei non va a trovare la madre, nessuno la conosce, è una donna spuntata dal nulla e scomparsa nel nulla.

---

<sup>7</sup> Traduzione mia.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Idem.

Ma Luísa mi rispose spontaneamente: “Per caso si trova qui in paese. Faccia un salto”.

Mi misi in strada verso nord. Tagliai per Viseu, arrivai a Lamego, preso dall’agitazione, imboccai la strada verso Moimenta, dopo Britiande proseguii verso Lalim, Lazarim, Mazes. Oltre il bar Luna di miele, m’inerpicai sulla ripida strada del villaggio, svoltai a sinistra nel vicolo quasi a strapiombo dove si trova la casa di Joaquina.

Iria mi stava aspettando. Una donna alta, magra e affabile, con il naso sottile e gli occhi irrequieti. “So che mi stava cercando”, esordì. Dette delle spiegazioni per giustificare la confusione di numeri di telefono e indirizzi, fece in modo che sembrasse tutto normale. Ed eccola là, senza niente di enigmatico e con il tempo per chiacchierare.

Mi raccontò che vive in Alentejo con una delle sue figlie. Ne ha un’altra, più vecchia, e un secondo figlio. Tutti loro le hanno dato dei nipoti, sei in tutto. Nacque nel villaggio di Anta e, dopo la morte della nonna e della zia, visse là, solo con la madre, fino ai 19 anni. Fu in quel periodo che la storia si ripeté ed ebbe una figlia, Leonor. Quindi Joaquina comprò la casa a Mazes e andò là a vivere con la nipote. Iria andò a Lisbona a lavorare come domestica in una casa. Solo in seguito sarebbe tornata a prendere la figlia. Fece vari lavori, si sposò, nacquero altri due figli, si trasferì in Alentejo. Divorziò.

Oltre al lavoro di domestica, lavorò in fabbrica, fu pastora di pecore e capre, come faceva da piccola ad Anta. Fu una vita difficile, ma imparò molto, mi raccontò. Si ritiene soddisfatta. Vuole parlare di tutto in modo dettagliato, tranne di quello che più m’interessa: la vita ad Anta. È l’unico periodo che non vuole richiamare alla mente. Non trova niente di romantico in quegli anni in cui visse da sola in montagna. Per questo non le piace l’idea di tornarci, e viene a Mazes solo per visitare la madre.

“Ho trascorso un periodo pessimo della mia vita, lassù. Ho sofferto molto freddo e molta fame. E ho avuto paura. Ho solo brutti ricordi. Eravamo isolate, non sapevamo nulla. Da quando sono arrivata a Lisbona ho imparato tutto quello che so. Ho imparato molte cose. Uno dei primi giorni la padrona di casa mi ha mandato a comprare duecentocinquanta grammi di spaghetti. Io sono rimasta a fissarla. Non sapevo cos’erano gli spaghetti”.

Dopo ore di conversazione ci mettemmo d'accordo di andare ad Anta il giorno seguente. C'è un sentiero che porta là da Mazes, che ora si può percorrere in auto. Trascorremmo la giornata nel villaggio abbandonato.

Due mesi dopo tornammo con il fotografo Manuel Roberto per passare un'altra giornata di passeggiate, rievocazione del passato e sbalordimento.

\*

Ad Anta tutti i luoghi hanno un nome. La Cima di Anta, Anta di Mezzo, il Fondo di Anta. La via della Cima di Anta prosegue fino alla Fontana di Anta, da cui sgorga acqua fresca e limpida. Era là che Iria riempiva l'annaffiatoio e le pentole per bere, cucinare e lavarsi (ora, per sciacquare le erbe, si sporge verso il bordo della sorgente, in modo che il getto d'acqua non si sporchi). Nella Riserva di Anta c'è un'altra sorgente di acqua potabile. Ma anche quella del fiume, che nasce alla Croce (dove Iria era abituata ad andare a raccogliere l'erba per i conigli), accanto al Ponte delle Travi, di fronte alle Ginestre del Ponte, si poteva bere. Così come quella dei torrenti che sgorgano dalle Brocche.

Non c'è luogo nel villaggio o nei dintorni che non abbia un nome. Il Sentiero della Grotta, la Piana delle Puledre, il Fondo del Viottolo, il Piccolo Cristo, la Testa delle Pietre Lisce, il Forno delle Scottature, dall'alto della quale si vede Colo do Pito. E una funzione. Ad Anta di Mezzo si trova l'aia dove si macinavano le segale. Sul Ponte delle Travi passava il bestiame che andava a pascolare verso Castelo e Sabugueiro, altri insediamenti che erano già abbandonati quando Iria viveva qui, sul fianco del monte oltre il quale si trova Ribabelide.

Ci sono varie aie e ognuna aveva la sua peculiarità. Alcune si potevano attraversare, altre no, come l'Aia dei Galegos, i cui proprietari erano molto gelosi, nonostante non vivessero più al villaggio. Anche l'Aia Recintata era proibita. Via libera all'Aia della Fontana. Stessa cosa all'Aia della Piana e a quella di Anta di Mezzo.

Le case di Anta sono tutte di pietra. Alcune hanno ancora il tetto di paglia, altre sono state ricoperte in un secondo momento con tegole o con lastre di metallo. Le vie sono di terra battuta o di pietre. Alcune sembrano dei tunnel scavati nella roccia, su cui sono ancora visibili i segni del passaggio dei carri di buoi. Il villaggio è collocato sulla cima del monte, rispettoso degli imprevisti della natura nella sua disposizione e

architettura. Le abitazioni sono collocate su vari livelli e tra una e l'altra ci sono rilievi, avvallamenti, crinali e pendii.

Alcune case sono state costruite di fianco ad una grande roccia che gli fa da parete. Non hanno finestre né canne fumarie. Ma hanno la cucina. Il fumo del focolare persisteva in casa e si dissolveva lentamente attraverso le fessure delle pietre.

Negli anni in cui Iria visse qui nessuna casa era abitata. Ma tutte avevano un proprietario. “Quella è di Margarida Batoco, che sta in Francia. Quella di Zé Capador. Quella di zia Maria Rita. Questa grande era di Zé Marcelino. Là Maximino, Celestina, Francisco Abel, João Terezo, José Peixota, Domingos dell'Antónia, Agostina Galego”.

Nessuno abitava qui, ma le case avevano nomi e storie. Era come se il villaggio fosse vivo ma in stato di abbandono.

\*

Appena arrivata ad Anta, sembrò che Iria si fosse trasformata in una bambina. Una volta non aveva mai tempo per giocare. “Per questo adesso ne approfitto”, chiarisce. Si arrampica sui massi, scende di corsa la rampa del Ponte delle Travi, sbircia all'interno di ognuna delle case oggi bucherellate o senza tetto. Si comporta come se fosse la regina del villaggio. Conosce ogni centimetro di quel terreno, di cui ora si riconosce padrona e dove per la prima volta si sente libera. Si nota che il suo è un legame intimo e indecifrabile con le pietre, gli alberi e le ginestre.

È questo che ha voglia di mostrare ed esplorare, in un trionfo vertiginoso sul passato. Ma quello che voglio è accompagnarla a casa. Alla sua casa, dove visse con la nonna e la madre, poi solo con la madre, Joaquina.

La casa, situata nella zona più elevata di Anta, è ancora di sua proprietà, e Iria ha la chiave con sé. Intuisco che il suo sorriso si è spento nel momento in cui si ferma rivolta verso la porta, dandomi le spalle. Apre la porta con uno spintone.

Eccoci qui finalmente. La casa di Iria. Il primo shock è la dimensione. È una stanza unica di sette o otto metri quadrati. Abituati gli occhi all'oscurità, distinguiamo il posto dove si faceva il fuoco, una specie di mensola sulla parete, coperta da un panno, alcuni oggetti – un crocifisso di legno, molto grezzo, una falce, una cesta di vimini, una bilancia, un vecchio calamaio.

Iria racconta come vivevano. Di fronte, appoggiato alla parete, c'era il letto, una specie di lettino con le assi inchiodate al suolo, largo un metro. Lì dormivano le tre

donne secondo questa disposizione: Iria e la nonna con la testa rivolta verso il focolare, la madre al contrario. Era l'unico modo per starci in tre, rannicchiate una vicino all'altra per proteggersi dal freddo, con la paglia sotto il corpo e sopra la tela dei sacchi di patate. Portavano le pecore a pascolare, ma non avevano una coperta di lana.

Di fianco al letto c'era la cassa del grano sulla quale mettevano i vestiti che si toglievano prima di coricarsi. Quando avevano delle patate, le conservavano sotto il letto. La parete di fronte era il focolare. Sopra la cavità dove si mettevano a bollire le pentole di ferro c'è ancora la ceneriera e una placca sottile che impediva al fuoco di raggiungere il tetto. Sotto si metteva la legna e sulla destra è visibile il buco nelle travi del pavimento da cui si lanciavano, verso il piano interrato – la stalla – i resti di cibo per i conigli, quando ne avevano. Sulla destra avevano messo un ramo di ontano senza foglie, che serviva per appendere i tegami e le pentole.

“Questa cucina era meravigliosa”, si lascia scappare Iria. Scava con le mani alla ricerca di qualcosa tra l'immondizia che riempie il fondo del focolare. Estrae una pietra piccola e arrotondata. “Questa era la mia ‘sedia’. Era qui che mi sedevo”.

Mostra i vari oggetti e spiega a cosa servivano. La cesta per raccogliere le olive, la lanterna a olio. C'era una tinozza di zinco per lavarsi. La scopa consisteva in un fascio di ginestre allacciate a un'estremità. Un gambo attorcigliato faceva da laccio per mantenere il fascio compatto. Dopo aver tagliato le estremità con la falce, si metteva a seccare sotto una pietra perché prendesse la forma appiattita.

Tutto era ottenuto in questo modo, con materiali raccolti sui monti. Non c'erano botteghe, né soldi. I vestiti di Iria erano offerte di persone caritatevoli di Mazes. Indossava sempre le gonne, sia che andasse a messa la domenica, a Mazes (si alzavano alle cinque del mattino e si dirigevano a piedi verso la chiesa, a notte fonda ancora, illuminando il sentiero con una fiaccola di ginestre), sia che portasse le pecore al pascolo. E aveva sempre le trecce, fatte dalla madre. Ai piedi calzava gli zoccoli. Erano un lusso, ma sarebbe stato impossibile camminare scalza sui monti rocciosi. Poiché non avevano soldi, raccoglievano un ceppo di legno di ontano che portavano a un calzolaio di Vale Abrigoso. Questo, che era di famiglia, partendo dal ceppo, intagliava gratuitamente gli zoccoli, su misura, dopo aver segnato le dimensioni del piede di Iria su un foglio di carta.

Provo a immaginare quella bambina che, cinquant'anni fa, tutti i giorni, dall'alba al tramonto, portava le pecore e le capre sui monti. E provo a immaginare la ragazza di 17 o 18 anni che vive da sola in quella prigione di pietra. Ovviamente non ci sono foto dell'epoca e lei si limita a dire che era magra come uno stecco, a causa della fame che pativa.

Non avevano niente. Gli animali non erano di loro proprietà, nemmeno la lana con cui Joaquina confezionava calze e maglioncini. I clienti dei villaggi vicini fornivano la materia prima, lei la mano d'opera, in cambio di un pagamento ridicolo a base di patate o fagioli.

Nei periodi di abbondanza era quello che si aggiungeva alla zuppa che mangiavano due volte al giorno. Quando avevano del grano, lo macinavano e cuocevano il pane nel forno della casa della zia, quando era ancora viva. Sempre che ci fosse legna secca. Se non c'era, facevano una poltiglia di grano. In inverno le donne dormivano perfino con le ginestre nel letto, per poi fare il fuoco e scaldare la zuppa. Che molte volte era solo acqua. Magari con l'aggiunta di un po' di pane. O quattro fagioli e una foglia di cavolo. O del cavoletto selvatico, un'erba che cresce in montagna. Joaquina si abituò a mangiare zuppa di ortiche.

E Iria ricorda che, nei mesi invernali, scavava nella neve alla ricerca di qualche pianta da mettere sotto i denti. Un cavolo, o anche un'ortica, ma non il nulla, non tornare a casa a mani vuote.

In quei periodi il freddo era tale che restavano a casa tutto il giorno, al buio, strette una all'altra tremanti. Non riuscivano ad andare a lavorare e quindi non guadagnavano niente.

Dopo la morte della nonna, quando Iria aveva 5 anni, madre e figlia rimasero completamente sole nel villaggio. Durante il giorno alcuni pastori passavano di là e di notte lasciavano il bestiame al riparo nelle case, cosa che cominciò ad attirare l'attenzione dei ladri della zona. I furti divennero frequenti e Joaquina passava le notti in bianco, attenta a ogni rumore, paralizzata dalla paura. Non aveva niente che potessero rubarle, ma temeva che venissero a chiederle dov'era tenuto nascosto il bestiame di buona qualità.

Oltre al freddo e alla fame, la paura si aggiungeva alla famiglia. Oltre ai ladri, c'erano i lupi. In inverno si aggiravano affamati nel villaggio, fiutando le pecore nascoste sotto le fragili costruzioni di pietra.

Joaquina e Iria si abituarono a convivere con loro e perfino, se necessario, a lottare. Iria si ricorda di un giorno in cui vide la madre correre come una pazza verso un lupo che stava per attaccare una delle pecore. “Ehi, cagnaccio! Molla, cagnaccio!”, sbraitava, esile e bassa, afferrando la pecora che il lupo stava già azzannando sul fianco. Ognuno tirò dalla sua parte, lei e il lupo, lacerando la carne dell'agnello, in uno scontro rumoroso e sanguinolento tra due animali inferociti. Vinse Joaquina.

Era così il loro mondo, selvaggio e letale. Un pomeriggio, mentre si stavano riposando, sentirono un botto, una specie di esplosione in una casa vicina. Si era scatenato un temporale improvviso e impetuoso, e un fulmine era caduto sull'edificio, appiccandogli fuoco. Joaquina andò di corsa in quella direzione, ma non riuscì a evitare che le capre che si trovavano all'interno morissero carbonizzate.

Se in inverno il freddo e la neve rendevano impossibile uscire, in estate era impensabile restare in casa. Faceva così caldo che Joaquina e Iria dormivano all'ingresso, rivolte verso l'esterno. A Iria piaceva la sensazione di svegliarsi lì. “Mi alzavo per veder nascere il sole”, ricorda. “Restavo a guardarlo spuntare, lentamente, rosso rosso”.

\*

Poiché era sola nel villaggio di Anta, Iria non aveva amiche né amici. Non conosceva nessuno, esclusi i pastori che ogni tanto passavano rapidamente da Anta, da Castelo o da Sabugueiro. A parte Joaquina, nessuno le insegnò niente. Per molti anni Iria non seppe cos'era la musica. Non avevano una radio, non c'era nemmeno la corrente elettrica nel villaggio. Sentiva solo la madre che cantava “Guarda che bella capretta, bee bee, guarda che bella capretta, non si sa di chi è”.

È risaputo che a Iria piace chiacchierare. Con chi lo faceva quando viveva ad Anta? La sera parlava con la madre, ma solo di lavoro. Dove portare il bestiame, quale campo arare.

Di giorno parlava con le pecore e le capre. Aveva dato un nome a ognuna. Volpina, Carina, Primina, Fragolina. Queste erano le pecore. Le capre si chiamavano Cornuta, Nerina, Cocuzza.



Iria giocava con loro. “Vieni qua Volpina!” Mostrava loro i vestiti che stava confezionando, la maglia che cuciva utilizzando le ginestre, con gli abili gesti della sarta che sognava di diventare.

Faceva dei vestitini per la bambola di cartoncino dipinto e fil di ferro che la zia Piedade le aveva regalato prima di morire. La portava sempre con sé nel cestino delle olive. Essendo l'unico giocattolo, non aveva un nome, diversamente dalle pecore. Era solo “la bambola”. Cominciò a perdere pezzi, i piedi furono i primi a cedere. Dopo le spuntò il fil di ferro dalle braccia. Ma sopravvisse, ridotta uno straccio, finché Iria visse ad Anta.

Un altro passatempo era dare schiaffi con le genzianelle. I monti sono ricoperti da questo fiore viola che nasce in ciuffetti rasenti al terreno. Iria ne strappa uno per spiegarsi meglio. Con le dita stringe i petali dischiusi della piccola corolla del fiore e con uno schiaffo, fa scoppiare contro l'altra mano l'aria compressa all'interno. “Facevamo così sulla fronte delle persone. Tiè!”

Ma quali persone, Iria? Non c'era nessun altro qui. “Beh, no. Ma lo facevo lo stesso”, confessa, scoppiando la genzianella sulla propria fronte. “Tiè!”

\*

Iria non fu sempre sola. La madre ebbe altri due figli, uno dopo l'altro, con un intervallo di tre anni. António e João. Non potendo smettere di lavorare, Iria si prendeva cura di loro. Al momento della poppata, li portava a Joaquina, intenta a zappare la terra nei villaggi vicini.

Ma i due neonati non si svilupparono. Non crescevano, non impararono mai a parlare né a camminare. Iria non si spiega perché andò così. Forse perché la madre aveva lavorato duramente, trasportato pesi sulle spalle durante la gravidanza. Non c'erano medici a cui chiedere aiuto. Joaquina andò perfino all'ambulatorio di Lamego. Le dissero di non preoccuparsi, che era tutto nella norma.

Uno dopo l'altro, i due neonati ebbero esistenze simili. Gattonavano, non ingerivano niente al di fuori del latte materno. Nessuno dei due riuscì mai a reggersi in piedi. “Non hanno mai mangiato nulla di questo mondo”, dice Iria. Nessuno sopravvisse. António morì all'età di 3 anni e subito dopo nacque João, cui toccò la stessa sorte. Dopo tutto questo, quello che stupisce Iria è la propria sopravvivenza. Perché non morì anche lei?

Pone la domanda senza far trasparire alcuna emozione, lasciando spazio al silenzio, al sibilo della brezza che le solleva i capelli brizzolati, che spettna il paesaggio vellutato, di una tonalità verde che è al tempo stesso blu, le rovine delle case abbandonate, gli alberi sparpagliati sui monti come essere umani barcollanti, le pale bianche dell'energia eolica che montano la guardia tutto intorno.

Il paesaggio rivela la maestosità di un mare sconfinato che danza all'orizzonte, ma sempre etereo e sospeso. Sembra che qui le forme di vita meglio riuscite siano quelle radenti alla terra. I grilli, le cicale, le vespe, i serpenti e i ramarri si spostano frenetici a livello del suolo. Veniamo attratti verso la terra dal profumo voluttuoso del fieno e perfino i nibbi seguono con lo sguardo le lepri che s'infilano nelle tane.

\*

Dall'età di 6 anni Iria cominciò ad andare alla scuola di Mazes tutti i giorni. Mangiava la zuppa d'acqua di mattina e scendeva dal monte, terrorizzata dai lupi. Ci fu una maestra che, vedendola affamata, le offrì un panino. E volle anche portarla con sé a casa. Ma Joaquina non lo permise. In seguito lasciò che andasse a lavorare in un altro villaggio, ma non per molto tempo.

Un giorno, Iria avrà avuto 10 anni, un uomo a cavallo si presentò ad Anta. “È lei Joaquina?”, chiese. “Ho saputo che qui abita una ragazzina che lavora”.

“È mia figlia, ma viene solo se lo decide lei”, rispose Joaquina. “C'ho tre bambini da accudire”, disse l'uomo, che si chiamava Hermínio. Iria saltò subito sul cavallo e se ne andò con lui. Raggiunsero Meijinhos, dove Hermínio visitò i genitori, pranzarono e si rimisero in sella diretti a Moimentinha.

Il lavoro consisteva nel prendersi cura dei bimbi di uno e due anni e, mentre dormivano, raccogliere patate. Ma a Iria piaceva perché le diedero dei vestiti nuovi e perché in casa c'era una radio. Un anno dopo, però, il giorno della celebrazione della Madonna dei Rimedi, alcuni conoscenti di Mazes passarono di là e la videro raccogliere l'uva. Andarono a raccontarlo a Joaquina che li mandò a riprendere la figlia.

Un mese dopo stava già partecipando alla vendemmia nella Quinta da Carvalha, uno dei latifondi in cui si produce il vino di Porto, nei pressi di Pinhão. Dormiva per terra, con una coperta, in un capannone insieme a centinaia di donne e bambini della sua età. Solo da Mazes, lavoravano là una dozzina di bambine di 10 o 11 anni.

Si alzavano prima dell'alba per ammucciare l'uva. Tre volte al giorno mangiavano zuppa e sardine in scatola. Erano pesci minuscoli, schiacciati, senza testa, salati e giallini. Iria non aveva mai mangiato così bene.

Cominciò ad accettare questi lavori stagionali in altre zone. La madre faceva lo stesso, nonostante alla sua età la chiamassero solo per raccogliere le patate e il grano. Doveva sgobbare molte ore perché il lavoro di una donna valeva solo la metà di quello di un uomo. Iria guadagnava in media tre *escudos* e mezzo al giorno, che consegnava interamente alla madre.

A volte andavano in località lontane, come Castro Daire, a ritirare o a consegnare capi di lana. Andavano quasi sempre a piedi perché non avevano soldi per la corriera. Costava due *escudos* e cinquanta centesimi. Un giorno Iria salì sul veicolo con solo due *escudos* in tasca. Il controllore voleva cacciarla, ma gli altri passeggeri ebbero pena di lei e misero insieme i cinquanta centesimi mancanti.

Quando calava il buio, bussavano alla porta di qualche casa e chiedevano riparo per la notte. Di solito le lasciavano dormire nel pagliaio.

\*

A 15 anni Iria ebbe il primo ragazzo. Era un giovane di Mazes, aveva due anni in più di lei e veniva da una famiglia benestante, che possedeva vigneti e due vacche.

Quando rimase incinta, Iria non lo disse a nessuno. Fino all'ultimo mese, né la madre né il suo ragazzo seppero niente. Dopo rimase da sola. La famiglia di lui non acconsentì al matrimonio perché Iria era povera. Era la figlia della Joaquina dall'Anta. Dissero che non era lui il padre.

Un giorno il giovane raggiunse Iria a mezza costa, dove lei si trovava con le pecore e Leonor, di otto mesi, in braccio, per restituirle le lettere, come si era soliti fare alla fine di una relazione. E sparì.

Fu in quel momento che Joaquina comprò la casa a Mazes e Iria se ne andò a Lisbona. Per sei anni Leonor visse con la nonna.

Iria andò a servire in una casa del quartiere Restelo. Marito e moglie erano ricchi. Avevano una Mercedes nera e un calesse con un cavallo. Iria doveva indossare l'uniforme e guadagnava mille *escudos* al mese. Significava entrare in un mondo completamente diverso. Le sue mansioni comprendevano pulire i bagni, spazzolare e

lucidare le scarpe del signore, portare gli abiti in camera e la colazione sul letto della coppia.

All'ora della colazione la signora suonava il campanello. Iria entrava, apriva la finestra, da un ripiano dell'armadio prelevava il treppiede per il vassoio. Quindi il signore spostava una gamba verso destra, la signora una gamba verso sinistra affinché Iria collocasse il vassoio con le cibarie in mezzo a loro.

Il signore non mangiava il pane tostato perché era disgustato dalle mani delle cuoche. Ordinava a Iria di portare gli abiti che desiderava. Ognuno aveva un nome. "Iria, portami il completo grigio Picpic". La sera Iria cambiava uniforme per servire la cena. Il signore mangiava solo pesce grigliato e frutta.

Da là Iria se ne andò in un'altra casa, poi in una fabbrica di biscotti. Per sette anni ebbe una relazione con un uomo, si sposò con lui. Si trasferì a Pavia, poi nella zona di Abrantes, poi in quella di Montemor-o-Novo. Riprese a pascolare le pecore. Arrivò a gestire un gregge di mille capi.

Provò a portare la madre a casa sua, ma questa non si trovò bene. Joaquina tornò a Mazes. Conobbe un vedovo e si sposò, ma poco tempo dopo lui morì.

Ancora ai tempi della mia prima visita si trovò un fidanzato a Mazes. Andò a vivere con lui. Era lei che gli faceva il bucato e gli preparava da mangiare, ma era felice. Andai a trovarla in quel periodo in cui, a quasi 90 anni, probabilmente per la prima volta aveva conosciuto l'amore, e mi sembrò più giovane di vent'anni.

Ma poi i figli del fidanzato pensarono che fosse meglio trasferirlo a casa di uno di loro, a Lisbona. Poiché lui, per protesta, aveva smesso di mangiare, lo riportarono ad Anta. Chiesero il permesso di Iria affinché la madre tornasse a casa del fidanzato. Iria non volle che la madre, alla sua età, diventasse schiava di un uomo. Non acconsentì. Lo portarono via di nuovo, stavolta in una casa di riposo. Lui riprese il digiuno per protesta e morì poco tempo dopo.

Andai svariate volte a Mazes a trovare Joaquina. Diventammo amici, ma non nascondo che mancava la risposta a una domanda ed era quello il dubbio che di tanto in tanto mi trascinava fino ai villaggi di Lamego.

Perché abbandonarono la Joaquina dall'Anta? Né lei né Iria mi risposero, mai. Furono i vicini di Mazes che, con il tempo, svelarono il mistero. Dicevano che lei non

aveva famiglia qui giù. E io domandavo: e suo marito? La Joaquina? Non ha mai avuto un marito, ridacchiavano le vicine.

La risposta, mi sono reso conto, stava proprio lì. Joaquina fu votata all'ostracismo perché era una madre sola. Era considerata una donna facile per gli uomini e una minaccia per le altre donne. Per questo fu più semplice per tutti abbandonarla ad Anta, lontano dalla comunità. Era successo lo stesso a sua sorella Piedade e sarebbe successo a Iria se non fosse scomparsa scappando a sud.

Era così il Portogallo di cinquant'anni fa. Oggi Iria è un miracolo di sopravvivenza e trionfo. Solo che non le piacciono la neve né il fumo, malgrado non spieghi a nessuno perché. È una donna completa con una macchia nel suo passato. Non chiedetele da dove viene perché quel che è certo è che tutti intraprendiamo lo stesso viaggio, troppo lungo per una donna sola.

Fine



Lamego



Mazes



**Livraria do Mondego**



**Vale do Zêzere**



**Centro Geodésico em Vila de Rei**



**Aldeia da Luz**



### Capítulo III

#### Reflexões de natureza tradutória

Os desafios com que me deparei ao abordar a tradução da obra de Paulo Moura são de natureza variada, abrangendo estes os níveis da sintaxe, do léxico e da ortografia, nomeadamente da pontuação. Quanto à apresentação da abordagem teórica adotada e exposta neste capítulo, recorri à terminologia procedente do modelo de análise de Christiane Nord, nomeadamente aos termos Cultura Alvo, Cultura Fonte, Língua Alvo, Língua Fonte, Texto Alvo, Texto Fonte, e por vezes apoiei-me na dicotomia de equivalência formal e equivalência dinâmica de Eugene Nida.

No que diz respeito à sintaxe verbal, são dois os casos a destacar: o uso do Pretérito Perfeito e do Condicional. Na língua portuguesa o Pretérito Perfeito simples é o tempo verbal do passado por excelência, sendo utilizado para contar ações ocorridas num passado próximo ou longínquo, portanto recorre em vários planos da narração: nos capítulos em que se narram as experiências de vida das personagens, nos trechos que interligam as ditas histórias, nas passagens em que o autor introduz a viagem, seu surgimento e desenvolvimento. Esta uniformidade verbal foi objeto de alterações no Texto Alvo; optei por manter o Pretérito Perfeito simples apenas como tempo verbal na narração de acontecimentos longínquos pertencentes ao passado das personagens, enquanto introduzi o Pretérito Perfeito composto nos trechos de conexão, em que o autor refere da viagem e do itinerário que está a percorrer, com o objetivo de marcar uma distinção no plano temporal que teria sido mais difícil de alcançar na Língua Alvo com a preservação dum único tempo verbal. Além disso, especialmente no discurso direto, o uso do Pretérito Perfeito composto permitiu-me conseguir um nível de menor formalidade. Tive um cuidado especial na tradução do tempo Condicional, também definido Futuro do Pretérito simples, pois entre as funções que desempenha encontra-se a de “designar acções posteriores à época de que se fala” [Cunha, Cintra, 2005:461], facto que obrigou ao utilizo do Condicional composto no Texto Alvo.

Em relação ao léxico, dediquei especial atenção na análise das expressões idiomáticas, das linguagens técnicas, dos termos regionais, de alguns topónimos e de neologismos. Além disso optei por manter algumas palavras portuguesas no Texto Alvo, por vezes acompanhadas por breves notas de rodapé. As expressões idiomáticas

dividem-se entre aquelas que são próximas do italiano, para as quais foi suficiente recorrer à introdução duma equivalência formal, e aquelas para as quais foi preciso buscar um equivalente dinâmico na Língua Alvo. No terceiro capítulo encontram-se as expressões “sem rei nem roque” [Moura, 2013:14], traduzido com “senza disciplina” e “nunca me faltaram as batatas” [Id.:14], no Texto Alvo “non è mai mancato il pane”. Neste caso recorri a uma substituição do elemento que está na base da alimentação e manifesta uma marca cultural, tratando-se duma equivalência dinâmica. A seguir, à “esperteza saloia” [Id.:15] dos contrabandistas substituem-se os próprios atores dos roubos, os “furfantelli”. A expressão “andavam enfarinhados” [Id.:15] é traduzida com “era coinvolto in faccende losche”, “levar tudo à risca” [Id.:17], sinónimo de levar à letra, é traduzido com “prendere alla lettera”, enquanto “mandei umas bocas” [Id.:17] é traduzido com “avevo messo in giro delle chiacchiere”. No sexto capítulo a expressão “lançam bocas” [Id.:38] é traduzida com “lanciano provocazioni”. No sétimo capítulo a expressão vulgar “dar umas quecas” [Id.:48] é traduzida com “farti una scopata”, o rapaz “que não tinha maneiras” [Id.:49] torna-se em “uno screanzato”. A colaboração do autor foi imprescindível na tradução da frase “Quem sobe a pulso sobe mais alto se estiver mais leve” [Id.:84]. O conceito de leveza está associado à escolha da personagem de não pagar os impostos, o que lhe permite alcançar um êxito no plano económico mais rapidamente dos outros; o dito “subir a pulso” foi traduzido com o exemplo dum possível equivalente dinâmico “farsi da solo”, enquanto o conceito de leveza, em oposição ao fardo dos impostos, manteve-se na expressão “viaggiare leggeri”.

Em vários capítulos da obra estudada recorre-se a linguagens técnicas relacionadas com algumas profissões e ambientes de trabalho, nomeadamente a extração nas pedreiras no capítulo 4, as fábricas da indústria têxtil no capítulo 11, a profissão do projecionista cinematográfico no capítulo 15 e do ferreiro no capítulo 16. Neste contexto lexical a base de dados IATE representou uma ferramenta imprescindível.

Em relação aos topónimos, em princípio a intenção era de mantê-los todos inalterados, porém foi necessário introduzir duas exceções no capítulo 12, onde aparecem as aldeias de Venda da Gaita e Picha. No calão português os termos *gaita* e *picha* referem-se ao órgão sexual masculino, por isso não pude deixar de reproduzir a

trivialidade no Texto Alvo com Borgo Cacchio e Fallo. Além disso, os topónimos Foros do Arrão de Cima e Foros do Arrão de Baixo subiram uma tradução parcial, resultando em Foros do Arrão di Sopra e Foros do Arrão di Sotto, designação difundida igualmente na toponomástica italiana. No mesmo capítulo utiliza-se o adjetivo “forenses” fora do seu contexto primário, pois não está associado ao âmbito judicial, mas tem função de substantivo e indica os habitantes da aldeia acima mencionada; por isso foi traduzido com o neologismo *forresi*.

Relativamente aos antropónimos, mantiveram-se os originais com uma única exceção, ou seja, a alcunha “Sossego”. Remete claramente ao caráter da personagem e à sua índole supostamente despreocupada e pacífica; na hora de traduzir escolhi realçar outro hábito representativo da personagem, a saber, agir de forma a passar despercebido, através do adjetivo italiano *quatto* que, quando iterado, remete a ações feitas às escondidas, sorrateiramente.

No capítulo 10 aparecem dois termos regionais da zona da Serra da Estrela; ao descrever a tentativa de se proteger duma repentina trovoadade de verão, o pastor, protagonista do capítulo, recorre às palavras “poio” e “piornos” [*Id.*:57], cujo significado está devidamente notificado entre parêntese no Texto Fonte. Neste caso optei por introduzir duas palavras que pertencem ao dialeto da província de Verona, onde nasci e cresci, nomeadamente *pierón* e *roej*, pois representam dois exemplos de equivalências formais. Mesmo que a diversidade linguística do panorama português não seja comparável em termos de quantidade e qualidade ao panorama italiano, dado que o contexto geográfico e sociolinguístico em que se colocam os termos da Língua Alvo não se afastam daquele da Língua Fonte, não achei imprópria a escolha de recorrer a um dialeto italiano para solucionar este assunto.

No capítulo 6 encontra-se um neologismo da autoria das personagens mencionadas; refiro-me à alcunha *rigolota* [*Id.*:31, 41, 42] dirigida a uma das personagens femininas, central neste capítulo, que simboliza o fenómeno da emigração para França. A língua francesa revela-se justamente na base deste neologismo, constituído pela raiz do adjetivo francês *rigolote* (engraçada, divertida em português) cuja terminação *-e* é substituída pela terminação feminina *-a* do português; o sufixo diminutivo *-ote/-ota* provavelmente decorre também da língua francesa [Cunha, Cintra, 2005:94]. Trata-se dum termo exemplificativo da linguagem oral dos emigrantes de

primeira geração, cuja expressão em língua francesa com frequência sobrepõe-se à língua materna, dando origem, como neste caso, a palavras híbridas. Na hora de traduzir o dito termo para o italiano optei por intervir apenas na terminação com o sufixo diminutivo e *vezzeffiativo* italiano –*otto* declinado ao feminino para manter por um lado o impacto do estrangeirismo, por outro lado o matiz de afetuosidade que o neologismo traz consigo.

Como referi no primeiro capítulo do presente trabalho, a minha intenção era aproximar o leitor à realidade portuguesa, o que me levou a manter algumas palavras portuguesas inalteradas no Texto Alvo; é o caso de escudos e centavos, pimba (termo esclarecido com uma nota de rodapé), Euromilhões, Operação Triunfo, pirolitos (cujo significado foi esclarecido com o acréscimo do substantivo “gazzose”). Em relação à palavra pimba, a minha escolha foi ditada também pela ausência no panorama musical italiano dum gênero que tenha características parecidas e traga consigo as conotações de “relativo à música ao gosto popular” e “de qualidade discutível”<sup>11</sup>. Além disso, no caso de siglas como INE, IPPAR, PREC foi preciso acrescentar notas de rodapé para torná-las compreensíveis ao leitor italiano.

O sexto capítulo, que está centrado nas festas de verão, inclui breves trechos de canções célebres e recorrentes naquele contexto, nomeadamente “A garagem da vizinha” e “A cabritinha” de Quim Barreiros, “Não és homem p’ra mim” de Romana, “A dançar é que é bom” de Emanuel, “Depois de ti mais nada”, “Eterno vagabundo” e “Sonhos de menino” de Tony Carreira e “Sururu” de Tayti. A primeira destas canções representou o maior desafio, pois era preciso manter o duplo sentido obsceno do texto, em que o ato sexual é descrito em forma alegórica recorrendo ao carro e à garagem que simbolizam os órgãos sexuais masculino e feminino. Optei por manter a estrutura e os elementos envolvidos tendo o cuidado de utilizar equivalentes do mesmo gênero: o substantivo masculino “carro” não foi traduzido com o substantivo feminino “automobile”, mas com o masculino “bolide”, da mesma forma preferi o substantivo feminino “rimessa” em vez do masculino “garage”, escolha que me permitiu igualmente manter o esquema rímico da canção original.

No capítulo 15 mencionam-se os títulos de quatro filmes pornográficos das décadas de 1960 e 1970 que, pertencendo a um gênero quase ausente na literatura de

---

<sup>11</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, p. 2857.

cinematografia, representaram um obstáculo no processo da tradução; um par destes, nomeadamente “O caminho do pecado” e “Decameron interdito”, encontram-se no Texto Alvo com o relativo título italiano, enquanto para os restantes limitei-me à introdução duma equivalência formal.

Em relação às palavras estrangeiras pertencentes às línguas inglesa e francesa, muitas se mantiveram inalteradas como *rigoler* (acompanhada por uma nota de rodapé no Texto Alvo), *matrix*, *upgrade*, *Noël*, *pacemaker*, *kermesse*, *soirés*, *looping* (na forma do gerúndio no Texto Fonte, na forma do infinitivo *loop* no Texto Alvo). Única exceção é representada pelo termo *carjacking* [Moura, 2013:49] para o qual optei pela tradução literal do termo inglês.

No capítulo 17 são citados dois trechos da obra de Italo Calvino *Le città invisibili* traduzidos para o português, criando-se assim uma situação invulgar que foi preciso resolver com uma re-tradução para a língua que, em princípio, constituía a Língua Fonte.

O caso do título exemplifica a distância entre a Cultura Fonte e a Cultura Alvo; pode-se presumir que a alusão a uma zona do país cuja distância do mar é marca permanente resulte mais chamativa ao leitor português, enquanto o leitor italiano precisaria da leitura integral da obra para que isso se torne mais acessível.

Por último, a nível ortográfico, o maior desafio foi manter o ritmo da narração nas passagens que apresentam orações breves ou uma estrutura pouco clara. Um traço recorrente do estilo do autor é o utilizo de orações sintéticas, livres de adornos talvez para comunicar a discreta simplicidade das vidas das personagens, resultando por vezes em descrições que se interrompem em vários pontos e que, numa análise provisória, pareceria mais oportuno uniformar no Texto Alvo. Porém cair na armadilha da alteração do Texto Fonte é um dos erros que o tradutor deve evitar [Eco, 2003:118], portanto optei por não intervir nele e manter o ritmo ditado pelo autor.



## Conclusões

Como Umberto Eco evidencia na obra *Dizer quase a mesma coisa*, o ato de traduzir configura-se como um processo pelo qual o tradutor, consciente da impossibilidade de dizer a mesma coisa na passagem da Língua Fonte para a Língua Alvo, estabelece uma negociação no plano semiótico. Isso permite-lhe afastar-se duma simples transposição de significado dum sistema linguístico para outro e considerar os aspetos extralinguísticos pertencentes aos sistemas culturais envolvidos.

Como explicitarei no capítulo 1 do presente trabalho, avancei uma proposta de tradução que não apenas assenta na Cultura Fonte, mas pretende também pô-la em destaque para que o leitor ideal do Texto Alvo entre em contato com ela. A escolha de manter inalteradas algumas palavras no Texto Alvo responde justamente ao propósito de centrar o foco da proposta no prototexto para viabilizar uma aproximação do leitor à obra, em vez duma dinâmica contrária que se foca no metatexto. Nesta perspetiva o risco que o tradutor corre é de deixar as marcas da sua presença ao longo do processo de tradução.

O texto analisado pertence ao gênero literário, uma categoria que raramente se presta a uma abordagem metodológica unívoca. Justamente por isso, as teorias escolhidas não representaram um padrão rígido, mas sim instrumentos de análise e guias na definição da proposta a avançar. A este propósito, o método elaborado por Christiane Nord representa uma ferramenta eficaz na deteção dos fatores intratextuais e extratextuais, porém demonstra a sua rigidez quando aplicado estritamente a textos literários, cujos matizes nem sempre encaixam em categorizações. Por isso demonstrou-se útil a combinação duma abordagem descritiva que tivesse em conta o texto no seu conjunto e colocasse o foco da atenção na passagem duma cultura para outra, embora o presente trabalho siga um percurso diferente daquele proposto por esta perspetiva metodológica.

Na qualidade de tradutor, deparei-me com a complexidade de encontrar e manter um equilíbrio não apenas entre os dois sistemas culturais, mas inclusive entre a macro-estrutura textual e as micro-estruturas; além disso a proximidade formal da Língua Fonte e Língua Alvo não deve ser interpretada como aspeto simplificador, já que o papel dos contextos culturais permanece central. A este propósito cabe recordar a preciosa ajuda

proporcionada pelo próprio autor na resolução de algumas dúvidas ao longo do processo de tradução. Como, por exemplo, a declaração dum personagem no terceiro capítulo que afirma “Havia aqui muitas máfias, mas não era bem a camorra” [Moura, 2013:15], para indicar a falta de sofisticação nos métodos de ação dos contrabandistas portugueses nas décadas de 60 e 70. O aspeto que torna curiosa a oração é o utilizo de duas palavras procedentes do contexto cultural italiano por um falante dum língua habitualmente reticente face aos termos estrangeiros. Nos dicionários daquela época apenas um estava registado, é o caso de *camorra* que, de acordo com o dicionário editado por António de Moraes Silva entre o final da década de 1940 e o início dos 1950, designa a “associação de malfeitores do antigo reino de Nápoles”<sup>12</sup> e, por extensão, “qualquer associação de malfeitores”<sup>13</sup>. Em dicionários mais recentes, o termo adquire a conotação de “organização criminosa”<sup>14</sup> e “qualquer organização que, à maneira da Camorra, antiga associação criminosa de Nápoles, formada por volta de 1820, recorre a métodos ilegais para a obtenção de lucros e de poder”<sup>15</sup>. Em relação à palavra *máfia*, além das definições ligadas à organização criminosa fundada no século XIX, regista-se nos dicionários uma característica procedente do significado originário do termo, relacionada com “coragem, bravura, excelência, elegância”<sup>16</sup>. Se se acrescentar a difusão, a partir dos anos 1970, de certa imagem do mafioso através de filmes como *Il padrino*, pode-se deduzir que o processo de assimilação da palavra *máfia* no imaginário coletivo português foi mais demorado com respeito à camorra, mas o termo *mafioso* manteve ao mesmo tempo certa conotação de modelo inspirador de sucesso que o membro da camorra desconhece. Isso reflete-se na oração examinada, pois a personagem reconhece nela, e não na outra, a organização poderosa e violenta que suscita ainda mais pavor do que os agentes da polícia.

Além disso, é possível supor que as máfias a que se refere a personagem não incluíssem apenas os grupos de traficantes, mas também os próprios agentes da Guarda Fiscal, que tiravam vantagem do contrabando. Frente a uma condição de pobreza que abrangia, de modos diferentes, as várias camadas sociais, todos os atores buscavam

---

<sup>12</sup> *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, p.807.

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, p. 653.

<sup>15</sup> *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 761.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 2345.



nesta prática uma forma de subsistência, inclusive aqueles que, supostamente, a deveriam combater.

Outro caso interessante e exemplo da dinâmica de perdas e compensações é o da frase “Em vida deste, foi demasiado cedo para o ter traído” [Id:90], emblemática da condição de confusão e conflito interior experimentado por Natália, protagonista feminina do capítulo 14. A falta de clareza na construção da frase impôs uma interpretação que se afasta do significado literal, pois a própria frase indica a traição como uma escolha que ainda não foi tomada, embora se trate duma prática recorrente mesmo antes da morte do Álvaro. Na tradução, que resulta em “Quando era vivo, era troppo presto per affrontare il tradimento”, transfere-se a atenção no dilema de enfrentar a traição, perdendo assim o aparente *nonsense*, indício do estado de confusão em que se encontra a personagem, porém compensado pela centralidade da dificuldade por parte dela de admitir ao marido e a si mesma a sua infidelidade.

Uma reflexão de natureza semântico-lexical é a que impõe a palavra “burreco” [Id:14], resultado da adição do sufixo diminutivo *-eco*, que tem valor pejorativo [Cunha, Cintra, 2005:94], ao substantivo masculino *burro*. Portanto a palavra *burreco* indicaria um “burro pequeno”, segundo a definição do dicionário Infopédia<sup>17</sup>, “burro fraco, ordinário”, segundo aquela do dicionário Priberam<sup>18</sup>, neste caso utilizado, porém, para designar um lugar onde há animais desta espécie.

Finalmente outro aspeto relevante é a heterogeneidade estilística; ao léxico rico de expressões idiomáticas e fórmulas coloquiais que caracteriza os diálogos entre as personagens e, de um modo geral, a fala das classes sociais desfavorecidas, alternam-se trechos em que o autor, através duma alteração do registo linguístico, privilegia formas de expressão mais rebuscadas; é o caso de algumas passagens em que descreve a paisagem envolvente e as sensações que esta suscita. Estas mudanças, por vezes subtís, no estilo implicaram um uso crítico dos dicionários de sinónimos a fim de dar conta desta riqueza estilística no texto de chegada. Esta alternância de estilo torna visível a distância geográfica e social das pessoas que vivem nesta zona de Portugal e proporciona a imagem dum espaço que parece cronologicamente estático, cuja imutabilidade acabou por desenterrar a sua insignificância.

---

<sup>17</sup> Infopédia. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/burreco> [última consulta a 19 de Fevereiro de 2019].

<sup>18</sup> Priberam. <https://dicionario.priberam.org/burreco> [última consulta a 19 de Fevereiro de 2019].

## Bibliografia

- ARROTEIA, J. C. (1983). *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- BERTAZZOLI, R. (2006). *La traduzione: teorie e metodi*. Roma: Carocci.
- CABRAL, A. (2000). *Entre a multiculturalidade e a interculturalidade: portugueses em França*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- CALVINO, I. (2011). *Le città invisibili*. Milano: Mondadori.
- CUNHA, C., Cintra, L. L. (2005). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- ECO, U. (2005). *Dizer quase a mesma coisa: sobre a tradução*. (Barreiros, J., trad.). Algés: Difel.
- FREI, C. (2002). *Tradução e recepção literárias: o projecto do tradutor*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.
- HÜSGEN, T. J. C. (2003). “Será que a montanha è sempre a mesma?”. In FONSECA, F. I.; BRITO, A. M.; DURTE, I. M.; GUIMARÃES, J. (ed.), *Língua portuguesa: estruturas, usos e contrastes* (pp. 355-366). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- HÜSGEN, T. J. C. (2004). “Coerência textual e tradução”. In OLIVEIRA, F., DUARTE, I. M. (ed.), *Da língua e do discurso* (pp. 403-415). Porto: Campo das Letras.
- LÉONARD, Y. (2017). *História de Portugal contemporâneo de 1890 aos nossos dias*. (Sampaio, J., trad.). Lisboa: Penguin Random House.
- LEVÝ, J. (2005). “Translation as a decision process”. In L. VENUTI (ed.), *The translation studies reader* (pp. 149-159). London, New York: Routledge.
- MARCATO, C. (2009). *Nomi di persona, nomi di luogo*. Bologna: Il Mulino.
- MOURA, P. (2013). *Longe do mar*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MUNDAY, J. (2001). *Introducing translation studies: theories and application*. London: Routledge.
- NETO, F. (1986). *A migração portuguesa vivida e representada: contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto: Centro de Estudos da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- NIDA, E. (2005). “Principles of correspondence”. In L. VENUTI (ed.), *The translation studies reader* (pp. 149-159). London, New York: Routledge.
- NORD, C. (2001). “Functionalism in Literary Translation”. In *Translating as a Purposeful Activity* (pp. 80-103). Manchester: St.Jerome.
- NORD, C. (2016). *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didáctica*. (Zipser, M. E., trad.). São Paulo: Rafael Copetti.

- OLIVEIRA, M. (1994). *Fomento rural e emigração*. Lisboa: Guimarães.
- REISS, K. (2005). "Type, kind and individuality of text". In L. VENUTI (ed.), *The translation studies reader* (pp. 160-171). London, New York: Routledge.
- ROSMANINHO, A. (2010). *Literatura de viagem: estórias sobre a história*. São Paulo: Ixtlan.
- SEIXO, M. A. (1964). *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Cosmos.
- SNELL-HORNBY, M. (2006). *The turns of translation studies: new paradigms or shifting viewpoints?*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- TOURY, G. (1995). *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins.
- VENUTI, L. (1995). *The Translator's Invisibility*. London, New York: Routledge.
- VENUTI, L. (1999). *L'invisibilità del traduttore: una storia della traduzione*. Roma: Armando.

## Dicionários

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo.
- BARROS, V. F. (2006). *Dicionário do falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Colibri.
- BATTAGLIA, S. (2004). *Grande dizionario della lingua italiana*. Torino: Unione tipografico-editrice torinese.
- BELTRAMINI, G., DONATI, E. (1963). *Piccolo dizionario veronese-italiano*. Verona: Vita veronese.
- BOCH, R, SALVIONI, C. (cur.) (2014). *Il Boch: dizionario francese-italiano italiano-francese*. Bologna: Zanichelli.
- DE MAURO, T. (2003). *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino: UTET.
- IDEM (2010). *Grande dizionario italiano dei sinonimi e contrari*. Torino: UTET.
- DEVOTO, G., OLI, G. C. (2004). *Dizionario della lingua italiana*. Firenze: Le Monnier.
- GALETTO, G. (cur.) (2004). *Dizionario veronese-italiano*. Verona: Athesis.
- HORNBY, A. S., DEUTER, M., TURNBULL, J., BRADBURY, J. (2015). *Oxford advanced learner's dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- HOUAISS, A., VILLAR, M., FRANCO, F. M. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- MEA, G. (2009). *O dicionário português: dicionário de italiano-português, português-italiano* (3rd ed). Porto: Porto, Bologna: Zanichelli.

MOREIRA, M. A. S. (2001). *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*. Porto: Porto.

PITTÀNO, G. (1998). *Dizionario fraseologico delle parole equivalenti, analoghe e contrarie*. Bologna: Zanichelli.

SANTOS, A. (1997). *Novos dicionários de expressões idiomáticas: potuguês*. Lisboa: João Sá da Costa.

SILVA, A. M. (1950). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência.

SIMÕES, G. A. (cur.) (1984). *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*. Lisboa: Perspectivas & Realidades.

### **Dicionários em linha**

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. (2019). Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/> (última consulta a 5 de Fevereiro de 2019).

DE MAURO. (2019). Vocabolario online della lingua italiana. Disponível em <https://dizionario.internazionale.it/> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

Linguee. (2019). Dicionário português-italiano. Disponível em <https://www.linguee.pt/> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

DPLP. (2019). Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

IATE. (2019). Interactive Terminology for Europe. Disponível em <https://iate.europa.eu/home> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

Infopédia. (2019). Dicionário da língua portuguesa em linha. Disponível em <https://www.infopedia.pt/> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

Treccani. (2019). Enciclopedia e vocabolario online. Disponível em <http://www.treccani.it/> (última consulta a 13 de Fevereiro de 2019).

### **Referências eletrónicas**

COUTINHO, A. P. (2005). O português migrante: uma leitura da revista Peregrinação. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, 1, 79-88. Instituto de Literatura comparada Margarida Losa. Universidade do Porto. Disponível em [http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc\\_number=000776428&local\\_base=FLUP](http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc_number=000776428&local_base=FLUP) (última consulta a 20 de Janeiro de 2019).

MATIAS, A. (2017). *Testemunho histórico do Eng. Eduardo Zúquete sobre os transportes terrestres*. Associação Portuguesa para o desenvolvimento dos Sistemas Integrados de Transportes. Disponível em

[https://www.adfersit.pt/pt/blog\\_conteudo/Arquivo%201](https://www.adfersit.pt/pt/blog_conteudo/Arquivo%201) (última consulta a 20 de Janeiro de 2019).

OUTEIRINHO, M. F. (2015). Les apports réflexifs d'une géographie littéraire pour la littérature de voyage. *Cadernos de Literatura comparada*, 33, 149-159. Instituto de Literatura comparada Margarida Losa. Universidade do Porto. Disponível em [http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc\\_number=000832388&local\\_base=FLUP](http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc_number=000832388&local_base=FLUP) (última consulta a 20 de Janeiro de 2019).

PEDROSO, M. I. (2012). *Emigração portuguesa: novas tendências?* (Tese de mestrado, Universidade do Porto). Disponível em [http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc\\_number=000809319&local\\_base=FLUP](http://catalogo.up.pt:80/F/?func=direct&doc_number=000809319&local_base=FLUP) (última consulta a 20 de Janeiro de 2019).

### **Outras referências eletrónicas**

Instituto Nacional de Estatística. (2018). Estatísticas do turismo 2017. Disponível em [https://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=337818965&att\\_display=n&att\\_download=y](https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=337818965&att_display=n&att_download=y) (última consulta a 22 de Janeiro de 2019).

Ministério das Obras Públicas e Comunicações. (1945). Decreto-Lei n.º 34593. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/241850> (última consulta a 22 de Janeiro de 2019).

Portalpimba. (2018). Repositório de música pimba. Disponível em <http://portalpimba.pt/> (última consulta a 15 de Janeiro de 2019).

Público. (2019, Janeiro 4). Good Morning America, sigam todos para a Estrada Nacional 2, “a Route 66” portuguesa. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/01/04/fugas/noticia/good-morning-america-sigam-estrada-nacional-2-route-66-portuguesa-1856652> (última consulta a 16 de Janeiro de 2019).

“Repórter à solta”. (2018). Blogue pessoal de Paulo Moura. Disponível em <http://blogs.publico.pt/reporterasolta/> (última consulta a 1 de Fevereiro de 2019).

Rodrigues, H. (2016, Maio 22). Faro e Chaves “mantêm a distância” para estimular turismo ao longo da EN2. Disponível em <https://www.sulinformacao.pt/2016/05/faro-e-chaves-mantem-a-distancia-para-estimular-turismo-ao-longo-da-en2/> (última consulta a 22 de Janeiro de 2019).

Site pessoal de Paulo Moura. (2018). Disponível em <http://paulomoura.net/> (última consulta a 1 de Fevereiro de 2019).

### **Imagens**

Foto de Paulo Moura: DIREITINHO, J. R. (2017, Janeiro 18). Ao desenhar um puzzle sobre o estado do mundo, Paulo Moura faz literatura. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/01/18/culturaipilon/critica/isto-anda-tudo-ligado-1758433#gs.Kw8pORLo> (última consulta a 18 de Janeiro de 2019).

Mapa das unidades territoriais de Portugal: Ministério das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente. (2002). Decreto-Lei n.º244/2002. Disponível em <https://dre.pt/application/file/a/424781> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Mapa da rota da Estrada Nacional 2: BARRIO, J. M. (2018, Outubro 12). Ocho rutas para enamorarse de Portugal. Disponível em [https://elviajero.elpais.com/elviajero/2018/10/11/actualidad/1539248170\\_934581.html](https://elviajero.elpais.com/elviajero/2018/10/11/actualidad/1539248170_934581.html) (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Lamego: Notícias de Lamego (2014, Julho 20). Linha férrea de Lamego-Réguas. Disponível em <http://noticiasdelamego.com/2014/07/linha-ferrea-de-lamego-regua-historia/> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Mazes: HARRIS, E.P. (2015, Março 2). Portugal daily life. Disponível em <http://darkroom.baltimoresun.com/2015/03/daily-life-in-february-pictures-in-the-news/ap-portugal-daily-life-2/> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Livraria do Mondego: Site da Câmara Municipal de Penacova. Disponível em <http://www.cm-penacova.pt/pt/pages/livrariadomondego> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Vale do Zêzere: ARMSTRONG, K. (2017). The Serra da Estrela: exploring Portugal's 'star mountain'. Disponível em <https://www.lonelyplanet.com/portugal/parque-natural-da-serra-da-estrela/travel-tips-and-articles/the-serra-da-estrela-exploring-portugals-star-mountain/40625c8c-8a11-5710-a052-1479d2769939> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Centro Geodésico em Vila de Rei: AIRES, R.(2016, Setembro 26). Voz aos autarcas: Ricardo Aires – Vila de Rei. Disponível em <http://www.mediatejo.net/voz-aos-autarcas-ricardo-aires-vila-de-rei-4/> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

Aldeia da Luz: ANTUNES, L. (2018, Maio 11). Do Alentejo se vê a grandeza do mundo. Disponível em <https://www.360meridianos.com/2017/07/do-alentejo-se-ve-a-terra-toda.html> (última consulta a 19 de Fevereiro de 2019).

## Resumo

Il presente elaborato di tesi consiste in una proposta di traduzione del racconto di viaggio intitolato *Longe do mar* del giornalista e scrittore portoghese Paulo Moura. L'opera scelta si compone di una serie di racconti redatti durante il viaggio compiuto dall'autore lungo la Estrada Nacional 2 nell'estate del 2007, inizialmente pubblicati sulla piattaforma online del giornale Público, e successivamente raccolti e organizzati in un testo omogeneo edito nel 2013. Al viaggio nello spazio, lungo la strada più estesa del paese che si sviluppa nell'entroterra portoghese, si sovrappone un viaggio nel tempo, nel passato, in cui, attraverso il racconto delle esperienze di vita dei personaggi, spiccano gli stratagemmi per sopravvivere alla miseria, i successi e gli insuccessi a livello economico e i relativi effetti sulla popolazione, come le ondate di emigrazione che tra gli anni '60 e '80 coinvolsero principalmente questa zona del paese. Così facendo l'autore immortala una serie di scenari che rimandano ad un paese quasi interamente scomparso su cui tuttavia invita il lettore a riflettere, in un'ottica di riconciliazione con una periodo della storia recente a tratti tormentato.

La realizzazione del presente lavoro di tesi è stata svolta con l'intento di fornire al potenziale lettore italiano un punto di vista orientato su un'area geografica spesso ignorata a favore della zona costiera, centro produttivo e, da secoli, via privilegiata di comunicazione con l'esterno in ambito economico e culturale, attraverso testimonianze dirette con cui il lettore potrebbe potenzialmente trovare dei tratti di affinità.

Dal punto di vista metodologico, l'approccio al testo si è sviluppato seguendo due direttrici che, nonostante le differenze, propendono per una visione dell'opera nella sua interezza: all'analisi di stampo funzionalista del testo di partenza, che si rifà al modello avanzato dalla traduttrice e teorica della traduzione Christiane Nord, si affianca un approccio descrittivo all'opera sulla base della proposta del linguista Gideon Toury, il quale colloca al centro dell'analisi le due tradizioni culturali coinvolte nel processo di traduzione, con il proposito di sostituire quest'ultimo a una pratica di tipo prescrittivo centrata sul passaggio da un sistema linguistico all'altro. Secondo questo approccio, ogni traduzione scaturisce dalla scelta del traduttore tra i due poli opposti di cultura di partenza e cultura di arrivo che avrà come risultato una traduzione di carattere

“estraniante” o “addomesticante”, utilizzando la terminologia proposta da Lawrence Venuti nel saggio *The translator's invisibility*.

L'impostazione presentata in questo elaborato di tesi privilegia un criterio “estraniante” con il proposito di avvicinare il potenziale lettore italiano al contesto culturale di partenza, scelta che, a livello lessicale, si è tradotta anche nel mantenimento di alcuni termini della lingua di partenza, come *pimba*, che designa uno specifico genere musicale portoghese.

Trattandosi di un testo letterario, genere che difficilmente si presta a un unico approccio metodologico, è stato necessario applicare le teorie della traduzione selezionate in modo elastico e ricorrere al prezioso aiuto dell'autore per la risoluzione di alcuni dubbi.